

CYBELE CAROLINA MORETTO

**EXPERIÊNCIAS COM UM GRUPO DE
ADOLESCENTES: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

PUC-CAMPINAS

2013

CYBELE CAROLINA MORETTO

**EXPERIÊNCIAS COM UM GRUPO DE
ADOLESCENTES: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida - PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Antonios Terzis

PUC-CAMPINAS

2013

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t616.8914 Moretto, Cybele Carolina.
M845e Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico / Cybele Carolina Moretto. - Campinas: PUC-Campinas, 2012.
165p.

Orientador: Antonios Terzis.
Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

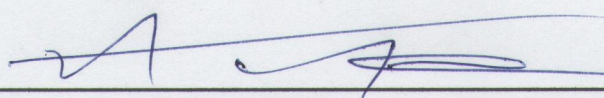
1. Psicoterapia do adolescente. 2. Psicoterapia de grupo. 3. Psicanálise. 4. Saúde mental. I. Terzis, Antonios. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t616.8914

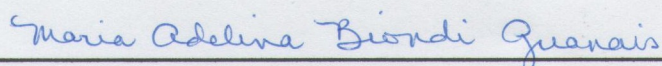
CYBELE CAROLINA MORETTO

**EXPERIÊNCIAS COM UM GRUPO DE
ADOLESCENTES: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

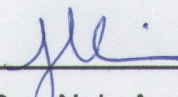
BANCA EXAMINADORA



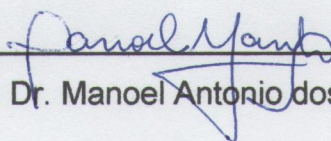
Presidente Prof. Dr. Antonios Terzis



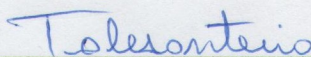
Profa. Dra. Maria Adelina Biondi Guanais



Profa. Dra. Nely Aparecida Guernelli Nucci



Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos



Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

PUC-CAMPINAS

2013

EPIGRAFE

Deve ser feito um trabalho... onde surge o inconsciente: de pé, sentado ou reclinado; individualmente, em grupo ou na família, em toda parte em que a pessoa possa deixar falar suas angústias e suas fantasias a alguém capaz de ouvi-las e em condições de explicá-las (Didier Anzieu)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos adolescentes que puderam confiar e compartilhar no grupo suas emoções e experiências subjetivas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Antonios Terzis, pela sabedoria e afeto, pelas vivências generosamente compartilhadas, pela serenidade, firmeza e pela confiança construída durante esses seis anos de convivência.

Aos meus amados pais, Dorival Celso Moretto e Sonia Moretto, pelo amor e limites claros que me propiciaram tolerar angústias e dificuldades e manter a capacidade de perseverar em momentos difíceis, admiro muito os dois. Este doutorado também é uma conquista de vocês.

Ao meu irmão, Marcelo Augusto Moretto, pelo carinho, exemplo de luta, persistência, busca pela verdade e realização.

Ao meu marido, Jorge Félix, pelo inesgotável incentivo, pela paciência de esperar e pelo apoio incondicional a todas as minhas decisões, independente de concordar com elas.

À diretoria e aos técnicos da Instituição onde foi realizada essa pesquisa, por toda a disponibilidade, valorização e reconhecimento do meu trabalho, em especial, Maria Célia L. Antunes.

Ao grupo de pesquisa CNPq *Psicanálise e Grupalidade* da PUC-Campinas, em particular a amiga Carla Pontes Donnamaria, pelas trocas constantes e apoio mútuo.

Aos professores de todas as disciplinas do Doutorado, por seus ensinamentos preciosos, em especial prof. Dr. Dinael Correa de Campos e profa. Dra. Fátima Rosely Schette, que forneceram contribuições decisivas para esta tese na fase de qualificação.

À Comissão Julgadora que contribuiu de forma valiosa para esta tese na defesa, pelas sugestões de trabalhos futuros e por terem sido tão amáveis e cuidadosos: Profa. Dra. Maria Adelina Biondi Guanais (PUCC), Profa. Dra. Nely Aparecida Guernelli Nucci (PUCC), Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos (USP) e Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro (UFG).

Às funcionárias da secretaria da Pós-Graduação da PUC-Campinas, Eliane, Elaine e Maria Amélia, por sempre estarem dispostas a ajudar.

À Dra. Suse H. Pedroso Dias, Evalci das Graças G. de Almeida, Rosely Maria Garrafa P. Oliveira Dias (Tily) e Myriam N. de Andrade Ortolan, pelas generosas contribuições profissionais e pessoais.

A todos meus amigos, principalmente, àqueles que compreenderam o meu afastamento de seu convívio para que eu pudesse me dedicar à tese e sempre torceram por mim: Elvira Cairo, Roberta B. Gabriotti, Liliana M. Beirigo, Lilian Ercolin, Patrícia N. Veloso, Simone P. Conejo, Gertrudes Mausí e Maria Aparecida M. Freitas.

Ao grupo de profissionais do Ambulatório de Saúde Ocupacional, pela compreensão e apoio constante.

À CAPES, agência financiadora da bolsa de estudos.

Muito obrigada a todos!

SUMÁRIO

Resumo.....	i
Abstract	ii
Resumen.....	iii
APRESENTAÇÃO	01
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
I – A questão do grupo na psicanálise.....	8
II – Considerações sobre a adolescência: definições e característica.....	17
III – O adolescente para a psicanálise.....	19
IV – A tendência grupal na adolescência: alguns estudos relacionados ao tema.....	26
V – Os mitos gregos: interpretação psicanalítica.....	32
OBJETIVOS.....	37
I - Objetivo geral.....	38
II - Objetivos Específicos.....	38
MÉTODO.....	39
I – Participantes.....	41
II - Campo de Pesquisa.....	43

III – Instrumento.....	44
IV – Procedimentos.....	46
1 - O funcionamento do grupo.....	47
2 - O papel da pesquisadora e o registro das sessões	47
V - Análise do material.....	48
RESULTADOS, ANÁLISE e DISCUSSÃO.....	51
I – Primeira sessão.....	53
II – Terceira sessão.....	66
III – Quinta sessão.....	80
IV – Oitava sessão.....	100
V – Décima sessão.....	112
VI – Décima segunda sessão.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	144
ANEXOS.....	160
Anexo I - Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC- Campinas.....	161
Anexo II - Carta de Autorização da Instituição.....	162
Anexo III - Termo de Compromisso para utilização de dados de Prontuários.....	163
Anexo IV - Termo de Consentimento livre e esclarecido.....	164

RESUMO

Moretto, Cybele Carolina. *Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico*. 2013. 165f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2013.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e descrever algumas formações psíquicas (intrapíquicas e intersubjetivas) produzidas no aqui-agora de um grupo de adolescentes; analisar a estrutura e o funcionamento para realizar o psicodiagnóstico da realidade psíquica do grupo; e compreender se o grupo se constitui em dispositivo terapêutico, sensibilizando os participantes aos fenômenos do grupo. O estudo se fundamentou no aporte teórico-metodológico da Psicanálise aplicada aos Grupos. Foi realizado um grupo fechado com oito adolescentes, de ambos os sexos, entre quatorze e dezesseis anos de idade, residentes em uma cidade da região sudoeste do estado de São Paulo. Foram realizadas doze sessões, uma vez por semana, de noventa minutos cada, em um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência. As sessões grupais foram orientadas pela concepção de *Grupo de Diagnóstico*, sendo utilizada a regra da *Associação Livre*, de modo que os adolescentes tinham a liberdade de falarem entre si seus sentimentos, pensamentos e fantasias produzidas e reativadas no grupo, a partir da leitura de narrativas míticas, que disponibilizamos em cada uma das sessões como um recurso para facilitar o processo associativo grupal. As sessões foram gravadas para posterior transcrição, análise, interpretação e discussão. O material foi analisado qualitativamente, a partir da técnica da *Interpretação dos sonhos*, visando, assim, ultrapassar a mera descrição do conteúdo explícito das falas dos adolescentes. Os resultados mostraram que os adolescentes se sensibilizaram aos fenômenos psíquicos do grupo, possibilitando a compreensão do processo de grupo e de seu funcionamento. O estudo comprovou que o grupo se constituiu um dispositivo terapêutico pertinente para a promoção de autoconhecimento, proporcionando compreensão e alívio emocional aos seus participantes. Concluímos que o grupo, como objeto de catexias psíquicas e sociais, foi um espaço de confrontos e de laços afetivos, depositário de imagens, emoções e conflitos dos adolescentes; um lugar para a realização dos desejos reprimidos e de manifestação do inconsciente dos participantes. Concluímos, finalmente, que as narrativas míticas se constituíram como um instrumento de investigação, facilitaram aos adolescentes a se identificar com os heróis míticos e a expressar seus sentimentos, desejos e fantasias, desencadeando o processo transferencial e a intersubjetividade no grupo.

Termos de indexação: adolescência, psicanálise, grupalidade, saúde mental, mitos gregos.

ABSTRACT

Moretto, Cybele Carolina. *Experiments with a group of teenagers: a psychoanalytic study*. 2013. 165f. Thesis (Doctoral in Psychology) – Pontifical Catholic University of Campinas, Life Sciences Center, Post-Graduation Program in Psychology, Campinas/SP, 2013.

This research aims to investigate and describe some psychic formations (intrapsychic and intersubjective) produced in the here and now of a group of adolescents; to analyze the structure and operation to perform the psychodiagnostic of psychic reality of the group; and understand if the group constitutes therapeutic device, sensitizing participants to the phenomenon of the group. The study was based on the theoretical and methodological framework of Psychoanalysis applied to Groups. It formed a closed group with eight adolescents of both sexes, between fourteen and sixteen years of age, living in a city in the southwest region of the state of São Paulo. Twelve sessions were held, once a week, ninety minutes each, in a Psychosocial Care Center for Children and Adolescents. The group sessions were guided by the concept of *Diagnostic Group*, using the rule of *Free Association*, so that the teenagers had free to talk to one another their feelings, thoughts and fantasies produced and reactivated in the group, from reading of mythic narratives that provide adolescents in each of the sessions as a resource to facilitate the process associative group. The sessions were recorded for later transcription, analysis, interpretation and discussion. The material was analyzed qualitatively, from the technique of *Dream interpretation*, aiming, which goes beyond the mere description of the explicit content of the speech of teenagers. The results showed that adolescents sensitized to psychic phenomena of group, enabling the understanding of the group process and its operation. The study found that the group has been a therapeutic device relevant to the promotion of self-knowledge, providing understanding and emotional relief to its participants. We conclude that the group, as object cathexes psychic and social, was a space of confrontation and emotional bonds, depository of images, emotions and conflicts of teenagers; a place for the realization of repressed desires and unconscious manifestation of the participants. We conclude, finally, that the mythical narratives constituted as a research tool, facilitated adolescents to identify with the mythical heroes and express their feelings, desires and fantasies, triggering the process of transference and intersubjectivity in the group.

Index terms: adolescence, psychoanalysis, groupality, mental health, Greek myths.

RESUMEN

Moretto, Cybele Carolina. *Experiencias con un grupo de adolescentes: un estudio psicoanalítico*. 2013. 165f. Tesis (Doctorado en Psicología) – Pontificia Universidad Católica de Campinas, Centro de Ciencias de la Vida, Programa de Posgrado en Psicología, Campinas/SP, 2013.

Esta investigación tiene como objetivo investigar y describir algunas formaciones psíquicas (intrapsíquico e intersubjetivo) producidas en el aquí y ahora de un grupo de adolescentes; analizar la estructura y funcionamiento para realizar el psicodiagnóstico de la realidad psíquica del grupo; y entender si el grupo constituye dispositivo terapéutico, sensibilizando los participantes a los fenómenos del grupo. El estudio se ha basado en el marco teórico y metodológico del Psicoanálisis aplicado a Grupos. Se formó un grupo cerrado con ocho adolescentes de ambos sexos, entre los catorce y los dieciséis años de edad, que viven en una ciudad en la región suroeste del estado de São Paulo. Doce sesiones se llevaron a cabo, de una vez por semana, noventa minutos cada una, en un Centro de Atención Psicosocial de la Niñez y la Adolescencia. Las sesiones de grupo fueron guiadas por el concepto de *Grupo de Diagnóstico*, usando la regla de la *Asociación Libre*, por lo que, los adolescentes eran libres de hablar el uno al otro sus sentimientos, pensamientos y fantasías producidas y reactivó en el grupo, desde la lectura de los relatos míticos que disponibilizamos proporcionan los adolescentes en cada una de las sesiones como una recurso ayuda para facilitar el proceso de grupo asociativo. Las sesiones fueron grabadas para su posterior transcripción, análisis, interpretación y discusión. El material fue analizado cualitativamente, mediante la técnica de la *Interpretación de los sueños*, con el objetivo de ir más allá de la mera descripción de los contenidos explícitos del discurso de los adolescentes. Los resultados mostraron que los adolescentes sensibilizaron al los fenómenos psíquicos de lo grupo, lo que permite la comprensión del proceso del grupo y su funcionamiento. El estudio encontró que el grupo ha sido un dispositivo terapéutico relevante para la promoción de auto-conocimiento, proporcionando la comprensión y alivio emocional a sus participantes. Llegamos a la conclusión de que el grupo, como investiduras de objeto psíquico y social, fue un espacio de confrontación y vínculos emocionales, depósito de imágenes, emociones y conflictos de los adolescentes, un lugar para la realización de los deseos reprimidos y de manifestación del inconsciente de los participantes. Se concluye, por último, que las narraciones míticas constituyeron como una herramienta de investigación, facilitaron a los adolescentes a identificarse con los héroes míticos y expresar sus sentimientos, deseos y fantasías, lo que provocó el proceso de transferencia y la intersubjetividad en el grupo.

Términos para indexación: adolescencia, psicoanálisis, grupalidad, salud mental, mitos griegos.

APRESENTAÇÃO

O presente estudo faz parte de minha trajetória profissional de atendimento clínico a grupos, em consultório particular e em instituição, que teve início, em 1998, no primeiro ano acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP, através de uma oportunidade de estágio voluntário em uma instituição de saúde mental da infância e adolescência. Esta instituição promove um atendimento, baseado na modalidade grupal, voltado para a população carente que apresenta transtornos psíquicos diversos, visando o desenvolvimento nas áreas emocional, cognitiva e social. Após a conclusão da Graduação, houve a possibilidade de continuar trabalhando nesta instituição como psicoterapeuta de grupo de crianças e adolescentes. A experiência com grupos de adolescentes, assim como o contato mantido com os pais, educadores e profissionais da equipe de tal entidade, e posteriormente com os técnicos do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPS-IA), motivaram a elaboração desta tese.

A faixa etária da adolescência constitui uma grande parcela da população que procura atendimento sendo um grupo identificado como vulnerável e de risco. Por estar em processo de amadurecimento, o adolescente com seus conflitos internos, contradições e questionamentos, necessita de atenção para que se desenvolva e torne-se um adulto pleno e realizado. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. Já de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069 de 13/07/90), é considerado adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade. Consideramos que essa diferença de idade de início da adolescência é pouco

relevante frente a todas as modificações biológicas, psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas que caracterizam esse período da vida.

Para dimensionar a magnitude e a necessidade de pesquisas e de atenção a esta fase da vida, constatamos no último Censo Demográfico Brasileiro, realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de mais de 34 milhões de adolescentes, ou 18% da população brasileira, entre 10 e 19 anos. Além disso, de acordo com a OMS (2003), os transtornos mentais são comuns durante a infância e adolescência, em termos de prevalência, em torno de 20% sofrem de algum distúrbio. Também são preocupantes os dados estatísticos do Ministério da Saúde, conforme estudo de Souza, Minayo e Malaquias (2002), sobre as causas de morte da população entre 14 e 24 anos; constatou-se que o número de suicídios nessa faixa etária cresceu 43% entre os anos estudados. Ramires *et al* (2009) afirmam que o suicídio é a terceira causa de morte entre os adolescentes. Segundo Braga (2009), os adolescentes estão morrendo muito mais devido às causas emocionais do que por motivos biológicos ou sociais.

Baseado nos dados acima e em nossas observações clínicas, a preocupação com a adolescência se refere a um conjunto de manifestações, as quais se apresentam com uma frequência cada vez maior, como a agressividade exacerbada, depressão, transtornos de alimentação, dificuldade de relacionamento com os pais, problemas escolares, alcoolismo, fumo, drogas, gravidez, aborto e doenças sexualmente transmitidas. Por isso, justificam-se as angústias daqueles que estão em contato direto com a adolescência, como a família, os educadores e os profissionais da saúde.

Em relação a estudos com essa faixa etária, conforme levantamento de Benetti *et al* (2007), acerca da produção nacional de artigos indexados em periódicos nacionais sobre a saúde mental na adolescência, constata-se o crescimento da produção científica nos últimos anos, demonstrando que está sendo reconhecida a necessidade e a importância de pesquisas sobre o adolescente. No entanto, Benetti *et al* (2007) e outros (Fleitlich & Goodman, 2002; Schneider & Ramires, 2007) afirmam que na comparação com as demais faixas etárias, ainda são poucos os estudos desenvolvidos com adolescentes e que a maioria está voltada somente para a identificação dos problemas destes, carecendo de estudos que contribuam trazendo novos métodos e técnicas de intervenção clínica.

Parte dessa carência pode ser explicada pela dificuldade técnica no atendimento a adolescentes. Alguns estudos (Barugel, 2001; Deakin & Nunes, 2009; Isolan, 2009) apontam para o considerável número de abandonos durante o tratamento e a dificuldade do adolescente em permanecer em atendimento terapêutico, respeitando as propostas do enquadre. Anastasopoulos (2007, p. 358) afirma que “a psicoterapia com adolescentes é difícil, requer alto grau de flexibilidade, firmeza, sensibilidade e compreensão” (tradução nossa). Minha pesquisa de Mestrado com uma equipe técnica interdisciplinar de saúde mental da infância e adolescência (Moretto, 2008) também revelou as dificuldades dos profissionais com o tratamento psicológico de adolescentes. Por isso, a exigência por constante aprimoramento teórico e técnico, e a busca por estratégias eficazes de atendimento aos adolescentes.

Outra razão que motivou este estudo foi o interesse em me aprofundar nas pesquisas sobre a Psicanálise aplicada em situações de grupo. A

possibilidade de aplicar a técnica de grupo em contextos diferenciados como as instituições e as escolas, reitera que, além de ser uma técnica eficaz para a compreensão do ser humano, o grupo também facilita o estudo de um número maior de pessoas que podem ser reunidas em um mesmo espaço e tempo (conforme estudos recentes de nosso Grupo de Pesquisa CNPq *Psicanálise e Grupalidade* da PUC-Campinas¹).

Acreditamos, ainda, que este trabalho pode auxiliar na compreensão da adolescência e propor novas estratégias de prevenção e intervenção em saúde mental desta faixa etária, tendo como característica a psicoprofilaxia (Bleger, 1984). Além de uma atenção direta aos adolescentes, este estudo pretende oferecer subsídios para aqueles que estão em contato com a adolescência em diversos contextos. Nesse sentido, construiu-se esse trabalho de pesquisa, que se propõe a investigar e compreender os processos psíquicos de um grupo de adolescentes, sob o olhar da psicanálise aplicada aos grupos.

No que concerne à fundamentação teórica, apresentaremos no primeiro capítulo a questão do grupo na psicanálise, considerando algumas questões sobre a grupalidade, os conceitos e as principais teorias de grupo. No segundo, terceiro e quarto capítulos, traremos as definições, a questão histórica, as características da fase da adolescência e diferentes contribuições científicas na atualidade. No quinto capítulo, intitulado “Os mitos gregos: interpretação psicanalítica”, exporemos algumas compreensões sobre os mitos, a partir dos conceitos psicanalíticos, bem como sua função de representar os conflitos do ser humano ao longo da história.

¹ O conjunto desta produção pode ser encontrado no curriculum lattes do prof. Antonios Terzis, líder do grupo de pesquisa.

Em seguida, apresentaremos os objetivos e o método utilizados nesta pesquisa, descrevendo os propósitos deste estudo, a técnica e os procedimentos adotados para realizá-lo. No capítulo seguinte, apresentaremos as sessões do grupo de adolescentes, as análises e discussões. Em relação ao capítulo Considerações Finais, foram separados os principais resultados encontrados em cada um dos objetivos propostos. Ao final, localizam-se as referências bibliográficas utilizadas para compor este estudo, e os anexos, que consistem na carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas, na carta de Autorização da Instituição que foi realizada a pesquisa, no Termo de Compromisso para Utilização de Dados de Prontuários e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos adolescentes e seus pais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

I - A QUESTÃO DO GRUPO NA PSICANÁLISE

O objetivo deste capítulo é introduzir a questão do grupo na psicanálise, apoiando-se por um lado, nos trabalhos de Freud (1913, 1921, 1930) e Bion (1961), e por outro lado, nos estudos e nos conceitos do Círculo de Estudos Franceses para a Formação e a Pesquisa em Psicanálise (CEFFRAP), escola desenvolvida pelos psicanalistas Pontalis (1963), Anzieu (1966) e Kaës (1976a), sobre o método e a clínica da situação psicanalítica de grupo.

Iniciemos pela etimologia da palavra *grupo*, a qual surgiu no século XVII, na Itália, quando se empregou a palavra para mostrar uma pintura retratando um conjunto de objetos. No século XVIII, a palavra *grupo* foi utilizada pela primeira vez na França, para designar uma reunião de pessoas e uma ideia de conjunto. Os lingüistas relacionam a palavra *grupo* com *laço* ou *nó*, ou *massa circular*. Segundo Anzieu e Martin (1971), a ideia de um *círculo* está na origem da palavra e sua etimologia demonstra duas linhas de força que encontramos na vida dos grupos: a ideia de *nó*, como o laço que conecta os indivíduos, e a ideia de *massa arredondada* pode ser associada com a imagem do corpo, coeso, determinado e delimitado. Ainda, de acordo com Anzieu e Martin (1971), o termo grupo é usado para estudar e qualificar os processos psíquicos de grupo e a expressão grupalidade serve para designar o conjunto das características internas essenciais para o grupo. Destacamos que a representação do grupo como corpo confirma o conceito kleiniano a propósito das fantasias infantis relacionadas ao conteúdo e a forma do corpo materno (Terzis, 1997).

Freud, apesar de nunca ter atendido a grupos com fim de psicoterapia, apresentou importantes contribuições teóricas à psicologia dos grupos humanos em: “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921) e “Mal estar na civilização” (1930). Muitas das suas teorias deram sustentação para a compreensão sobre a psicologia dos grupos e foram utilizadas por diversos autores para constituir o alicerce de seus trabalhos grupais. Freud (1921) desenvolveu seus estudos sobre a psicologia dos grandes grupos, como o exército e a igreja e afirmou que não há diferenças essenciais entre a psicologia individual e a psicologia social:

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos, contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido com um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1921, p.91).

Freud (1921) enfatizou o estudo dos relacionamentos interpessoais e dos fenômenos sociais, visando compreender o que faz um grupo permanecer unido e utilizou a teoria da libido. Na definição do termo libido, o autor se refere: “à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (...) daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra amor” (op.cit., p.115). Portanto, para o autor, além do objetivo natural de união sexual, a palavra amor inclui “por um lado, o amor próprio, e por outro, o amor pelos

pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas” (Freud, 1921, p.115). Segundo Freud (1921), todos esses caminhos constituem expressões do mesmo impulso instintual, mas, nas circunstâncias além do objetivo sexual, esses impulsos são desviados da finalidade ou impedidos de atingi-la. Aplicando esse conceito ao grupo, a suposição de Freud é de que os laços emocionais, formados pela libido, constituem a essência da mente grupal, fazendo um grupo permanecer unido:

um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder essa façanha poderia ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?(...) E nossa atenção será atraída em primeiro lugar por uma consideração que promete levar-nos da maneira mais direta a uma prova de que os laços libidinais são o que caracteriza um grupo (Freud, 1921, p.117)

Destacamos outro conceito freudiano considerado relevante para a formação de um grupo: a identificação. Freud (1921) distingue três modalidades do termo: a) identificação pré-edipiana, como forma originária do laço emocional com um objeto; b) como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada; e c) como uma qualidade compartilhada com alguém, o sujeito pode identificar-se com o outro na medida em que ambos têm em comum um elemento (por exemplo, o desejo de ser amado). O autor contrapõe a identificação que constitui ou enriquece uma instância da personalidade, ao processo inverso, em que o objeto é colocado no lugar de uma instância, como por exemplo, o caso de um líder que substitui o ideal do ego dos membros de um grupo. A partir do conceito de libido como a energia que promove laços,

Freud (1921) afirma que tais laços se formam pela via da identificação e a libido retorna ao ego para investir nos objetos narcisicamente. No grupo, a identificação só se torna possível porque o sujeito abandona seu ideal do ego e o substitui pelo ideal do grupo, corporificado na figura do líder.

Segundo Terzis (1997), para entender o processo grupal, Freud utilizou o conceito de Complexo de Édipo, enquanto que os autores pós-freudianos compreenderam as ansiedades e as formações psíquicas enquanto conflitos primitivos e anteriores ao Édipo. De acordo com a teoria freudiana, o grupo é descrito como uma repetição de relações do grupo de família, como um protótipo de todos os grupos, decorrente disso é que os grupos deveriam aproximar-se dos padrões neuróticos, enquanto que, na opinião de Bion (1961), apoiado em conceitos kleinianos, os grupos se aproximam dos padrões de funcionamento mais regressivo.

Passemos, a seguir, a tratar de alguns conceitos formulados por Bion (1961). O autor apresentou relevante contribuição para o estudo dos grupos humanos em um momento de significativas transformações sociais, econômicas e políticas. Bion elaborou seu trabalho sobre os grupos a partir das suas experiências no período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, dirigindo sua atenção para os níveis mais primitivos da vida mental. Dentre seus principais conceitos, assinalamos o de *mentalidade grupal*. Bion (1961) explica que os participantes do grupo entram em um processo de regressão, cuja característica principal é a de colocar em primeiro plano, os aspectos mais primitivos do funcionamento mental.

Bion (1961) aponta três classes principais de fantasias que caracterizam os pressupostos básicos da mentalidade grupal: 1) dependência: nesse caso, o

grupo está convencido, inconscientemente, de que se reuniu na expectativa de que o líder irá satisfazer todas as suas necessidades e desejos; 2) luta e fuga: para manter a existência, o grupo age como se tivesse necessidade de escapar, e ao mesmo tempo, atacar, qualquer coisa ou pessoa; 3) acasalamento: existe a crença coletiva inconsciente de que, quaisquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo estes serão resolvidos por um acontecimento agradável no futuro como, por exemplo, o nascimento de um filho, ainda não concebido, que será o salvador do grupo.

Para Bion (1961) tanto no plano individual, como no plano grupal, existem aspectos de regressão e de evolução da personalidade e, dois níveis de funcionamento psíquico inter-relacionados entre si: o nível consciente e o nível inconsciente. Esses níveis do funcionamento mental se colocam como instâncias presentes e antagônicas. Para o autor, não há um verdadeiro crescimento sem a coexistência do aspecto evoluído (nível consciente) com o aspecto primitivo (nível inconsciente). Somente quando o aspecto evoluído entra em ressonância com o primitivo, tirando-o de seu isolamento, é que ocorre o verdadeiro desenvolvimento do grupo e da personalidade do indivíduo.

A partir da década de 1960, autores como Pontalis (1963), Anzieu (1966) e Kaës (1976a) trouxeram contribuições para o estudo psicanalítico dos grupos. Esses autores estabeleceram que os grupos se constituem dentro de um referencial corporal, como um objeto, supondo-se que no seu interior ocorre a organização da energia psíquica de forma semelhante ao que se passa na mente de um indivíduo.

O princípio dos estudos franceses foi considerar que:

somente um grupo que concede a si próprio um mínimo de regras de funcionamento para pôr em evidencia os processos e formações do inconsciente, (...) e para produzir efeitos de análise, somente um tal grupo pode encontrar-se numa disposição favorável para fazer a experiência da realidade psíquica grupal e obter seu conhecimento psicanalítico (Kaës, 1976a, p.77).

Em 1963, Pontalis escreveu “O pequeno grupo como objeto” considerando o grupo como objeto de investimento pulsional e de representações inconscientes. Esse conceito de grupo-objeto surgiu a partir de uma evolução dos estudos que o autor realizou acerca da teoria e prática dos grupos, formulando o postulado de grupo como sendo um objeto de catexias psíquicas e sociais susceptíveis de organizar a estrutura e o processo grupal. O grupo, como objeto de representação, opera como realidade estruturada e atuante, capaz de formar não somente fenômenos psíquicos (devaneios, imagens) como também fenômenos sociais. Para Pontalis (1963), esse *organismo-grupo* não é um objeto real, concreto, mas um objeto representado, ou seja, na mente de seus membros ele representa a imagem de um corpo.

O trabalho de Anzieu (1966) dá continuidade, em parte, às proposições de Pontalis. Anzieu defendeu a tese segundo a qual o grupo é como um sonho. Um grupo é um encontro de pessoas, em um espaço de confrontos e de laços entre os participantes, fora de qualquer referência social. É a partir da perspectiva do grupo como objeto de investimento pulsional que o autor irá propor a analogia do grupo com o sonho e o conceito de ilusão grupal:

Primeiramente, o desejo realizado no grupo e no sonho é um desejo reprimido no dia anterior (...). O desejo, realizado no grupo e no

sonho, é um desejo reprimido de infância (...) o psicanalista de grupo sempre soube que a situação de grupo livre promove uma regressão. (...) Um terceiro enunciado: o desejo, no grupo e no sonho, diz mais respeito ao desejo fixado em um sintoma ou uma estrutura patológica que ao desejo emergindo do inconsciente, (...) não compreendido. (Anzieu, 1966, p.48).

As afinidades e as contradições no grupo florescem. Os desejos individuais, sempre presentes buscam sua realização. Desta forma, o grupo, como um sonho, opera de uma forma fantasmática na vida das pessoas.

Um sonho é um fenômeno psíquico que ocorre durante o sono, constituído por imagens e emoções que se apresentam à mente das pessoas, guardando uma relação com o mundo real das mesmas. De acordo com Anzieu (1966), semelhante aos sonhos, as pessoas depositariam imagens, pensamentos e emoções nos grupos, os quais funcionariam como uma tela de cinema, na qual seus membros projetariam um filme, cujas imagens seriam aquelas das suas próprias vidas. A proposta de Anzieu (1966) revela que na estrutura do grupo e do sonho há uma similaridade de funcionamento: no grupo as fantasias subjacentes são evocadas e a dinâmica interna dos elementos para a realização dos desejos inconscientes são replicados como uma *tópica projetada*.

Anzieu (1966) entende que o acesso ao inconsciente grupal pode seguir o mesmo modelo que Freud (1900) formulou para a compreensão da manifestação do sonho que, ao ser associado ao grupo, torna possível captar o que é ali projetado como pertencente ao sujeito singular e ao mesmo tempo,

reconhecer na configuração do grupo, que há um compartilhamento daquele material.

Dando continuidade a essas ideias, Kaës (1976a), vai propor que as pessoas se dirigem ao grupo para sentirem um corpo imaginário onde possam ser amadas buscando uma unidade perdida no nascimento e, procuram reviver no grupo a experiência de se fundirem ao corpo materno. Para este autor, assim como para Anzieu (1966), o grupo é um lugar para a manifestação de desejos reprimidos e é a representação da imagem de um corpo, o corpo materno. Segundo Kaës (1976a), o grupo detém um espaço, um lugar que permite a manifestação do desejo, como ocorre nos sonhos. Desta forma, as pessoas se dirigem aos grupos para realizarem o desejo de se fundirem novamente ao corpo materno, no qual possuíam todo o conforto e proteção. Portanto, Anzieu e Kaës nos mostram que um grupo é a representação da imagem de um corpo, mais especificamente, do corpo materno. As pessoas fazem uma busca do objeto perdido na infância através do objeto grupo.

Kaës (1976a, 1977) formulou, também, três hipóteses relativas à posição do inconsciente no grupo:

a) O grupo é considerado como lugar da manifestação do inconsciente dos sujeitos. O grupo é a cena em que os conteúdos do inconsciente do sujeito são mobilizados, depositados ou deslocados, e o lugar da realização dos desejos inconscientes de seus sujeitos;

b) O grupo como lugar de trabalho do inconsciente pela suposição de uma realidade psíquica de/no grupo, isto é, um espaço específico dos processos e formações do inconsciente. Essas formações não são mais o atributo de um sujeito, somente se produzem em grupo;

c) A terceira hipótese, segundo suas próprias palavras, a mais audaciosa, é de que o grupo intersubjetivo é um dos lugares da produção do inconsciente, lugar em que se manifestam as exigências próprias do conjunto.

Compreendendo o grupo como um dos lugares da produção do inconsciente, Kaës (1976a) afirma sua tese: o grupo não é apenas uma reunião de pessoas, mas a partir dos aparelhos psíquicos individuais tende a construir-se um aparelho psíquico grupal. Em suas palavras:

O aparelho psíquico grupal é um dispositivo de ligação e de transformação dos elementos psíquicos. Realiza um trabalho psíquico especial: produzir e tratar a realidade psíquica do grupo e no grupo. Só funciona pelas relações de seus sujeitos, constituindo um dispositivo irreduzível ao aparelho psíquico individual: não é a extrapolação deste. O aparelho psíquico grupal comporta operadores que asseguram a passagem e a transformação entre as psiques individuais e o espaço intersubjetivo grupal (1976a, p.218).

Enfatizamos, nos valendo das ideias de Terzis (1997), a importância de que todos esses conceitos psicanalíticos tornam possível o conhecimento de uma parte importante da realidade psíquica do inconsciente e das subjetividades que mal seriam acessíveis de outra forma. Ainda, esses conceitos podem gerar novas pesquisas, como esta, por exemplo, que utiliza o método psicanalítico aplicado a um grupo de adolescentes propondo investigar os processos psíquicos que ali se produzem.

II - CONSIDERAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

A palavra *adolescência* tem sua origem etimológica no latim *ad* ('para') + *olescere* ('crescer'); portanto *adolescência* significa, *strictu sensu*, 'crescer para'; é próximo do termo *adulescere*, que significa 'adoecer'. A proximidade entre os dois sentidos é sugestiva e anuncia a dimensão de crise a que ficou associado este termo, desde a modernidade (Matheus, 2006).

Já o termo *puberdade* vem do latim *pubertas*, de *púber*. ('sinal de pelos, barba'); denota o processo biológico natural do ser humano que tem por características as mudanças físicas que são ocasionadas por hormônios, levando ao amadurecimento das funções reprodutivas. A puberdade é caracterizada pela universalidade, é normativa e previsível dentro de parâmetros próprios da espécie humana, sendo inevitável o movimento de transformação biológica durante a segunda década de vida. Assinalamos que as pesquisas de cunho psicanalítico reservam o termo puberdade para designar a ênfase no processo biológico desse estágio de desenvolvimento humano.

O término da puberdade coincide com a conclusão do crescimento físico e gonadal, enquanto que determinar o início e o fim da adolescência é mais difícil, pois não permanece restrita ao processo de crescimento caracterizado pelo aumento físico do corpo, sendo inviável delimitar o seu fim apenas como término do crescimento esquelético. Para Osório (1992), o fim da adolescência dependerá da individualidade da pessoa, de situações ligadas à questão sexual, a formação de relações afetivas estáveis, à capacidade de assumir

compromissos profissionais, à independência econômica, ao estabelecimento de valores éticos e ao intercâmbio com a geração precedente. A adolescência é uma fase marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial e fundamental para a constituição do sujeito.

A adolescência só foi nomeada como uma etapa da vida do ser humano no fim do século XVIII e início do século XIX. Antes dessa época, as crianças e os adolescentes eram de responsabilidade de toda a comunidade e, ao atingirem a idade de 12 anos, eles eram preparados para assumir a vida adulta. Havia ritos de iniciação para a vida adulta e a chegada da idade determinava as mudanças de roupas, trabalho e casamento na vida dos jovens que, a partir daí, eram considerados adultos. O conceito atual de adolescência foi consolidado somente no final do século XIX e, por volta de 1904, a adolescência tornou-se objeto de estudo com a primeira produção científica do psicólogo norte-americano Stanley Hall.

Os termos *infância* e *adolescência* foram surgindo a partir da sociedade industrial, ligada às leis trabalhistas e educacionais e excluindo crianças e adolescentes do trabalho (Ariès, 1981). O interesse pela adolescência começou a gerar preocupações econômicas e sociais e foi sendo considerada como um fenômeno comum às diversas sociedades e culturas. As crianças e os adolescentes passaram a adquirir o *status* de dependentes, não sendo considerados responsáveis em termos jurídicos, políticos e emocionais.

Após as duas Guerras Mundiais, um novo estilo de mobilização e contestação social se desenvolve. A noção de fracasso das gerações anteriores fez eclodir uma consciência dos jovens, que passaram a negar e a contestar as tradições dessa sociedade e a família passou a deixar de exercer

uma influência marcante nas decisões profissionais e afetivas dos adolescentes (Grossman, 1998). Essas transformações na sociedade geraram conflitos entre gerações que se tornaram cada vez mais intensos, configurando a necessidade atual de escuta do adolescente pela sociedade.

III – O ADOLESCENTE PARA A PSICANÁLISE

Nesta parte pensamos ser importante fazer certo sobrevôo, apontando alguns autores da psicanálise que se dedicaram a pesquisar o período de transição da infância para a vida adulta e, principalmente, trazer elementos que contribuam para a compreensão do psiquismo do adolescente.

Freud (1905), sem fazer uso do termo adolescência, e se apoiando nas transformações físicas da idade, investigou esta fase enquanto experiência subjetiva de ruptura com a infância e passagem rumo à vida adulta, e analisou as determinações inconscientes na dinâmica pulsional. Na teoria freudiana, com a chegada da puberdade ocorrem as transformações físicas necessárias para que a vida sexual infantil amadureça e alcance a genitalidade. Para Freud (1905), a sexualidade, independente de servir ou não ao objetivo reprodutivo, desempenha papel importante em toda a amplitude da vida mental. O autor assinalou, ainda, a importância das mudanças biológicas da puberdade para a reinstalação fálica da capacidade genital do indivíduo, considerando que essas mudanças são as que impõem a maturidade sexual ao adolescente. Ambas as funções fisiológicas, a menstruação ou o aparecimento do sêmen trazem ao papel genital, a procriação e a definição sexual correspondente (Freud, 1917).

Consideramos que a teoria freudiana estabeleceu as bases para a compreensão psicanalítica dos processos de luto na adolescência. Nas palavras dele:

ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento progressivo dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha (Freud, 1905, p.234).

Dentre as contribuições sobre a adolescência, destacamos a de Winnicott (1961, 1967, 1969) que compreendeu esta fase não como um produto sociológico ou histórico, mas como uma fase do amadurecimento humano. Para Winnicott (1967), os adolescentes estão preocupados *com o ser, com o estar em algum lugar*, tendo priorizado a questão do *ser* sem desqualificar a importância da sexualidade ou reduzir os problemas da adolescência aos problemas edípicos associados à dominação dos instintos. Segundo o autor, não podemos caracterizar a adolescência como doença,

o adolescente não deve ser curado como se fosse um doente (...) ninguém poderia dizer que a palavra 'saúde' é sinônima da palavra 'fácil'. Isso é especialmente verdadeiro na área de conflito entre a sociedade e seu contingente adolescente (Winnicott, 1967, p. 7).

Os conflitos do adolescente se referem às alterações corporais da puberdade, à imaturidade e à reflexão que faz sobre si próprio e sobre a vida, a

seus valores e à desilusão do mundo adulto. Segundo Winnicott (1961), a necessidade do adolescente está associada a questões de sua existência no mundo e à preocupação de sentir-se real, de buscar a sua própria identidade e o seu lugar no mundo.

Alguns autores (Novick, 2004; Braga, 2009; Oliveira, 2010), baseando-se na teoria winnicottiana, compreendem o adolescente como um ser isolado que se socializa em bando, vivenciando questões ligadas à existência de si no mundo, com angústias e medos do vazio existencial, e precisa desenvolver a *capacidade para estar só* e atribuir significado e ordem ao caos interno.

Outro autor que teceu considerações sobre a adolescência foi Erikson (1976), partindo do pressuposto da adolescência como moratória social. O autor compreendeu os processos psíquicos vividos pelo adolescente aproximando os conceitos freudianos a uma perspectiva social e antropológica. Essa fase seria caracterizada, por ele, pela não exigência de papéis específicos, com a finalidade de permitir, a posteriori, a definição da personalidade. Segundo o autor, a crise da adolescência é efeito dos tempos atuais, pois a velocidade das mudanças na atualidade torna problemática a transmissão de tradições de pais para filhos adolescentes. Estes devem, de acordo com Erikson (1976), se constituir, se inventar, sem referências estáveis. Caligaris (2000) também sustenta que a sociedade impõe ao adolescente uma moratória, indicando um período de espera que atrasa sua autorização para a entrada no mundo adulto.

Contribuindo com essa perspectiva, Coutinho (2005) salienta que, no mundo atual, a adolescência tornou-se um ideal cultural, que todos desejam alcançar e nela permanecer eternamente. Nessa contribuição, a atenção se

volta para os aspectos externos e sociais que circundam o adolescente de hoje, propondo que o ideal cultural da adolescência nada mais seria do que um sintoma social causado pelos impasses na transmissão dos ideais em nossa cultura.

A adolescência é considerada por outros autores (Knobel e Aberastury, 1970; Levisky, 1998, Jordão, 2008), como uma etapa semipatológica, contrastando com a perspectiva winnicottiana. Aberastury (1986, p.28) identificou-a como *Síndrome da Adolescência Normal*: "mais do que uma etapa estabilizada, é desenvolvimento, e que, portanto, deve se admitir e compreender a sua aparente patologia". Compreendemos que esta conceituação permite aceitar os desajustes e desencontros da adolescência não como fonte de conflitos negativos, pois na busca pelo estabelecimento de sua identidade adulta, o adolescente passa por um período, no qual comportamentos considerados anormais ou patológicos em outras fases evolutivas devem ser considerados normais nessa transição para a vida adulta. Portanto, consideramos que algumas manifestações podem ser confundidas com alterações patológicas, deixando o adulto e, principalmente, os pais e educadores preocupados.

Retomando os conceitos freudianos sobre as bases para a compreensão dos processos de luto na adolescência, Knobel e Aberastury (1970) afirmam que o grau dessa anormalidade dependerá dos processos de identificação e de luto que o adolescente realizará. Tendo como um dos objetivos a consolidação da constituição da identidade, o adolescente precisa elaborar: o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais da infância. Ao elaborar o luto pelo corpo infantil perdido, o

adolescente aceita a nova fase da genitalidade, imposta pelo desenvolvimento sexual. O processo de luto também promove ao adolescente a dolorosa tarefa de desligar-se dos pais e assumir responsabilidades e escolhas, caracterizando uma dinâmica de desestruturações e reestruturações no psiquismo. Para que seja capaz de investir em novos objetos, o adolescente tem que abandonar seus pais como objetos de desejo e elaborar o luto pela perda destes; o afastamento das figuras parentais é, justamente, a chave para o investimento em novas referências.

A esse respeito, segundo Urribari (2004), os processos de desidentificação produzem certo vazio e o ego se vê sem apoio, circunstância que promove novas identificações substitutas, que podem dirigir o adolescente a situações destrutivas ou ao fortalecimento egóico. Jordão (2008) aponta para a necessidade fundamental de se elaborar e simbolizar os lutos, evitando que surja a consolidação inadequada da capacidade de simbolização, criando um espaço mental marcado por fantasias idealizadas, muitas vezes dominado pela destrutividade e pelo isolamento.

Outros psicanalistas também têm escrito sobre a adolescência na atualidade. Dentre esses, destacamos a contribuição de Blos (1998) que afirma que na adolescência ocorre um incremento do narcisismo e, conseqüentemente, um segundo momento do processo de separação-individuação, após a criança ter adquirido a constância objetal, começa a desenvolver a diferenciação como pessoa. Ratificando esse pensamento, Ferrari (1996) e Tanis (2009) também apontam a adolescência como um novo momento na história da estruturação mental do ser humano, e o tempo de um “segundo desafio”, que é caracterizado por ser um período que a mente precisa

dar conta da transformação corporal, com uma aguda sensibilidade às demandas do mundo exterior e enfrentar a complexidade de emoções e sentimentos para os quais o aparelho psíquico do adolescente ainda está se reestruturando.

Cahn (1999) acredita que o adolescente é confrontado com um *estranho inquietante* que necessita ser representado internamente com o objetivo de recriar um sentimento de familiaridade consigo mesmo. Segundo o autor, é esse sentimento de estranheza consigo mesmo, o que fornece à adolescência a densidade e a especificidade de suas transformações psíquicas e a emergência de uma nova subjetividade. Destarte, consideramos a fase da adolescência como um momento de ambigüidade, entendendo que se por um lado há um impulso de desprendimento, por outro há uma necessidade de defesa contra a perda do conhecido. Cahn (1999, p. 11) afirma que é justamente esta *ambigüidade* que caracteriza a psicopatologia do adolescente:

A fusão do narcísico e do objetal em benefício do primeiro, a vacilação da identidade, a invasão da excitação, a exacerbação do conflito edipiano através de sua atualização no a posteriori do surgimento da genitalidade, concomitante à renúncia aos objetos edipianos e à bissexualidade, modificam profundamente a organização tópica, econômica e dinâmica da psique; suscitam arranjos e mecanismos de defesas novos ou reforçados.

Levy (2007) reitera o pensamento de Cahn (1999), assinalando que mais perturbador ainda, é que esse fenômeno é estranho, não somente para o adolescente, mas também para os outros, por isso esse olhar surpreso externo

contribui ainda mais com o sentimento de estranheza tão comum nessa fase da vida.

Vanucchi (2004) assinala que o adolescente passa por um período de insegurança do ser, de intensa turbulência emocional e desarmonia psíquica e, diante das identificações estabelecidas na infância, sente-se constantemente ameaçado, tanto pelas mudanças físicas, como pelo confronto com os novos papéis familiares. Segundo Favilli (2005), a mente do adolescente se encontra diante do fato de ter que elaborar as vivências emocionais sem ainda ter uma função de pensamento capaz. Por isso, o adolescente apreende o mundo, passando, necessariamente, pela experiência do fazer.

Outros autores (Levisky, 1998; Millonschik, 2004; Savietto & Cardoso, 2006, González, 2009) procuram enfatizar que o enfraquecimento narcísico é fundamental na adolescência, como se o adolescente tivesse perdido uma casca e ainda não houvesse reconstruído outra, tornando-o vulnerável emocionalmente. Para González (2009), nesta fase, o ego é lábil e está submetido a flutuações da angústia que não pode canalizar ou elaborar, angústia que emerge do despertar das pulsões e das novas exigências internas e externas. Os mecanismos de defesa que predominam são de natureza arcaica: a cisão, a idealização, a identificação projetiva, a negação e o controle onipotente.

Diante de todas essas contribuições, acreditamos na importância da promoção de um espaço de escuta e expressão emocional, que ofereça condições para o desenvolvimento psicológico dos adolescentes.

IV – A TENDÊNCIA GRUPAL NA ADOLESCÊNCIA: ALGUNS ESTUDOS RELACIONADOS AO TEMA

Nesta parte, trataremos da tendência à formação de grupos na adolescência, citando alguns estudos com essa faixa etária.

Durante o processo de mudança, o adolescente busca seus pares com os quais pode dialogar, e na construção de sua identidade, pode recorrer a uniformidade no grupo, a qual gera maior segurança e autoestima, ocorrendo um processo de dupla identificação, onde cada um se identifica com o outro e com o grupo, explicando, em parte, a tendência grupal marcante desta fase. Diversos autores (Castelar, 1987; Osório, 1992; Outeiral, 1994; Terzis, Radomile, Brun, 1997; Levisky, 1998; Fernandes, 2003; Jardim *et al*, 2005; Porta, 2006; Verzignasse, 2008) apontam para a natural e espontânea formação de grupos na adolescência. Nesta fase, os adolescentes têm necessidade de buscar novas figuras de identificação, podendo encontrá-las no grupo de iguais, cujos líderes tomam provisoriamente o lugar dos pais idealizados. Nos grupos surge um clima favorável ao intercâmbio e confronto de experiências que permite a identificação dos limites entre o eu e o outro, por meio da compreensão das questões conscientes e inconscientes, favorecendo a construção da identidade.

Segundo Osório, (1992), para o adolescente, o grupo pode representar uma caixa de ressonância ou continente para as ansiedades e conflitos. Destarte, consideramos o enfoque grupal um dos dispositivos terapêuticos mais valiosos nesta faixa etária, justamente por corresponder à inclinação dos adolescentes em procurar no grupo a ressonância para suas problemáticas,

facilitando a compreensão, a expressão e a resolução de seus conflitos dentro e através do próprio grupo de iguais.

O adolescente se mostra inclinado para o espírito de grupo, e pode transferir a este parte da dependência que antes mantinha com a família e, principalmente, com os pais: “o grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta” (Osório, 1992, p.37). Em termos winnicottianos, o grupo oferece uma proteção psicológica, servindo como um espaço transicional, na medida em que constitui o passo intermediário no mundo externo para a construção da identidade (Terzis & Fulgencio, 2011).

Ademais, a adesão a grupos tem uma função considerável para o estabelecimento de uma identidade adulta, pois facilita o distanciamento e a elaboração da perda dos pais da infância, e permite novas identificações levando a novas configurações e reestruturações da personalidade. O forte vínculo com o grupo pode, também, ser entendido como uma manifestação de defesa do adolescente, numa busca ativa de experiências subjetivas independente do âmbito familiar. Na convivência do grupo, os integrantes possuem afinidades em relação à procura por suas singularidades, nas angústias, na recusa dos valores adultos. Pode se sentir menos solitário, pois o grupo oferece segurança emocional, força, compreensão, ideias e valores novos, o espírito de equipe, cooperação, responsabilidades e lideranças construtivas representam alguns elementos positivos e de vínculo entre os participantes (Abduch, 1999).

Durante o período de reestruturação da personalidade, o adolescente, para se auto-afirmar, pode agredir e desvalorizar os pais e apesar de

necessitar do afeto e apoio destes, por meio de sua rebeldia, manifesta exteriormente as perdas das figuras paternas da infância, que está elaborando no plano intrapsíquico. Devido a esse luto pela perda dos pais da infância, a aproximação de qualquer adulto passa a ser, em parte, temida, pois o adolescente receia perder sua individualidade ainda pouco solidificada, e o representante dos modelos parentais, permanece, nesta fase, abalado como valor pessoal. Com base nisso, podemos compreender parte da dificuldade do adolescente em estabelecer uma relação de confiança com o terapeuta e se manter em um processo psicoterapêutico (Barugel, 2001; Anastasopoulos, 2007; Deakin & Nunes, 2009; Isolan, 2009).

Por isso, Castelar (1987, p. 93) aponta que, aos poucos, o grupo vai se estruturando enquanto tal e os adolescentes criam um sentimento de confiança, trocam experiências e estabelecem vínculos, e assim teremos “um grupo que desenvolverá uma linguagem própria, além de uma forma peculiar de enfrentar problemas e conflitos”. Ratificando esse pensamento, Fernandes (2003) salienta que o grupo pode realizar mudanças no equilíbrio intrapsíquico de cada adolescente. Em grupo, os adolescentes podem enfrentar com mais naturalidade uma situação nova ao lado de outros jovens do que sozinhos. Muitas vezes uma expressão emocional de um adolescente desencadeia o processo do grupo e assim eles se apóiam e passam a estabelecer um vínculo de confiança. Fernandes (2003) chama a atenção para o fato de que eles se afirmam juntos em suas identidades emergentes como adultos, porém ainda não conseguem deixar de manifestar aspectos de criança, sendo necessário elaborar os lutos da infância. Assim, em grupo essas conscientizações vão

sendo adquiridas e ao longo do tempo solidificadas, o que irá constituir os alicerces da maturidade.

Corroborando essas ideias, o grupo de adolescentes, segundo Outeiral (1994), é um meio que possibilita a identificação de um ou outro amigo ou com a figura de um líder da turma. No grupo ocorrem situações variadas e múltiplas que são necessárias para os jovens, eles poderão tomar iniciativas e decisões nas quais as consequências dos eventuais fracassos serão menos traumatizantes, pois percebendo as dificuldades dos companheiros, aprenderão a relativizar as suas próprias debilidades e, assim, amenizar sentimentos de inferioridade. Outeiral (1994) afirma que as características dos amigos ou do grupo que o adolescente busca fornecem uma ideia de suas dificuldades pessoais, por exemplo, quando um adolescente troca de grupo de amigos, passando de um, com características saudáveis, para outro, com peculiaridades negativas (como o uso de drogas, delinqüência, etc.) este fato pode indicar problemas com o próprio adolescente.

Para Levisky (1998), o adolescente busca em seus novos modelos algo diferente com que possa se identificar, formando grupos a partir do que há em comum entre eles: todos estão à procura de algo, isto é, à procura de si mesmos. Os adolescentes tendem a procurar em seus iguais a uniformidade, costumam se vestir de maneira parecida, usam a mesma linguagem, reúnem-se para atividades culturais ou sociais. Para o autor, “no grupo, uns se parecem com os outros, e nisso se confortam, sofrem de angústias semelhantes, e na indefinição, se encontram” (op.cit., p. 43). Na adolescência, o grupo passa a ter uma importância considerável, pois funciona como um espelho, no qual o adolescente se vê refletido no outro, com suas dificuldades e seus conflitos, no

grupo e pelo próprio grupo, o adolescente pode expressar sua insegurança, testar novos papéis, elaborar seus lutos e ir formando sua identidade adulta. O grupo pode, ainda, representar um meio intermediário, através do qual o adolescente atingirá sua individualidade, se sentindo resguardado dos temores de uma eventual agressão do mundo externo e interno, já que “os sentimentos persecutórios estão muito aguçados nesse período, e através do grupo a elaboração dos mesmos é facilitada” (Levisky, 1998, p. 43). Os adolescentes podem falar sobre suas experiências no grupo, externalizar os próprios sentimentos e pensamentos e confrontá-los com os demais participantes, pois a impossibilidade de expressar o que sentem e pensam pode levá-los a cometer ações destrutivas.

Consideramos, assim, que o grupo de iguais aparece como um dos destinos do processo de desidentificações, já que as características homogêneas do grupo, como vestimentas, jargões, etc., possibilitam no concreto, a diferenciação, a originalidade, a conquista de um espaço subjetivo próprio e de reconhecimento especular. Assim, o grupo funciona como um espaço necessário para o adolescente desfazer-se temporariamente dos modelos identificatórios primários, através de pessoas que funcionem como espelho, permitindo a percepção de sua própria dinâmica, suas próprias questões, conflitos e sentimentos (Jordão, 2008).

Apoiado em nossa experiência com adolescentes, e reiterado por Fleitlich e Goodman (2002), Schneider e Ramires (2007), Benetti *et al* (2007) constatamos que diversos trabalhos apontam para a identificação dos problemas da adolescência ou apresentam o enfoque individual nos atendimentos aos adolescentes; entretanto, são poucos os trabalhos que visam

a intervenção psicológica na adolescência, principalmente com o enfoque grupal, como o que nos propomos neste estudo. Dentre esses, destacamos o trabalho sobre: o diagnóstico de depressão em adolescentes (Anastasopoulos, 2007; Altman, 2008); as mudanças corporais na adolescência e a predisposição para os Transtornos de Alimentação (Saikali *et al*, 2004; Mitrani, 2007); as situações impulsivas e acting out de adolescentes (Barugel, 2001; Moguillansky, 2001; Savietto & Cardoso, 2006); a predisposição psicótica na adolescência (Aryan, 2007); o uso de material escrito das pacientes (Gonzalez, 2009); o imaginário coletivo dos adolescentes (Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Valle & Tardivo, 2009); aplicação de vários instrumentos psicológicos (Schneider & Ramires, 2007); avaliação do início das atividades sexuais e fatores de risco na adolescência (Cruzeiro *et al*, 2008) e a avaliação da prevalência dos comportamentos agressivos (Godóy *et al*, 2008).

Mencionamos também dois trabalhos de cunho educativo com adolescentes, como Carvalho, Rodrigues, Medrado (2005) que propõe uma intervenção com oficinas sobre sexualidade humana e Maciel e Paula (2009) que também apresentam um trabalho grupal, visando fornecer informações, promover a discussão e reflexão sobre aspectos gerais da adolescência.

Encontramos, entretanto, alguns estudos com adolescentes no enquadre grupal, dentre os quais destacamos as pesquisas de Porta (2006) e Verzignasse (2008), que afirmam que a técnica grupal se mostrou uma forma de intervenção preventiva em saúde mental, constituindo uma alternativa metodológica para trabalhos com adolescentes.

Devemos citar, ainda, por utilizar textos literários com grupos de adolescentes, o trabalho de Pagés (2011) de “Círculo de Leitura”, o qual

trabalha com jovens de escolas públicas de várias cidades brasileiras que se reúnem para a leitura de obras literárias clássicas e modernas. O projeto possui um cunho educativo e social, iniciado a partir de uma pesquisa da autora sobre a violência, na cidade Diadema/SP, concluindo que qualquer transformação social não seria possível sem educação.

Após todas essas contribuições, e baseado em nossa experiência clínica, ressaltamos que a proposta desta pesquisa de proporcionar um espaço de livre expressão emocional e reflexão a um grupo de adolescentes, está de acordo com a necessidade e a preferência desta faixa etária.

V – OS MITOS GREGOS: INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

O objetivo deste tópico é desenvolver algumas noções sobre o mito grego e a sua importância. Iniciando pelo significado da palavra *mito*, no dicionário Houaiss (2001), encontramos que se refere a um personagem, fato ou particularidade que, não tendo sido real, simboliza não obstante uma generalidade que devemos admitir; coisa ou pessoa que não existe, mas que se supõe real; coisa só possível por hipótese; quimera. A etimologia da palavra, a qual procede do grego *mythos*, ligada ao verbo *mythevo*, que significa 'crio uma história imaginária', sugere que o mito é uma criação imaginária que se refere a uma crença, a uma tradição ou a um acontecimento. E *mitologia* se define pelo conjunto de mitos e lendas que um povo construiu, bem como o estudo dos mitos. Segundo Terzis (2008), foram os gregos da idade clássica que insistiram em separar o mito do discurso racional (*logos*). A palavra mito é

derivada tanto de *mythos* como *logos* (ou *palavra*) que, por sua vez, difere do *logos* que também significa *palavra*. Porém, *mythos* é a palavra transmitida oralmente, ao contrário de *logos* que é a expressão do pensamento que provém de dentro da mente do indivíduo. Portanto, *mythos* é aceito sem questionamentos, faz parte das crenças e da cultura de um povo, diferente de *logos* que por ser a expressão do pensamento, pode ser questionado e sua validade deve ser provada.

Os mitos ocupam um lugar privilegiado na psicanálise. A teoria freudiana considera, tanto o sonho como o mito, expressões codificadas do inconsciente, só que os mitos são partilhados em público e ao serem compreendidos, podem fornecer acesso à mente humana. Na obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900), Freud descreve o funcionamento dos sonhos e compara o seu mecanismo com o dos mitos. Considerando que o material dos sonhos reaparece igualmente nos mitos, nas lendas, assim como nas anedotas da vida cotidiana (Freud, 1900; Abraham, 1909), o funcionamento do mito reside na representação consciente dos medos e desejos reprimidos inconscientes, no nível social e coletivo, de modo semelhante ao do sonho. No plano pessoal, o sujeito sonha para se aliviar da tensão provocada por pensamentos perigosos. No nível social, os membros de toda uma comunidade tentam reconciliar ilusões e situações inconscientes que se ligam a ações proibidas. Tanto nos mitos, como nos sonhos, a censura jamais é suprimida completamente, por isso a manifestação é dissimulada para escapar a seu reconhecimento consciente.

De acordo com Diel (1976), o mito tem a função de representar os conflitos da alma humana, bem como de auxiliar a superá-los, além disso, os

mitos mostram a consciência humana em seu trabalho evolutivo. Os mitos estão relacionados com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação e passagem, com ritos que marcam o novo papel que passa a desempenhar na adolescência como um momento de passagem da infância para as responsabilidades da vida adulta. Para Bettelheim (1980) há uma concordância geral de que os mitos, assim como os contos de fadas, expressam simbolicamente conteúdos emocionais inconscientes. “O apelo do mito e dos contos é simultâneo a mente consciente e inconsciente. Por isso é muito eficaz, e no conteúdo dos relatos, os fenômenos internos psicológicos recebem corpo em forma simbólica” (p.47). É importante mencionarmos, nos valendo das ideias de Bettelheim (1980), que o mito pode despertar poderosas reações emocionais, podendo provocar uma catarse. Em suas palavras: “Com isto, certas tensões internas, que são a consequência de situações passadas há muito, podem ser aliviadas; um material previamente inconsciente pode então entrar na consciência da pessoa e tornar-se acessível a uma elaboração consciente” (op. cit., p.48).

Por isso, pensamos que as histórias míticas poderiam sensibilizar o grupo de adolescentes, facilitando a expressão emocional e exercendo uma função terapêutica. Outra hipótese que fazemos é a de que devido a algumas narrativas míticas conterem a situação da morte da mãe ou do pai do herói, alguns sentimentos e conflitos podem ser reativados no psiquismo dos adolescentes, que se encontram na fase de elaboração do luto pelos pais da infância. Supomos, assim, que os relatos míticos poderiam auxiliá-los nesta elaboração.

Segundo Caldwell (1989), os mitos podem se constituir a válvula de escape por onde são canalizadas as tensões da sociedade, constituindo-se como um campo apropriado à identificação de situações e personagens que refletem, com segurança, os desejos mais íntimos de um determinado povo, os quais são realizados por meio da imaginação e não na vida real. Uma das funções do mito é contar poeticamente os medos, dramas e terrores da humanidade, deixando-os menores e menos assustadores.

Os mitos buscam contar a história do homem, sua verdade e seu sentido através dos tempos, assim como revelam a necessidade deste em compreender a vida e a si mesmo. Terzis (2008) considera os mitos como pistas que ajudam o ser humano a procurar, dentro de si próprio, o sentido para as diversas experiências da vida, para que estas entrem em consonância com sua vida interior. Por isto, decifrar o mito é também decifrar-se.

Os personagens do mito expressam alegrias, ódios, paixões e outros sentimentos, representando os desejos e necessidades do ser humano. Os mitos tentam explicar o mundo e o homem e registram os fatos históricos, situações sociais e econômicas de uma determinada época. Portanto, conhecer o mito com esse tipo de experiência é *conhecer-se a si mesmo*. Por isso, os mitos se mantêm até os nossos dias, em uma sociedade pós-contemporânea, pois tratam da natureza humana e de emoções que afligiam o homem antigo e continuam nos afetando até hoje.

Dentre os mitos gregos, escolhemos aqueles que apresentam mais características da adolescência, como: a busca de identidade, enfrentamento e coragem, agressividade e vingança, arrogância e vaidade, atitudes impulsivas, busca do prazer, liberdade e independência, tendência grupal e socialização

(Morgado, 2004; Moretto, 2009, 2011). Além disso, por serem mitos clássicos (Taplin, 1990) e mais conhecidos do público, conforme temos observado, nos últimos anos, filmes no cinema e literatura infanto-juvenil que tratam de mitologia grega (Veja, 2010) ².

² Os filmes “Fúria de Titãs 1 e 2”, “Hércules”, “Jasão e os Argonautas”, “Tróia”, “Imortais” e a série de livros adaptada para o cinema “Percy Jackson e os Olímpianos”.

OBJETIVOS

I - OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem por objetivo investigar os processos psíquicos de um grupo de adolescentes, a partir do aporte teórico-metodológico da Psicanálise aplicada aos grupos.

II - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever algumas formações psíquicas (intrapsíquicas e intersubjetivas) produzidas no aqui-agora de um grupo de adolescentes;
- Analisar a estrutura e o funcionamento psíquico para realizar o psicodiagnóstico da realidade psíquica do grupo;
- Compreender se o grupo de adolescentes se constitui em dispositivo terapêutico, sensibilizando os participantes aos fenômenos do grupo.

MÉTODO

O método escolhido para a realização desta pesquisa fundamenta-se no método psicanalítico e seu aporte teórico, principalmente os conceitos de Freud (1900, 1905, 1921) e os autores Bion (1961), Anzieu (1966) e Kaës (1976a, 1976b, 1977). De acordo com Freud (1922), a psicanálise se constitui como:

- um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias;
- um método para o tratamento de distúrbios neuróticos;
- e um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas, que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.

Em termos epistemológicos, a psicanálise parte da hipótese que qualquer formulação psíquica é determinada pelo inconsciente. Todo trabalho de pesquisa que utiliza o método psicanalítico precisa oferecer condições para que o significado inconsciente seja manifestado, conforme realizamos neste estudo, o qual teve como objeto de investigação as produções do inconsciente do grupo de adolescentes³. A aplicação do método psicanalítico no grupo não teve como objetivo o tratamento psicoterápico dos adolescentes, entretanto, supomos que o espaço grupal produziria uma experiência emocional e algum efeito de autoconhecimento para seus participantes.

Segundo Kaës (1976a), o grupo pode constituir um paradigma metodológico apropriado a análise. Para ele, enquanto método, o grupo é uma construção, um artifício, regulado por um objetivo, o inconsciente, que não pode ser atingido de outra maneira com os mesmos efeitos. De acordo com

³ Esse método já foi aplicado em outros estudos que geraram dissertações de mestrado e teses de doutorado, como: Moretto (2008); Zago (2009); Gomes (2010); Oliveira (2011); Orlandi (2011).

Anzieu (1966), o método psicanalítico é o único método científico utilizável para o estudo das manifestações do inconsciente, e que não há nenhum campo no qual o método geral da psicanálise seja inaplicável. Para este autor, a psicanálise chamada de aplicada é um conjunto de práticas do método geral com as devidas transposições necessárias do método tradicional de acordo com o campo, com a natureza dos sujeitos envolvidos e com o objetivo do trabalho.

Assim, se tratando de um trabalho de psicanálise aplicada, consideramos os seguintes critérios aos quais Anzieu (1966) propõe submeter as hipóteses sobre os processos inconscientes, com a finalidade de preservar o caráter científico do método:

- todo fato clínico do grupo de adolescentes correspondeu a uma hipótese que o justificou, e cada hipótese se apoiou num material clínico significativo e preciso;

- as hipóteses se referiram a um corpo coerente de hipóteses próprias a esse campo, bem como se ligaram ou foram deduzidas a partir de hipóteses já estabelecidas em psicanálise geral;

- as hipóteses procuraram confirmar sua verdade por sua fecundidade em outro domínio que não aquele sobre o qual foi estabelecida.

I – PARTICIPANTES

Foi formado um grupo com oito adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 16 anos. Foulkes e Anthony (1957) ressaltaram a importância

do número de participantes no grupo, afirmando que sua variação modifica aspectos importantes no dinamismo grupal. O número de participantes ajuda a determinar a quantidade de tempo que cada membro imagina lhe ser proporcionado. A partir de experiências sobre o número e seu efeito psicológico no espaço grupal, os autores acima definiram que o grupo tem seu desempenho melhor quando o número de participantes está entre sete e oito membros, confirmado por pesquisas recentes (Porta, 2006; Carvalho, 2009). O grupo foi formado de acordo com a ordem de espera da instituição ou por encaminhamento dos técnicos do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência - CAPS/IA (ver descrição no item Campo de Pesquisa). Nenhum adolescente se conhecia até o momento do início do grupo de pesquisa.

Todos os adolescentes foram encaminhados ao CAPS/IA por médicos das Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do município, eram provenientes de classe social baixa e frequentavam escolas públicas. De acordo com os dados obtidos dos prontuários⁴ da instituição, os adolescentes apresentavam queixas manifestas, como: baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem escolar, timidez excessiva, ansiedade, insegurança, tristeza constante, problemas de relacionamento social e alguns também haviam sofrido agressão física e sexual.

A seleção dos participantes teve a finalidade de compor o grupo, evitando contraindicações (que poderiam introduzir outras variáveis)⁵. Dentre os critérios de exclusão, definimos:

- a deficiência intelectual;

⁴ Cada adolescente e seu respectivo responsável legal, ao procurar pelo serviço, recebem um número de inscrição e é aberto um prontuário em seu nome.

⁵ Apoiamo-nos em alguns estudos com grupos de crianças e adolescentes (Terzis, 1997; Porta, 2006; Carvalho, 2008)

- os transtornos psicóticos, ou uma percepção insuficiente da realidade;
- e distúrbios sociais ou condutas antissociais.

II - CAMPO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPS/IA), em uma cidade do estado de São Paulo. O serviço foi criado em 2002, após a regulamentação dos CAPS, no território nacional, pelo Ministério da Saúde (MS), por meio da portaria MS 336/02 de 19 de fevereiro de 2002. Recebe verba para realizar seus atendimentos por meio de convênio firmado com o Sistema Único de Saúde (SUS) pela Prefeitura Municipal.

Seu objetivo é o tratamento e a reinserção social de crianças e adolescentes, na faixa etária de 5 a 16 anos, e seus familiares, portadores de diversos tipos de transtornos psíquicos, priorizando os casos de alta e média gravidade. Todas as patologias são atendidas, com exceção dos quadros de deficiência mental grave ou profunda e os quadros de drogadicção. Predomina a classe socioeconômica baixa.

O tratamento no CAPS/IA é gratuito e a procura se dá por demanda espontânea da população ou encaminhamento da rede de atenção do município, como Unidades Básicas de Saúde (UBS), Conselhos Tutelares e Poder Judiciário. Inicialmente, os pacientes são atendidos em situação de primeira consulta (triagem) e, posteriormente, são encaminhados para a lista de espera da Instituição. O período de espera geralmente é curto, de aproximadamente dois meses, para o início dos tratamentos e oferece como

modalidades de atendimento: psicodiagnóstico, grupos psicoterapêuticos, oficinas terapêuticas, grupos de terapia ocupacional, grupos de orientação de pais e atendimento psiquiátrico individual. Todos os acompanhamentos são oferecidos por equipe técnica interdisciplinar, composta por Psicólogo, Psiquiatra Infantil, Professor de Educação Física, Terapeuta Ocupacional, Assistente Social, Estagiários de Psicologia, Auxiliar de Enfermagem e Oficineiro. A equipe realiza reuniões visando à discussão dos casos, orientação clínica, embasamento teórico, planejamento das atividades e identidade institucional, uma vez por semana, durante duas horas, com a presença de todos os técnicos, equipe de apoio, coordenação e supervisor externo.

A instituição propiciou o espaço utilizado para o fim da pesquisa, uma sala de aproximadamente 18m², arejada, iluminada, resguardando a privacidade e o sigilo indispensáveis; composto por cadeiras iguais, dispostas em círculo e com uma mesa ao centro. A escolha dos assentos foi feita livremente, por cada participante, de modo que não houve distinção entre as acomodações dos adolescentes e da pesquisadora.

III – INSTRUMENTO

As sessões grupais foram orientadas pela concepção de *Grupo de Diagnóstico*, desenvolvido por Anzieu e Kaës (1989), e aplicado em estudos de nosso grupo de pesquisa (Carvalho, 2008, Verzignasse, 2008). Segundo Anzieu e Kaës (1989, p.12), a experiência com grupos de diagnóstico:

estimulou o estudo sobre o método e a teoria de grupo: por exemplo, os conceitos de imaginário e ilusão grupal, de D. Anzieu, a

transferência e a liderança como expressão da resistência, de A. Béjarano, o processo ideológico, a regressão, o aparelho psíquico grupal e a análise intertransferencial, de R. Kaës (tradução nossa).

Para Anzieu e Kaës (1989), o grupo permite que se coloque em evidência a significação inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias de uma pessoa. Além disso, o grupo tem recursos e conflitos que devem ser estudados e considerados pelo próprio grupo à medida que vão aparecendo, e examinados em função dos objetivos propostos.

Desse modo, empregamos esse dispositivo para investigação e compreensão das produções do inconsciente dos adolescentes do grupo. Consideramos, assim, que o grupo possibilitaria a seus integrantes uma experiência de grupo e permitiria que compreendessem seu funcionamento, seu próprio modo de ser em grupo, assim como o do outro.

Ao grupo de adolescentes, aplicamos as seguintes regras fundamentais⁶ características do método psicanalítico de grupos e que foram propostas pelos autores da psicanálise de grupo, como Anzieu e Kaës (1989):

- regra da associação livre de grupo – os adolescentes tinham a liberdade de falarem entre si seus sentimentos, pensamentos e fantasias produzidas e reativadas no grupo;

- a abstinência – regra para os participantes não manterem convívio social ou envolvimento fora do grupo;

- a restituição – conversas em relação aos acontecimentos do grupo que ocorram fora das sessões, sejam levadas para o grupo no encontro seguinte.

⁶ As regras, em psicanálise, cumprem mais do que organizar o trabalho, “as regras são objeto de investimentos fantasmáticos e de contra-investimentos defensivos, que podem ser interpretados” (Anzieu, 1966, p. 3).

Ainda, como parte do enquadre do grupo, são necessárias algumas regras complementares, tais como:

- unidade de lugar – os encontros grupais ocorreram sempre na mesma sala da Instituição, sem predeterminação dos assentos;

- unidade de tempo – seguiu, rigorosamente, o tempo previsto para cada sessão;

- unidade de ação – manteve do início ao fim, a concentração num tipo de atividade e condução do grupo.

IV - PROCEDIMENTOS

Inicialmente, o projeto desta pesquisa foi avaliado e, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, protocolo nº 0187/11 (ver anexo I). Em seguida, foi solicitada permissão à direção do CAPS/IA para a participação de adolescentes interessados em colaborar com este estudo (ver anexo II).

Após a autorização da diretoria, selecionamos os adolescentes para compor o grupo por meio da análise dos prontuários da instituição (ver anexo III - Termo de compromisso). Nos prontuários constavam dados do relato da entrevista de triagem, anamnese e projeto terapêutico da equipe para cada adolescente. Alguns prontuários também continham relatórios de psicodiagnósticos e avaliações médicas.

Os adolescentes selecionados foram convidados para uma entrevista individual inicial, na qual a pesquisadora esclareceu os objetivos e os procedimentos do estudo. Depois, os participantes interessados e seus pais

assinaram, voluntariamente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo IV).

1 - O funcionamento do grupo

Em relação aos dispositivos do grupo de adolescentes, definimos que o grupo seria fechado, com os participantes previamente determinados e sem a possibilidade de entrada de novos membros depois de iniciado o processo (um adolescente compareceu somente ao primeiro encontro e outro participou de dois encontros, não houve justificativas quanto às desistências). O grupo se reuniu uma vez por semana, durante doze sessões, com a duração de noventa minutos cada, sempre no mesmo horário. Os participantes foram tratados pelo primeiro nome, podendo favorecer a proximidade afetiva.

Os adolescentes tinham a liberdade de falarem entre si seus sentimentos, pensamentos e fantasias produzidas no aqui-agora do grupo. Na sala de atendimento constavam materiais escritos sobre alguns mitos gregos, que disponibilizamos aos adolescentes como um recurso para facilitar o processo associativo grupal. Em cada sessão, os adolescentes escolhiam espontaneamente um mito e liam juntos a história, alternando um parágrafo cada um, de forma sucessiva, com cada participante imprimindo um ritmo e uma entonação diferente em sua leitura.

2 - O papel da pesquisadora e o registro das sessões

O estudo foi dirigido pela própria psicóloga-pesquisadora, sendo a única integrante com papel antecipadamente definido. A função da pesquisadora pautou-se pela disposição afetiva, atenção flutuante, empatia e experiência na coordenação de grupos terapêuticos; o que permitiu colaborar para o grupo compreender emocionalmente o seu processo.

Para que houvesse objetividade no estudo, gravamos todos os encontros grupais em aparelho de mp3. Nas gravações ficaram registradas as falas, como intensidade e entonação, o que auxiliou a análise do material. Posteriormente, as sessões foram transcritas na íntegra, respeitando a seqüência e a forma como se apresentaram. O material registrado, acrescido das anotações realizadas pela psicóloga-pesquisadora, após o término de cada sessão do grupo, possibilitou o trabalho de análise, interpretação e discussão.

V - ANÁLISE DO MATERIAL

Foi utilizado para a análise dos resultados o método proposto por Mathieu (1967). O autor fez uma analogia entre o relato mítico e a produção onírica em seu artigo sobre a interpretação psicanalítica do mito céltico. Na análise de um sonho se valorizam as diversas associações que o indivíduo faz sobre o mesmo. Já na análise de um texto, o autor considera que a os conteúdos mostram a maneira pela qual o inconsciente se revela e o sentido surge quando se considera o conjunto da produção, denotando o material das produções emocionais. A recorrência de um fenômeno sobre os demais confere ao mesmo uma característica particular, a de expressar a significação simbólica do relato. Isto pode ser compreendido, segundo Mathieu (1967) se

considerarmos que os diversos conteúdos presentes em um relato mítico possuem laços de função entre os mesmos, semelhantes às associações do sonho. É desta maneira, portanto, que o conteúdo latente de um relato se torna manifesto, conforme Kaës (1976b) e diversos estudos recentes do grupo de pesquisa ao qual pertencemos (Terzis, 2008; Moretto, 2010; Orlandi, 2011).

Assim sendo, o material registrado foi analisado qualitativamente, a partir da *técnica da interpretação dos sonhos* (Freud, 1900), visando, assim, ultrapassar a mera descrição do conteúdo explícito das falas apresentadas pelos adolescentes, bem como das suas comunicações não-verbais, buscando desvelar significados simbólicos. A análise interpretativa dos conteúdos foi realizada concomitantemente pela Psicóloga-pesquisadora e seu Orientador de doutorado, utilizando como aporte teórico os conhecimentos da psicanálise e da grupalidade. As leituras dos encontros permitiram descrever em detalhes, os fenômenos recorrentes, que apareceram na situação do grupo, resultantes do processo psíquico.

As análises foram feitas de forma vertical, das primeiras sessões às últimas, a partir da qual cada sessão foi lida e analisada várias vezes. Levando em consideração a densidade e riqueza do material, escolhemos por apresentar, neste estudo, seis sessões na íntegra, decisão que também foi tomada por acreditarmos que essas seriam suficientes para responder aos nossos objetivos. Para demonstração do processo grupal, apresentamos: a primeira e a terceira sessão; a quinta que representou praticamente o meio do processo; a oitava, a décima e a última sessão – o que possibilitou acompanhar a trajetória percorrida pelo grupo. Em seguida, discutimos os resultados relevantes obtidos nessas sessões. Construimos nossas análises

com o intuito de obter uma visualização do funcionamento do grupo, atingindo, assim, o nosso objetivo. No entanto, ressaltamos que o estudo não teve a finalidade de esgotar as possibilidades de interpretações.

RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesse capítulo apresentaremos na íntegra o material clínico de seis sessões do grupo de adolescentes⁷, o qual foi analisado e interpretado a partir do aporte teórico-metodológico da psicanálise aplicada aos grupos. Além do material registrado e as análises, cada sessão contém o relato mítico⁸ que foi escolhido e lido pelos adolescentes do grupo. Ao final de cada sessão, faremos uma síntese da mesma.

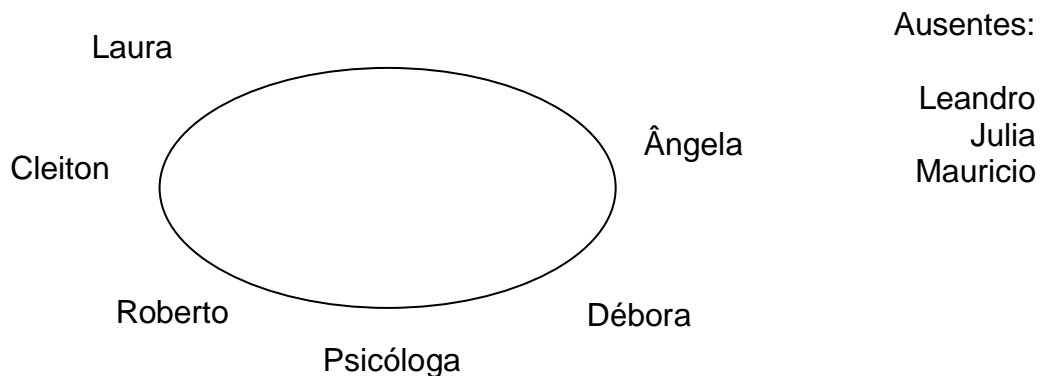
LEGENDA

- (...): quando não foi possível identificar a palavra ou frase dita.
- Texto em *itálico*: material registrado das sessões.
- Texto em ***negrito/itálico***: material clínico que queremos evidenciar e sobre o qual será focada a análise.
- Texto em letra menor: relatos míticos
- Texto em letra normal: análises dos conteúdos.
- Círculo: ilustração da ocupação dos lugares na sala do grupo.

⁷ Os adolescentes não foram identificados pelos seus nomes reais, sendo omitida qualquer informação capaz de propiciar a identificação dos mesmos.

⁸ Os relatos míticos foram adaptados da versão compilada pela Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org>).

I - PRIMEIRA SESSÃO: Estabelecimento do Enquadre⁹



No horário combinado, fui encontrar os adolescentes na sala de espera. Estavam aguardando Débora, Ângela, Laura e Cleiton.

Subimos juntos para a sala. Todos entraram e escolheram livremente suas cadeiras. Os olhares pareciam curiosos e tensos, aguardei alguns segundos todos se acomodarem.

Iniciei o primeiro encontro cumprimentando os participantes e comunicando o objetivo do trabalho, já exposto nas entrevistas individuais.

Retomei o contrato, dizendo que teríamos doze sessões, com uma hora e meia de duração cada e nos encontraríamos sempre no mesmo local. Disse que eles tinham a liberdade de falarem entre si seus sentimentos, pensamentos e fantasias produzidas no grupo. Sobre o sigilo e a restituição, disse que tudo que fosse falado no grupo ficaria no grupo, e orientei-os a trazer para o grupo todos os assuntos que tivessem sido discutidos por eles sobre o grupo, fora dele. Disse que o grupo era composto de oito adolescentes, além da psicóloga, apesar de não contarmos com todos os membros neste primeiro dia. Disse também que em todas as sessões, materiais escritos sobre mitos gregos permaneceriam na sala de atendimento, que poderiam ser lidos e pensados os seus conteúdos. Por fim, falei que gravaria todos os encontros, conforme combinado anteriormente.

Pareceram bem atentos e balançaram a cabeça concordando.

⁹ Para Bleger (1967), o enquadre compreende o receptáculo das partes mais indiferenciadas e simbióticas da personalidade.

Iniciamos a primeira sessão estabelecendo o enquadre, o qual tem por objetivo de descrever um conjunto de dispositivos necessários para a viabilidade de um trabalho psicanalítico. Kaës (2005a) considera que o enquadre é o lugar constituído pela psique do analista, mas o espaço onde o grupo se reúne e que este será o depositário dos elementos arcaicos e da problemática edípica grupal. Kaës (2005a) estabelece cinco funções principais do enquadre:

- 1- continente, no sentido de lugar que recebe o oculto e o arcaico;
- 2- limitação, que garante a distinção entre o eu e o não-eu;
- 3- transicional, que articula o dentro e o fora;
- 4- suporte, apoio aos objetos internos;
- 5- simbolizante, quando há a formação do pensamento e, que ocorre com o cumprimento das outras funções.

***Laura iniciou se apresentando**, disse seu nome e que tinha 14 anos. Em seguida, Cleiton se apresentou, acrescentando que também tinha 14 anos e, rindo, disse que era meio doidão. Todos deram risadas. Depois Débora se apresentou, dizendo a idade (14), Ângela disse a idade (15) e que vinha outro dia da semana no CAPS/IA, Débora também disse que iria começar a vir no dia seguinte. Os demais disseram que ainda não haviam sido inseridos nos atendimentos da Instituição.*

A apresentação dos participantes parece-nos consistir uma maneira encontrada para minimizar a angústia gerada pela nova situação e pelo desconhecimento dos membros do grupo. Além de estar relacionada a uma regra social, neste caso, a apresentação possui uma função de diminuir o sentimento de estranheza e ansiedade dos adolescentes do grupo.

Assim que todos se apresentaram, chegou Roberto. Abri a porta e convidei-o a entrar e a se sentar. Apresentou-se dizendo seu nome e, assim, todos se apresentaram novamente.

Silêncio de aproximadamente 45s.

O silêncio do grupo remete-nos à interpretação de que se trata de um sinal de resistência do mesmo. De acordo com Laplanche e Pontalis (1963), chamamos resistência a tudo o que nos atos e palavras se opõe ao acesso ao seu inconsciente. A resistência impede a ocorrência de qualquer mudança, permanecendo tudo como era antes; não sendo importante sob que forma a resistência aparece, seja como transferência ou não. Segundo Foulkes e Anthony (1957), os silêncios constituem uma forma importante de comunicação grupal, sendo necessária a análise para a compreensão de seus diferentes significados.

Débora disse que gosta muito de ler histórias, inclusive que já leu quatro livros sobre mitos, chama-se Persy Jackson¹⁰. Silêncio. Perguntei aos demais se eles também conheciam algumas dessas histórias. Ângela disse que adora ler e que já estudou mitologia na escola. Roberto disse que não gostava muito de ler. Os demais permaneceram em silêncio.

*Após alguns segundos de silêncio, **perguntei a eles o que mais gostavam de fazer.***

Aparentemente, a psicóloga sente-se angustiada diante do silêncio inicial do grupo, acaba quebrando o silêncio e direciona a fala. Consideramos

¹⁰ Percy Jackson é um personagem da série Percy Jackson & Os olimpianos de Rick Riordan. Percy é o protagonista e é apresentado como um pré-adolescente com 12 anos, que foi diagnosticado com TDAH e dislexia. Ele é filho de Poseidon, deus do mar, e recebe prestígio após concluir uma missão com louvor.

importante tentar identificar o estado psíquico do coordenador do grupo para que se possa lidar de maneira mais eficiente com os processos contratransferenciais. De acordo com Laplanche e Pontalis (1963), a contratransferência refere-se às reações de natureza inconsciente do analista ao paciente e, mais especificamente, à transferência do mesmo. Segundo Kaës (1976a), no grupo se articulam processos transferenciais e contratransferenciais múltiplos, tanto do sujeito para o grupo, do sujeito para cada um dos sujeitos do grupo, ou do grupo em si para o sujeito, assim como, do grupanalista para o grupo.

*Laura disse que não gostava muito de ler, mas **adorava navegar na internet, ficava umas quatro horas diárias, disse gostar das redes sociais, ficava conversando com os amigos e conhecendo novas pessoas.***

Cleiton também disse ficar na internet. Roberto disse que também gostava.

Sob a perspectiva grupal, consideramos o primeiro organizador psíquico de que nos fala Kaës (1976a), diante da transposição do vínculo¹¹ virtual, manifestado pelas falas de uso contínuo da internet e redes sociais, para o aqui-agora do grupo. De acordo com Kaës (1976a), na fantasmática¹² do grupo no seu processo inaugural, constituído de ansiedades e medos frente ao desconhecido, a relação do sujeito com o objeto, o seu desejo e, de mais um

¹¹ De acordo com o Dicionário de Psicoanálisis de Las Configuraciones Vinculares (1998), o termo *vínculo* vem do latim *vinculum*, que deriva de *vincire*, significa atar, união de uma pessoa ou coisa com outra. Segundo Pichon-Riviere (1988), o vínculo configura-se em uma estrutura dinâmica, a qual envolve as relações de objeto, os processos de comunicação e de aprendizagem, estando em desenvolvimento ininterrupto e sendo caracterizado como social.

¹² O momento fantasmático engloba o momento originário e o primeiro organizador. Trata-se de externalizar os grupos internos para destinar a si próprios e aos outros um lugar determinado (Kaës, 1976a).

outro, está a fantasia originária¹³ que é aquela que tem a função de primeiro organizador psíquico. Neste início de sessão, chamamos a atenção para a busca de contato, primeiramente, no vínculo virtual, e atualizado no aqui-agora do grupo. Kaës (1976a) afirmou que as pessoas se dirigem ao grupo para sentirem um corpo imaginário, onde podem ser amadas, buscando uma unidade perdida no nascimento. As pessoas procuram no grupo reviver o desejo de se fundirem ao corpo, principalmente, ao corpo materno. Assim, acreditamos que o ambiente do grupo funcionou, neste primeiro momento, inclusive com a colaboração fornecida pela própria disposição das cadeiras em círculo, como corpo materno, ou seja, aquele que apoia e protege, conforme preconizou Kaës.

*Ângela disse que não tem tanto tempo para fazer as coisas que gosta, pois **precisa trabalhar, há um ano e meio cuida de uma senhora idosa** e estuda.*

*Os demais pareceram ficar surpresos por **Ângela trabalhar**. Perguntei se mais alguém trabalhava. Disseram que não.*

Permaneceram em silêncio.

Esperei alguns segundos e apontei que neste primeiro dia, estávamos nos conhecendo e que eles estavam contando um pouco de si aos outros e que este momento era importante.

Novamente silêncio de aproximadamente 30s.

Questionei, então, como era cuidar de outra pessoa, como no caso de Ângela, e como era cuidarem de si mesmos.

*Ângela disse que além de cuidar da idosa, ela também tinha cachorros em sua casa, e cuidava deles, mas que um havia morrido recentemente, disse: “Eu o perdi, mas **cuidar de mim mesma, eu não sei**”.*

Cleiton disse que não tinha animais e também não sabia cuidar.

Laura e Roberto disseram que tinham cachorros, mas não cuidavam muito.

¹³ A fantasia originária é um dos modelos de organizador psíquico que atualiza ou ativa estruturas psíquicas preexistentes à formação de grupo.

Apontei que eles estavam falando de cuidados, descuidos, perdas, enfim, me parecia que também estavam falando de como era necessário cuidar da adolescência, que apresenta tantas perdas.

A respeito desse fragmento, destacamos que as transformações psicológicas que ocorrem na adolescência levam a uma nova relação com os pais e o meio social, e a constituição de uma identidade adulta, a qual só é alcançada quando o adolescente consegue elaborar, lentamente, o triplo luto da adolescência: o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais da infância (Freud, 1917). Consideramos que os adolescentes de nosso grupo procuram se afirmar em suas identidades emergentes como adultos, porém ainda não conseguem deixar de florescer aspectos infantis, como, por exemplo, as falas de Ângela que disse *não saber se cuidar* e Laura e Roberto que afirmam que *não cuidavam dos animais de estimação* que possuíam, sendo necessária a elaboração dos lutos da infância para poderem assumir responsabilidades e escolhas.

Cleiton disse que tinha responsabilidade, mas que era duro, recebia muita cobrança dos pais.

Laura balançou a cabeça concordando e disse: “Adolescente tem muitos sentimentos, muita coisa, mudança, e sabe...” parou de dizer, sorriu, tentou dizer novamente “sente vontade de...” fazendo um gesto com as mãos para frente. Todos dão risadas, parecia que haviam entendido, mas ninguém disse nada. Silêncio de 10’. Perguntei o que se passava. Ninguém respondeu.

Risos e silêncio.

Disse ao grupo que parecia ser um assunto que causava constrangimento, mas que eles sabiam que podiam pensar e falar o que quisessem ali.

Novamente silêncio. Os adolescentes olham bastante para baixo.

Novamente observamos o silêncio somado ao riso de desconforto psíquico, o que parece ocorrer em nosso grupo, no momento em que uma participante tenta dizer algo que a incomoda, expressando uma comunicação não-verbal do grupo e de Laura. Podemos nos referir a uma transmissão transpsíquica (Kaës, 2005b), a qual diz respeito a uma forma de comunicação não-verbal na qual são abolidos os limites e o espaço entre os sujeitos, o que parece ocorrer, nesse caso, ao menos em parte, quando Laura fala sobre seus sentimentos.

Ressaltamos, ainda, que os grupos com participantes adolescentes muitas vezes aparentam receio em relação aos silêncios, podendo fazer o possível para evitá-los. Desse modo, o comportamento durante um período de silêncio costuma ser marcado por ansiedade, com o evitar trocas de olhares e aumento de pequenos movimentos.

Após um prolongado silêncio, Cleiton perguntou-me se iam ler a história do mito. Disse que poderíamos. Os demais demonstraram o interesse balançando a cabeça e sorrindo. Escolheram espontaneamente o mito de Ícaro e começaram a leitura.

A esse respeito, Kaës (1999) afirma que o conto, assim como o desenho e a brincadeira, é um modo de expressão natural e familiar da criança e do adolescente, levando-os a experimentar certo prazer em ouvir histórias, pois sua imaginação pode manifestar-se livremente. O mito proporciona diretamente o compromisso satisfatório entre os mecanismos de defesa e sua realização fantasmática:

O mito, como o conto ou a lenda, forma uma reserva de já ditos que podem tornar possível o dizer ainda não formulado: o que é colocado em disponibilidade no pré-consciente – imagens, falas, cenas - fornece uma figuração de afetos e representações que então se tornam acessíveis ao pensamento (Kaës, 1999, p.93).

MITO DE ÍCARO

Ícaro era filho de Dédalo, um genial arquiteto que construiu o labirinto de Creta, Ícaro estava longe de ter a inteligência de seu pai. Era um jovem muito cheio de si, que tinha o orgulho pretensioso que os gregos consideravam o mais grave dos defeitos.

O rei Minos, irritado com Dédalo por este haver ajudado os amores de Pasifae, prendeu-o no labirinto juntamente com seu filho Ícaro e também com o Minotauro.

Para se livrar desta prisão, Dédalo, que sempre tinha boas ideias, confeccionou asas e as fixou com cera nas suas costas e nas costas do filho Ícaro. E assim, os dois saíram voando do labirinto.

Mas, ao invés de voar em linha reta sob o mar, Ícaro desprezando as recomendações do pai, para que não voasse nem muito baixo, nem muito alto, quis voar até o céu. Tomado pela excitação do vôo, achou que fosse um deus e que pudesse disputar com o sol. Porém, quanto mais subia, mais aumentava o calor e a cera que segurava suas asas começou a derreter.

Sentindo que as asas se desprendiam, Ícaro deu um grito apavorado e caiu ao mar. Desde então leva seu nome: o mar Icário, parte do mar Egeu, que cerca as ilhas Samos e Icaria.

*Ao terminarem a leitura, os adolescentes permaneceram em **silêncio** por 30s. Perguntei o que poderiam pensar sobre a história e se havia despertado algum sentimento.*

Laura disse que havia gostado da parte do vôo. Os outros concordaram.

*Cleiton: **acho que não pode ser orgulhoso, precisa ter limites.***

Os outros pareceram concordar com ele.

Débora: é bom ter limites, nas palavras, tem gente que exige que o outro escute o que está falando e o outro que exige que tem que falar, não respeita.

Novamente silêncio.

O mito de Ícaro simboliza o desejo de liberdade e a ideia de voar atravessa os tempos até a sofisticação das viagens interestelares. As asas são o símbolo da criatividade e do potencial humano. Embora ambos tivessem asas, Dédalo e Ícaro as obtiveram de formas distintas. Ao passo que Dédalo as forjou, pena por pena, Ícaro as recebeu como herança paterna, ou seja, para Ícaro não foi uma construção, mas sim um presente. Ícaro esqueceu o conselho do seu pai de que não se mantivesse muito próximo ao sol, pois a cera que colava suas asas poderia derreter. O mito de Ícaro representa, ainda, sentimentos humanos, presentes principalmente na fase da adolescência, de vaidade, arrogância, ambição, a necessidade de poder, domínio e grandeza, a ausência de limites, o desejo de estar acima dos outros (voar) e a busca por meios mágicos. Em nosso grupo, observamos que os participantes demonstram preocupação com a atitude de Ícaro não respeitar os limites e voar acima do permitido, porém não trazem possíveis sentimentos que podem ter sido despertados a partir do mito. A respeito desse fenômeno, encontramos a definição freudiana sobre os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico. Esses podem ser distinguidos como o processo primário que caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente – consciente (Laplanche & Pontalis, 1982). Parece ter sido conveniente ao grupo trabalhar sobre o processo secundário e o princípio de realidade. Esse fragmento também nos remete à interpretação de que se

trata de um sinal de resistência, sendo comum esse fenômeno nos grupos (Anzieu, 1966).

Perguntei o que significavam os limites para eles.

*Laura disse que ela tinha muitos limites, que não podia chegar na sua casa na hora que quisesse, mas que **podia fazer muita coisa como adolescente, sair com as amigas, passear, viajar sem os pais** e que era bom ser adolescente.*

Laura associa a ideia de liberdade ao plano objetivo da existência e tem dificuldade em refletir sobre a liberdade interior, a qual poderia trazer inúmeras possibilidades de desenvolvimento. Além disso, a adolescente não pensa que renunciar a certos desejos também é uma maneira de se libertar.

Silêncio de 40s.

Perguntei no que os outros estavam pensando.

Cleiton disse que às vezes era ruim ser adolescente, tinha muita cobrança, fazer coisas que antes não fazia.

Débora falou das mudanças corporais, disse: “alteração do humor”, e que cada dia acordava de um jeito diferente, às vezes acordava alegre, às vezes estressada.

Os outros riram, parecendo concordar. Perguntei se era assim com eles também. Afirmaram balançando com a cabeça.

A questão da liberdade versus limites exige que os adolescentes reconheçam as dificuldades do crescimento, pois se encontram em um processo de despertar para as questões da vida, parecem começar a refletir sobre a própria experiência e perceber novas responsabilidades. Os adolescentes, por estarem se adaptando às inúmeras mudanças, tanto num nível físico como emocional, encontram no grupo um espaço onde podem pensar e compreender suas preocupações e inseguranças. Do ponto de vista

transferencial, é o grupo quem também está se adaptando, superando a fase inicial característica do encontro com uma nova pluralidade (Kaës, 2011) e trazendo as primeiras queixas sobre a adolescência.

*Estava se aproximando do encerramento. Sugeri que cada um dissesse uma palavra, a primeira que viesse a cabeça, de como se sentiram hoje no grupo. Ângela começou dizendo “**novidade**”, depois Laura “**amizade**”, Cleiton “**descoberta**”, Débora “**agradável**”, Roberto “**feliz**”.*

*Agradei a todos e disse que os esperaria na próxima semana, no mesmo local e horário. **Todos sorriram** e se levantaram, dirigi-me a porta para abri-la e ao passar por mim, **Laura me beijou e foi seguida pelos outros**.*

Em relação às palavras enunciadas pelos participantes ao término do primeiro encontro, pensamos que a fantasia comum do grupo, que encontrou ressonância em todos os membros do grupo, pode ser expressa através das formulações de Anzieu (1966), ao comparar o grupo com o sonho. Nesse fragmento, os adolescentes demonstram um desejo de começar a confiar no grupo e a realizar nele seus sonhos. Freud (1900) destacou a função de realização de desejos dos sonhos, afirmando que é neles que, de certa forma, desejos proibidos podem encontrar satisfação. Anzieu (1966) defende que o mesmo ocorre no grupo. A situação grupal favorece que o individual dê lugar ao coletivo, com isso as pessoas sentem-se mais livres, intensificando a busca pela realização de desejos. O encontro é encerrado com um sentimento positivo e com a necessidade do grupo de criar uma ilusão grupal. Para Anzieu (1966), a ilusão grupal define-se como um sentimento de idealização para minimizar as angústias e as tensões despertadas pela própria situação nova de grupo.

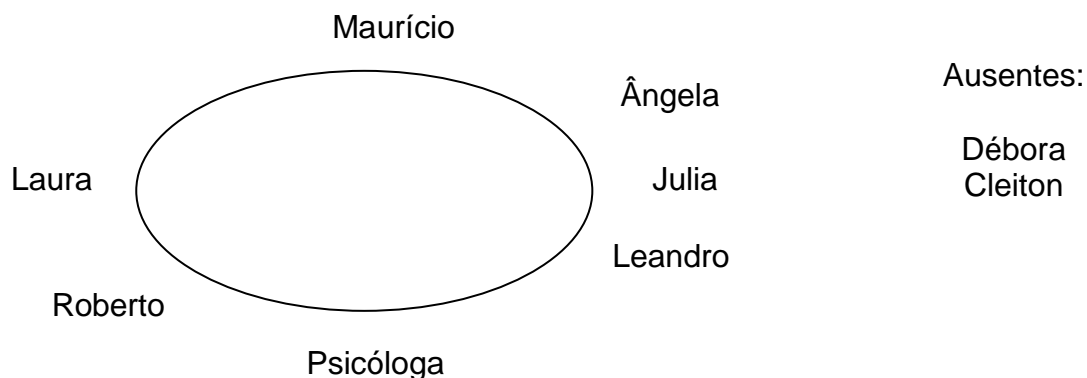
Nesse primeiro encontro, podemos associar o voar e cair presentes no mito de Ícaro com a realidade psíquica do grupo de adolescentes. Dédalo deu a liberdade para voar a seu filho Ícaro. No entanto, este foi aconselhado por seu pai para que não voasse muito baixo ou muito alto. Ambas as posições poderiam gerar perigo e risco de morte, voando muito baixo poderia se machucar no topo das árvores, ou molhar as asas na água do mar. Voar muito alto poderia fazer a cera de suas asas derreter com o calor do sol, como realmente ocorreu.

O pai de Ícaro pode ser representado, no aqui-agora, pela psicóloga do grupo que tem como função oferecer condições para que os adolescentes se libertem das travas do inconsciente. Nessa sessão, os participantes do grupo parecem voar baixo, parecem presos às emoções, passivos, inibidos e receosos, conforme observamos nos constantes silêncios. Psicicamente, encontram-se dependentes da mãe-terra.

Bion (1961) elaborou um modelo teórico para explicar os processos e as formações psíquicas produzidas nos grupos. A primeira modalidade mental definida como *grupo de tarefa ou de trabalho*, prevalecem processos e exigências racionais, o pensamento lógico, a organização da tarefa e os sistemas de comunicação que permitem a sua realização. Este funcionamento grupal está a serviço do princípio da realidade. A segunda modalidade de funcionamento mental é a *mentalidade de grupo*, que atua conforme um arranjo de pressupostos básicos e é criada, por meio do grupo externo e a partir da intrasubjetividade de seus participantes. O conceito de *pressuposto básico* de Bion (1961) nos permite qualificar os diversos conteúdos da mentalidade

grupais, que são constituídos de emoções intensas de origem primitiva. Esses conteúdos desempenham papel determinante na organização de um grupo, na tarefa e na satisfação das necessidades e desejos de seus participantes. São usados pelos membros do grupo como formas mágicas para evitar a frustração inerente ao aprendizado. Bion (1961) descreve três tipos de pressupostos básicos (fantasias) que sustentam e penetram na mentalidade primitiva: *dependência, luta e fuga e acasalamento*. Consideramos que o grupo de adolescentes, nesse encontro, se organizou de acordo com o pressuposto básico de dependência. Nesse pressuposto é esperado de o líder, nesse caso, da psicóloga, assumir a posição de suprir as necessidades e fornecer amparo para o grupo imaturo, o qual permanece na posição de ser saciado completamente.

II – TERCEIRA SESSÃO



*Estavam iniciando, hoje, no grupo Julia, Maurício e Leandro (que chegou atrasado). Seus responsáveis haviam telefonado e justificado as ausências nas primeiras sessões. **Laura comentou que tinha gente nova e começou a se apresentar. Todos deram prosseguimento dizendo seus nomes. Descreveram, também, aos novos como funcionava o grupo:***

Laura: A Cybele traz algumas histórias pra nós, a gente lê, a gente discute, fala o que a gente entende do contexto da nossa vida mesmo, se a gente acha que tem alguma coisa a ver, vai falando...

Ângela: É, e não tem certo e errado.

A entrada dos novos participantes no grupo não passa despercebida, pudemos observar que surgem sentimentos de interesse e aceitação no grupo em relação aos novos adolescentes, demonstrando uma tentativa de aproximação ao vínculo existente entre eles. Ocorre uma transferência positiva em direção ao objeto-colega de grupo. Encontramos nas formulações de Anzieu (1966) e Kaës (1976a) possibilidades de compreensão, quando referem que o grupo pode ser representado como um corpo, do qual cada um é uma

parte integrante, sendo investido pelas pulsões libidinais de todos os membros, garantindo que se organize como uma *unidade-corpo* contra a fragmentação.

Acreditamos, entretanto, que a nova configuração grupal parece ter gerado certa preocupação nos adolescentes. A iniciativa de Laura de se apresentar aos novos participantes provavelmente consiste em uma maneira encontrada para minimizar a ansiedade frente à situação de desconhecimento dos novos participantes do grupo, utilizando-se de um recurso clássico, segundo Kaës (2011), cuja finalidade vai além do objetivo manifesto de identificação dos participantes, para atender ao objetivo profundo de “tranquilizar-se e proteger o ego e o grupo que começa a tomar forma contra a angústia diante do desconhecido, tanto do exterior quanto do interior” (p. 123).

Silêncio de aproximadamente 40s. A Psicóloga perguntou no que estavam pensando. O silêncio continuou até que ***Laura sugeriu ler uma história e os demais concordaram.*** Escolheram o mito de Perseu.

O início do grupo é propício a formações regredidas uma vez que costuma ser um momento ansiogênico, pois ainda não se conhece como é o grupo, quem são aquelas pessoas com as quais se compartilha um contexto não familiar e, principalmente, como devem se portar ali (Bion, 1961). Diante dessa ansiedade, os adolescentes que têm a possibilidade de expressar sentimentos, pensamentos e fantasias no aqui-agora do grupo, permanecem em silêncio e parecem resistir em cumprir o objetivo do grupo. Resolvem, em poucos segundos, pela leitura de um mito.

Segundo Freud (1900), o contato com aspectos inconscientes do indivíduo pode se dar em face de uma resistência, de maneira que tal processo

geralmente se encontra associado ao desprazer, fazendo com que ele o rejeite repetidas vezes. Para Kaës (1999), a criança e o adolescente, experimentam certo prazer em ouvir histórias, pois sua imaginação pode manifestar-se livremente e têm uma função catártica. Destarte, parece ter sido conveniente ao grupo voltar a sua atenção para a história do herói Perseu.

MITO DE PERSEU

Perseu era filho de Zeus e Dânae, a qual era filha única de Acrisio, rei de Argos. Acrisio foi avisado pelo oráculo que ele teria um neto que o mataria assim que chegasse à vida adulta. Logo ao nascer, Perseu e sua mãe foram trancados por seu avô numa arca, que foi lançada ao mar. Mas a arca não afundou e foi carregada pelas ondas até outro reinado, onde foram acolhidos pelo rei Polidectes.

Quando Perseu se tornou um rapaz forte, Polidectes imaginou encarregá-lo de uma tarefa impossível, na esperança de que ele nunca mais voltasse para, finalmente, casar-se com sua mãe. Pediu, então, a Perseu que lhe trouxesse a cabeça da Medusa. A Medusa era a rainha das górgonas, horríveis criaturas de mãos de bronze, dentes de javali e cabelos de serpentes, que tinham o poder de transformar em estátua de pedra quem as olhasse de frente.

Zeus enviou dois deuses para proteger seu filho. Perseu calçou as sandálias aladas de Hermes, e aconselhado por Atena, foi falar com as irmãs da Medusa, as gréias. Estas eram velhas feiticeiras de cabelos brancos, que se revezavam para usar o único dente e o único olho que possuíam. Para obrigá-las a responder, tomou-lhes o olho e o dente. Obteve, assim, o que desejava.

Partiu rumo à gruta onde vivia a Medusa. Atena lhe deu seu espelho e seu escudo, Hermes lhe deu uma foice. Para não olhar o monstro de frente, Perseu foi andando de ré, com ajuda do espelho, e cortou o pescoço da terrível Medusa com um golpe de foice. Colocou a cabeça da Medusa num saco e montou no cavalo mágico Pégaso, o qual havia saído do cadáver da Medusa.

Antes de voltar para encontrar sua mãe, casou-se com Andrômeda. Ao chegar, Perseu mostrou a cabeça da Medusa ao rei Polidectes que a entregou a Atena.

Em seguida, quis retornar a sua terra natal, com sua mãe e sua esposa. Seu avô Acrisio, que os havia expulsado, fugiu ao saber que eles estavam voltando, pois se lembrou de que o oráculo o previra que ele seria morto pelo neto.

Mas ao chegar a uma cidade vizinha, Perseu foi convidado a participar de uma das competições de lançamento de disco. Ao tomar impulso e lançar seu disco, Perseu não mirou bem e seu projétil caiu no meio da multidão, atingindo seu avô Acrisio, que se encontrava entre os espectadores. Este morreu no mesmo instante. Perseu nunca havia pensado em se vingar e ficou desesperado ao saber quem era a vítima.

No entanto, Perseu não quis ocupar o trono daquele que ele tinha matado e tornou-se, então, rei de uma cidade vizinha. Teve vários filhos com Andrômeda, e uma de suas netas, Alcmena, é mãe de Hércules.

Perseu e Andrômeda agiam sempre de acordo com os deuses e foram transformados em constelação depois de sua morte.

*Quando terminaram a leitura, os adolescentes fizeram **silêncio de aproximadamente 30s.***

Psicóloga: O que está passando?

Novamente silêncio de aproximadamente 40s.

Julia: Achei uma boa esta ideia do Perseu de não olhar diretamente para a Medusa, usar o escudo, andando de costas...

Laura: Ele (Perseu) pensou, né...

*Maurício: **Achei meio estranho...** e também o jeito que ele matou o avô dele, não teve luta.*

(...)

Maurício: Trágico...achei trágico.

Silêncio, olhares receosos, parecem inibidos.

Esse fragmento nos remete a fala de Maurício quando diz que achou “meio estranho” o mito. O grupo parece estranho, os adolescentes mostram-se receosos, parecendo não conseguir se adaptar ao aqui-agora do grupo, apresentam dificuldades em desenvolver um processo associativo. Segundo Decherf (1986), a técnica da associação livre pode provocar ansiedade e tensão, reativar fantasias originárias, principalmente de espedaçamento, perda de identidade e de simbiose, gerando angústias que são combatidas por

mecanismos de defesas. Um dos mecanismos de defesa, que percebemos ocorrer nesse início de grupo, é o da sideração grupal. Esse fenômeno ocorre predominantemente nos primeiros encontros do grupo, e manifesta-se pela imobilidade e inibição dos participantes.

Psicóloga: O que mais vocês podem pensar? O que sentiram ouvindo a história?

*Laura: **Na violência, brigas, pai matando filho...***

*Julia: Raiva, pessoas que prejudicam alguém, **acho que tem algum problema, acho que as pessoas que fazem isso estão precisando de tratamento, não é possível ser normal, alguém que faz tão mal ao outro assim...***

*Laura: Acho que pessoas que fazem o mal assim, podem ter algum **trauma de infância, pais que deixavam ele largado, ou foi abusado, ou apanhava e quer descontar a raiva, mas tem que procurar tratamento, não descontar o passado em pessoas inocentes...***

Em relação ao trecho acima, observamos que os adolescentes iniciam um movimento de intercâmbio. O relato mítico parece ter despertado algumas representações psíquicas no grupo, que se mostra sensibilizado com os conflitos familiares, brigas e matanças, nos remetendo ao conflito intrapsíquico vivenciado pelos participantes na adolescência, diante da oposição das exigências internas contrárias, entre desejo e defesa das diferentes instâncias psíquicas (id, ego e superego). Esses conflitos geram angústias e sofrimento emocional que exigem compreensão, conforme podemos observar nas falas de Julia e Laura sobre “*precisar de tratamento*”.

Nesse momento, compreendemos que os adolescentes transferem para o aqui-agora do grupo, a necessidade de também serem amparados e compreendidos. Os participantes expressam suas experiências emocionais e

suas dificuldades de compreensão (“*não é possível ser normal*”) de situações presentes no meio em que vivem e para os quais começam a se dar conta na vida.

*Maurício: **Acho que alguém pode fazer o mal por luxo, por dinheiro, carro, pra ter isso...***

Julia: Ok, mas não acho isso normal, não acho certo...

A partir da fala de Maurício, quando se refere que acredita ser possível uma pessoa fazer mal a outra por “*luxo, por dinheiro, carro, pra ter isso...*”, podemos observar uma característica comum na adolescência relacionada ao desejo de possuir, ao sentimento de grandeza e vaidade. Esses sentimentos são comuns a essa fase, pois o ego é lábil e está submetido a flutuações da angústia que emerge do despertar das pulsões e das novas exigências internas e externas. Quando o ego frágil não consegue elaborar esses conflitos, observamos, como no caso dos adolescentes de nosso grupo, o predomínio dos mecanismos de defesa de natureza arcaica, como a onipotência e a idealização (González, 2009).

***Profundo e tenso silêncio** por aproximadamente 45s, alguns adolescentes olhavam para baixo e outros dirigiam seus olhares à psicóloga.*

Psicóloga: O que mais podem pensar?

*Novamente **silêncio** de 15s.*

Conforme dito na primeira sessão, os silêncios podem ter algumas funções no grupo, por exemplo, quando um participante monopoliza a atenção dos demais para si por meio do excessivo silêncio, ou quando significa uma

atitude de hostilidade e indiferença com relação aos demais participantes e coordenador do grupo. Pode também representar um momento de reflexão, compreensão e alívio. Todavia, em nosso grupo, consideramos que, nesse momento, o silêncio denota um clima tenso, angustiante e persecutório.

Laura: Eu gostei muito.

*Ângela: Ah, **foi legal ele não querer se vingar do avô.***

Roberto: Não se vingou porque pensou no avô.

Ângela: Ou por perdoar...

*Laura: **Ele pode não ter querido se vingar por ser avô dele.***

O mito de Perseu aponta para o tema familiar, o sentimento de rejeição e o conflito intergeracional. Nesse fragmento, os adolescentes, ao falarem sobre o avô de Perseu, referem-se a essa transgeracionalidade. Para Kaës (2005b), o sujeito se define, necessariamente, no espaço intersubjetivo e, mais precisamente no espaço e no tempo transgeracional. Segundo os adolescentes, não querer se vingar do avô nos remete à contenção da destrutividade e da impulsividade. A figura do avô pode, aqui, representar o cuidado com os netos, o respeito pela velhice e suas histórias de vida e familiar.

A esse respeito, Kaës (2005b) afirma que as ressonâncias das histórias do passado familiar são determinantes na história pessoal de cada participante do grupo, o que nos remete ao conceito de transgeracionalidade, ou seja, a ideia de que cada um dos pais, avós, destes adolescentes mantém a internalização de suas respectivas famílias originais, com os correspondentes valores, crenças e conflitos, e que estes, quando não elaborados, são reeditados nos filhos, o que pode acontecer com sucessivas gerações.

Segundo Kaës (1998, pp. 5-6), “(...) a questão do sujeito define-se, cada vez mais necessariamente, no espaço intersubjetivo, e mais precisamente, no espaço e no tempo da geração, do familiar e do grupal”.

Julia: Acho que a pessoa precisa se colocar no lugar do outro, pensar que às vezes você também pode fazer alguma coisa, ninguém é perfeito.

*Laura: **Às vezes, a gente não se reconhece.***

A fala de Laura nos remete a fala de Maurício, no início do grupo, quando diz que achou “*meio estranho*” o mito, ela aponta para o não-reconhecimento. Supomos que os adolescentes parecem não conseguir se reconhecer enquanto tais, e transferem para o aqui-agora do grupo, uma regressão a uma vivência primitiva, onde psique e corpo não estavam integrados, não existindo ainda a individuação (Decherf, 1986).

Nesse momento, Leandro chega, entra e pede desculpas. Todos se apresentam novamente a ele, dizendo o nome e a idade e contam a história a ele, vão contando cada um, uma parte.

*Leandro: Ah, vocês estão falando de alguém que sofreu alguma coisa e quando cresceu, se **perdoaria ou não?***

Silêncio, ninguém responde.

*Leandro: Tenho um amigo que **o pai dele não assumiu sua paternidade quando era criança**, e depois de adulto, quis assumir o filho, e ele não sabe se perdoa ou não... acho que ele não perdoou, acho que perdoaria, mas respeito eu não teria por esta pessoa, mas eu perdoaria.*

O atraso de Leandro parece ter gerado um sentimento de culpa, fazendo-o se desculpar com o grupo no momento de sua chegada, por ter transgredido a uma regra do enquadre: o horário de início das sessões. De certa forma, sob o ponto de vista do funcionamento psíquico grupal, Leandro

dá continuidade à fala anterior de Laura “*a gente não se reconhece*”, pois quando não cumpre o horário e não assume a tarefa do grupo, ou “*não assume a paternidade*”, transferencialmente, reativa sentimentos de abandono no grupo e uma experiência de não-reconhecimento desse, devido a sua não contribuição e não participação.

(...)

*Laura: A minha avó queria um filho homem, tinha minha tia, mas não poderia mais ter, mas ela fez uma promessa pra ter outro filho, daí nasceu meu pai, cresceu, normal, mas ela precisava pagar o que prometeu, mas ela não fez. **Hoje meu pai tem esquizofrenia**, mora com a minha vó, e ela não poderia ter feito isso, é pra ela pagar o que fez.*

Julia: O que é esquizofrenia?

Silêncio.

Psicóloga: O que vocês compreendem?

Laura: Ah, não sei explicar, é como uma depressão profunda, que a pessoa ouve vozes, foge, faz coisas que ela nunca faria na vida, pode até tirar a vida...

*Leandro: Vocês chegaram a assistir aquela **novela Caminho das Índias**? **O Tarso era assim, na minha escola tem um inspetor que é esquizofrênico**, a gente olha ele assim, ele começa a falar sozinho, sem saber...*

Quando alguns adolescentes se referem à loucura fora do grupo, em relação ao pai de Laura, ao personagem da TV e ao inspetor da escola, parecem estar projetando para fora a loucura do próprio grupo. A projeção é uma operação na qual o indivíduo expulsa de si alguns de seus sentimentos, desejos ou temores que desconhece de si mesmo, ou recusa em si próprio, e os localiza em pessoas ou coisas (Laplanche & Pontalis, 1982). A partir do ponto de vista psíquico do grupo, podemos compreender parte do funcionamento mental da adolescência, pois o adolescente vivencia um período de insegurança do ser, de intensa turbulência emocional e desarmonia

psíquica. Millonschik (2004) refere que é como se o adolescente tivesse perdido uma casca e ainda não houvesse reconstruído outra, tornando-o vulnerável emocionalmente. Os adolescentes de nosso grupo receiam entrar em contato com a “*loucura, esquizofrenia, depressão profunda*”, pois diante do ego frágil, têm medo da própria impulsividade e descontrole emocional.

Laura: A minha avó queria mais um filho e foi fazer...

Leandro: Ela fez um pacto?

Laura: É.

Leandro: É porque ela não cumpriu o pacto, por exemplo, a Lady Gaga¹⁴ fez um pacto, mas como ela cumpriu, continua famosa.

Laura: Ah, então acho que minha avó não cumpriu o pacto.

(...)

*Leandro: **Pra mim é vender a alma pro diabo.** Eu conheço alguém que é da Maçonaria, e diz que tem que vender a alma pro diabo.*

Ângela: Ah, já ouvi falar disso.

Esses fragmentos nos remetem à interpretação de que ocorre uma resistência do grupo, pois diante dos conflitos emocionais, os adolescentes “*vendem a alma ao diabo*”, vêm ao grupo para falarem livremente sobre seus sentimentos e conflitos, mas parecem resistir em cumprir seu objetivo, evitam falar sobre eles e falam do outro, externo ao grupo, prevalecendo sentimentos de desconfiança e receio.

*Leandro: Eu sei um pouco... porque **estou acostumado a escutar muito rock, rock gótico**, influi, dá vontade de saber mais..., só que **me deixa bem ‘deprê’, eu escuto e sei lá...me dá um desânimo de tudo na vida, eu escuto, mas sei lá...me prejudica, mas não tenho coragem de largar.***

¹⁴ Stefani Joanne Angelina Germanotta, mais conhecida pelo nome artístico Lady Gaga, americana, 26 anos, cantora, compositora e produtora musical.

Na fala de Leandro, a música gótica parece ser destrutiva e repetitiva, sem forma ou melodia, só barulho. Aponta para os 'barulhos' internos que o adolescente vivencia psiquicamente, diante de objetos internos perseguidores. A dificuldade de introjetar um objeto confiável, seguro e continente, faz com que o adolescente seja tomado por elementos persecutórios que serão reintrojados, projetados ou atuados para o exterior.

*Ângela: **Eu frequento o espiritismo**, sigo Alan Kardec¹⁵.*

Leandro: É verdade o negócio da mesa branca? Umbanda também?

Ângela: Também é...

O assunto sobre frequentar o espiritismo aparece como uma tentativa de recuperar o bom para enfrentar o mal. O mito de Perseu representa o caminho que a ser percorrido para se vencer o desconhecido (a Medusa) e encontrar a sabedoria. O monstro da Medusa simboliza, também, os preconceitos, estereótipos, as caras feias e caretas, o rosto assustador, que paralisa e petrifica. No mito, Atena, deusa da sabedoria, oferece um escudo (recursos) a Perseu para este enfrentar o monstro, ou seja, para enfrentar os próprios monstros internos, através do pensamento. O espelho de Perseu remete a 'reflexão', a imagem refletida, o refletir do espelho significa o refletir do pensamento, denotando que o mistério da Medusa é de que esta deve ser encarada, desvendada, aceita e não destruída ou ignorada (reprimida). Fazendo um paralelo do grupo com o relato mítico, diante da "esquizofrenia, diabo, deprê...", os adolescentes falam do que é vivenciado como bom (o

¹⁵ Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869), francês, pseudônimo de Allan Kardec, educador e escritor da Doutrina Espírita.

espiritismo) como uma tentativa de vencer o monstro (a Medusa) de Perseu, ou seja, vencer a inveja, o mal e os próprios impulsos destrutivos.

*Maurício: Soube que o Chico Xavier¹⁶ **doou seus bens**, tudo que ganhou com os seus livros..., para os pobres. **Achei bom ele pensar nos outros...***

Chico Xavier pode ser representado, no aqui-agora, pela psicóloga-mãe a qual se doa ao grupo, os escuta, ouve seus 'barulhos' e oferece condições aos adolescentes para falarem livremente sobre seus sentimentos. Conforme dito anteriormente, nesse estado de *dependência*, a suposição básica é de que existiria um objeto, no caso a psicóloga, cuja função seria fornecer amparo para seus participantes.

Silêncio de 30s.

Psicóloga: E você tem algum contato com seu pai, Laura?

*Laura: Tenho, a cada quinze dias a gente vai pra lá, ele mora com minha avó, **mas eu não tenho vontade de ir pra lá, não gosto de ver ele assim, mas tenho que ir, meu padrasto é mais pai do que ele, dá mais carinho. O médico falou que ele pode até matar a gente...***

Silêncio, o grupo parece tenso e comovido com o relato de Laura.

*Psicóloga: **Estamos conversando aqui sobre várias crenças, sentidos, cada um com o seu**, tentando entender a doença do pai da Laura e outras coisas. **Penso que é sofrido e difícil**, compreender o que se passa dentro de vocês, **porque as pessoas ficam doentes...***

*Ângela: **É difícil ficar sozinho... não poder ajudar..., quando o pai briga com a mãe, está tudo a sua volta, mas...***

*Julia: **Ouvi falar que cada vez tem mais pessoas no mundo, mas as pessoas se sentem sozinhas... por mais que o mundo exploda de gente. Frequentemente, eu pensava que as pessoas não gostavam de mim, que eu não***

¹⁶ Francisco de Paula Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier (falecido em 2002), médium e um dos divulgadores do espiritismo no Brasil.

tinha ajuda, me sentia cada vez mais sozinha, me sentia inferior, agora estou pensando diferente...

Silêncio, o grupo parece refletir sobre as falas de Ângela e Julia.

Psicóloga: Está se aproximando do encerramento. É por isso que estamos aqui, para podermos falar e ouvir, ninguém está sozinho.

Nos fragmentos acima, percebemos o fenômeno da ressonância nos quais a fala de Laura fez sentido a outros adolescentes, deflagrando a cadeia associativa grupal. Foulkes e Anthony (1957) denominam ressonância (termo emprestado da física) a existência de uma comunicação inconsciente entre os sujeitos do grupo, alguma experiência subjetiva singular que provoca uma vibração no mundo psíquico de outros participantes.

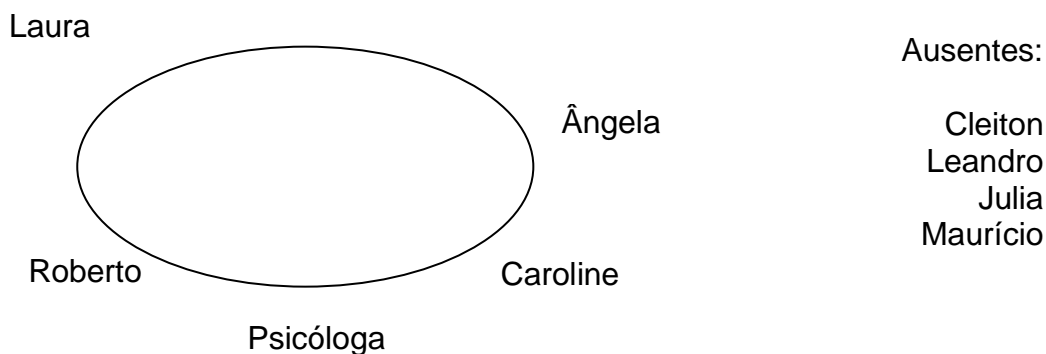
Para Anzieu (1966), a ressonância ocorre a partir de um determinado tema, fantasia ou sentimento comum no grupo, nesse caso, temas como briga com os pais, rejeição, solidão e loucura. Observamos que os adolescentes falam do desamparo, de como vivenciam relações pouco afetivas e cuidadosas, e de que sentem o mundo externo hostil.

Em síntese, no início desse encontro, a partir de nossa análise, consideramos que os fenômenos recorrentes que prevaleceram no grupo foram de projeção e negação como mecanismos de defesa diante do sofrimento psíquico. Segundo nossa compreensão, a leitura do mito de Perseu reativou algumas representações de abandono, inferioridade, desprezo e rejeição no psiquismo dos adolescentes, mobilizando esses sentimentos no grupo. O mito de Perseu também simboliza os desafio da vida e a superação das

dificuldades, conforme observamos no decorrer da sessão uma evolução no grupo, iniciou-se um movimento construtivo e reflexivo entre os participantes que demonstraram entrar em contato com as próprias experiências emocionais e a buscar, em grupo, pensar e compreender seus sentimentos e conflitos.

Compreendemos que o grupo representou uma envoltura protetora para os participantes expressarem suas emoções e conflitos. Conforme assinalou Anzieu (1966), o grupo é como um envelope que faz os indivíduos permanecerem juntos, o qual é formado com a construção de uma rede, que contém pensamentos, palavras e ações, caracterizado pela formação de um espaço interno e uma temporalidade própria, que garante manutenção das trocas entre seus participantes.

III – QUINTA SESSÃO



*Todos entraram e se sentaram. **Dirigiram seus olhares para mim. Laura olhou para a cadeira ao lado e perguntou-me se os demais adolescentes não viriam. Disse que não sabia o que havia acontecido e que também esperava por eles.***

As ausências dos participantes não passam despercebidas, o grupo expressa a falta e certa preocupação pela não contribuição e não participação desses, podendo ameaçar a integridade do grupo, pois, como dito na terceira sessão, o grupo pode ser representado como um *corpo*, do qual cada um é uma parte integrante.

A partir desse fragmento, observamos, também, que o grupo parece esperar algo da psicóloga, direcionando suas dúvidas a ela. Neste momento, o grupo comunica que a postura que deseja de um líder é a postura diretiva, que orienta e tira as dúvidas. Projeta na psicóloga a imagem da mãe, que pode cobrar a presença dos participantes, trazendo uma sensação de cuidado e segurança. Possivelmente, o grupo espera da psicóloga uma proteção como forma de minimizar as angústias vivenciadas pela situação grupal, proporcionando um alívio temporário.

Débora perguntou se iriam ler as histórias. Escolheram o mito de Hércules e começaram a fazer a leitura.

MITO DE HÉRACLES

Hércules era filho de Zeus e Alcmena e desde bebê surpreendeu a todos por sua força física e coragem. Hera, esposa de Zeus, havia ficado enfurecida e enciumada, e Hércules para escapar de suas perseguições precisou realizar coisas extraordinárias. Por isso, ele foi apelidado de Hércules, que quer dizer glórias de Hera.

Durante sua infância e adolescência, Hércules foi criado por sua mãe e seu pai adotivo, Anfitrião. Embora fosse um adolescente excelente, tinha um temperamento difícil, não suportava que lhe chamassem a atenção, tanto que certo dia, tomado de raiva, matou seu professor. Então, os pais o mandaram para a montanha, cuidar dos rebanhos. Hércules, mais forte e alto do que os outros pastores, venceu um terrível leão que andava devorando as ovelhas.

Algum tempo depois, em uma guerra entre sua cidade, Tebas, e a cidade vizinha, matou o rei rival e o rei de Tebas presenteou-o com sua filha mais velha. Mas perseguido pelo ódio de Hera, ainda com ciúmes de suas conquistas e vitórias, Hércules foi tomado por um acesso de loucura furiosa e massacrou sua mulher e seus três filhos. Devastado pelo remorso, ele teve de se refugiar, e foi consultar o oráculo de Delfos que lhe ordenou que se pusesse a serviço de seu primo, Euristeu. Este, em nome de Hera, o submeteu a provas que o fariam aliviar sua culpa. Assim, Hércules teve de cumprir seus famosos Doze Trabalhos:

- 1 – O leão de Neméia
- 2 – A hidra de Lerna
- 3 – O javali de Erimanto
- 4 – A corça de Cerínia
- 5 – As aves do lago Estinfale
- 6 – As estrebarias de Áugias
- 7 – O touro de Creta
- 8 – As éguas de Diomedes
- 9 – O cinto da amazona
- 10 – Os bois de Gerião
- 11 – Os pomos de ouro das Hesperides
- 12 – A descida aos Infernos

As aventuras de Hércules não se limitaram aos Doze trabalhos. Apesar de suas vitórias, as provações do herói não terminaram.

Ao longo de suas aventuras, Hércules se apaixonou varias vezes, era um homem bonito, que seduzia muitas mulheres durante suas viagens e teve muitos filhos, segundo o que se conta, cerca de sessenta.

Na vida adulta, Hércules casou-se com Dejanira. Esta, por sua vez, apreensiva, achou que o marido quisesse abandoná-la. Quando Hércules pediu a esposa que lhe entregasse uma túnica para se vestir, Dejanira mergulhou a vestimenta no sangue do centauro Nesso, o qual havia sido morto por Hércules. O centauro a havia alertado que, para Dejanira garantir para sempre a fidelidade de seu marido, deveria guardar seu sangue num frasco antes de ser morto. Porém, Dejanira não sabia que se tratava de um veneno mortal. Certa de que isso traria seu marido de volta, entregou a vestimenta com o veneno a Hércules que começou a sentir queimaduras horríveis. A túnica grudou em sua pele e para tirá-la ele se esfolaria vivo. Dejanira, ao saber do acontecimento insuportável, se suicidou. O herói, louco de dor, montou uma fogueira e se colocou em cima dela, morreu no meio das chamas.

Esse fim trágico, porém, foi somente do corpo humano. Purificado pelas chamas, Hércules foi levado ao Olimpo para juntar-se aos deuses. Foi acolhido por seu pai, Zeus, e Hera o perdoou. Tornando-se imortal, o herói se casou com Hebe, deusa da juventude.

Cada adolescente leu um parágrafo, lentamente, pareciam prestar bastante atenção, expressavam alguns risos e exclamações de surpresa e repudio ao mito, principalmente no momento do ataque de fúria, no qual Hércules mata sua família.

*Ângela comentou que viu o filme há muito tempo e **já sabia sobre a força do herói.***

*Laura: Eu também vi, lembro da parte que **ele luta com o Leão.***

As falas das adolescentes destacando a força e a luta de Hércules nos remete a luta que o adolescente trava para lidar com as exigências internas e externas relacionadas à faixa etária. Favilli (2005) afirma que a mente adolescente se encontra diante do fato de ter que elaborar as vivências sem ter, ainda, uma função de pensamento capaz de resolver, simbolicamente, a passagem para a próxima fase vital.

Silêncio. Perguntei o que mais poderiam pensar sobre essa história.

*Débora: **Gostei do final porque acabou bem, apesar de ele ter sofrido bastante antes.***

A fala de Débora aponta para o surgimento de um sentimento de esperança em um final bom e feliz, após a árdua tarefa da vida. No aqui-agora, pensamos em uma ideia de realização no grupo, um desejo de união e fortalecimento diante do objetivo comum. Para Kaës (2005a), é necessário o fornecimento de uma ilusão no grupo que garanta os investimentos imaginários, identificações narcísicas e sentimentos de filiação que possibilitem a realização do projeto do grupo.

*Ângela: Essa história é bastante sofrida, e ainda assim é bonita. **Eu não gostei de quando ela envenena ele, achei que era pra ele ser fiel, mas não era.***

Uma das características de um grupo é a possibilidade de oferecer um espaço que acolhe seus participantes e também poder provocar sentimentos de aprisionamento e frustração (Anzieu, 1966). A situação do envenenamento de Hércules, apontada pela participante, nos remete ao aqui-agora do grupo. O grupo e a psicóloga irão cuidar para a promoção de relações amistosas no grupo ou ocorrerá um envenenamento dessas, por exemplo, quando não se consegue conviver com as frustrações inerentes às interações humanas?

Silêncio de aproximadamente 45s.

O silêncio do grupo, que se segue a fala de Ângela, remete-nos à interpretação de que se trata, mais uma vez, de um sinal de resistência do mesmo¹⁷.

Psicóloga: E hoje podemos pensar nessa história de alguma forma?

*Laura: **Acho que é um tema atual, porque ele traiu, Zeus traiu a Hera com a Alcmena. E também a parte em que ela faz de tudo pra segurar, e acho que isso acontece. Tem pessoas que fazem de tudo para segurar as pessoas, e pode acabar prejudicando ela mesma e aos outros. Tem mulher que faz de tudo pra segurar o marido.***

Silêncio.

Consideramos que nesse fragmento, Laura expressa o sentimento da traição e desconfiança nos vínculos. Podemos pensar no aqui-agora do grupo, em relação ao vínculo grupal, o qual é questionado se será forte e seguro, capaz de auxiliar os participantes a lidar com suas inseguranças e conflitos.

O último trecho da fala de Laura nos remete ao vínculo de dependência, no qual se faz de tudo “*pra segurar alguém*”. Segundo Winnicott (1979), no início da vida, o bebê ainda não se separou da mãe, o que ocorre gradativamente¹⁸. O apego e o hiperinvestimento no objeto cumprem uma função de negação da separação, sendo uma forma de sobrevivência psíquica (Winnicott, 1979). Portanto, ao passo que há um movimento de suposto básico de dependência, segundo Bion (1961), há, como apontado nas formulações de Kaës (2003), a dependência conceituada por ele como pulsão de agarramento, um apego que tem como função a sustentação psíquica (holding), ou seja, uma defesa contra

¹⁷ Conforme dito na primeira e terceira sessões.

¹⁸ Do ponto de vista genético da metapsicologia, nos primeiros estágios de desenvolvimento do bebê, este é dependente absolutamente da mãe. Posteriormente, o indivíduo passa para uma dependência relativa e segue rumo à independência (Winnicott, 1979).

o abandono e contra a experiência de desamparo, conforme podemos perceber nos relatos das vivências dos adolescentes do grupo.

Destarte, segundo Mello (1986), esse processo do desenvolvimento individual é também observado na evolução do grupo, pois no início, o grupo não está integrado, é a soma de partes e, aos poucos, evolui para um estágio de integração. Essa evolução só é possível através da função de holding, exercida não só pelo terapeuta, mas também pela matriz grupal.

Psicóloga: O que vocês pensam sobre o que Laura disse?

*Ângela: Acho que no **namoro também**.*

*Laura: **Na família, primo, pai, mãe, pode ter traição...***

*Ângela: **Pode ter na amizade também, no sentido de trair a confiança.***

*Débora: Pode ter se você conta alguma coisa pra alguém, aí **ela vai lá e trai sua confiança.***

Psicóloga: Então estamos falando dos sentimentos dos seres humanos, traição, desconfiança...

*Laura: **É difícil se sentir traído. Eu confiei e fui traída, gostava e depois fiquei com raiva...**, às vezes as pessoas ficam com ódio.*

*Ângela: **É ruim, porque a pessoa que você mais gosta e confiava e contava tudo pra ela, te traiu e falou coisas que não eram verdade, espalhou e contou tudo... também, depois não consegue ficar, confiar em outra pessoa, contam mentira, fofoca...***

Nesse fragmento, os participantes do grupo trazem experiências subjetivas com conteúdo de traição e desconfiança, sentimentos que foram reativados no aqui-agora do grupo, com as faltas de alguns adolescentes, (apontada no início da sessão por Laura), se configurando uma mudança de enquadre no grupo. Compreendemos como uma forma de desconfiança e ataque ao grupo e à terapeuta, e ao mesmo tempo uma maneira de fuga, evitando o contato com as angústias e conflitos no grupo, criando uma fantasia

inconsciente grupal denominada de luta-fuga (Bion, 1961). Para Kaës (2005a), as mudanças no enquadre mobilizam angústias persecutórias, nesse caso, também, reativadas a partir do conteúdo mítico; o grupo mostra-se concentrado nos sentimentos de traição, desamparo e insegurança dos vínculos.

*Débora: Pode até não acontecer tanto na vida real, mas é a ideia que a história passa, que **por mais que você sofra, às vezes o final feliz só vem depois...***

Psicóloga: Final feliz?

*Débora: **Quando alguém vai para as drogas não tem um final feliz.***

*Laura: E quando **uma adolescente fica grávida**, pode a criança morrer e até ela mesma. **Você perde todo o futuro e as chances, acaba com a esperança de ser feliz.***

Os participantes procuram compreender as dificuldades que enfrentam na adolescência, as mudanças que se processam nesta etapa e atribuem às drogas e à gravidez precoce a infelicidade da vida, que ocupa um lugar depositário das desilusões. No entanto, suas falas são impessoais e apontam para generalizações diante das experiências emocionais, denotando que o grupo parece se encontrar paralisado, como se os adolescentes estivessem ‘anestesiados’ ou ‘drogados’ diante do pensar e para entrar em contato com suas próprias questões emocionais. Conforme os pressupostos de luta e fuga de Bion (1961), as drogas aparecem como um inimigo externo e há um sentimento de eles serem ameaçados e perseguidos por elas.

Laura: Drogas podem ser várias, bebida, calmante, etc..

Silêncio.

Psicóloga: E por que vocês acham que as pessoas usam drogas?

*Débora: Acho que **a droga parece fazer você se sentir adulto e fazer a vida ser melhor**, mas só por um momento...*

*Ângela: **Pra tentar resolver os problemas, pra dar bem estar.***

Como o estado emocional anterior de perseguição produz sofrimento psíquico, o grupo, para minimizar essa angústia, produz para um estado psíquico de esperança, atribuindo às drogas qualidades positivas como “se sentir adulto e fazer a vida ser melhor...”, caracterizando-se como o terceiro pressuposto básico de acasalamento (Bion, 1961), no qual se considera que o grupo se reúne com a ideia de que um salvador (por exemplo, alguma substância) ainda virá, como uma esperança messiânica, podendo existir ainda um fim de reprodução.

Laura: Mas nem sempre tem final feliz como na história...

Débora: Pode ter outros sentimentos, como o remorso, a culpa, como Hércules.

*Laura: **A paixão, pois Hércules teve muitas aventuras e (se) apaixonou muitas vezes.***

Silêncio.

Psicóloga: Como é esse sentimento para vocês?

*Ângela: **Já me apaixonei e continuo apaixonada (mostra a aliança no dedo). Estamos namorando.***

*Laura: **Eu também já me apaixonei por uma pessoa...eu ainda gosto dele.** Terminamos por causa da distância, ele é filho do meu padrasto e mora em Minas.*

*Ângela: **Eu também me apaixonei e ele me traiu, ficamos um ano e meio, mas agora é diferente, estou namorando há dois meses.***

*Laura: **Vivemos tantas coisas pra depois terminar assim... Mas gosto demais dele.***

*Débora: **Paixão também é atração física, sexual...***

Para minimizar as angústias de perseguição, os adolescentes falam de um sentimento de paixão, de ter muitas aventuras, definido como um sentimento prazeroso, para diminuir o sofrimento psíquico persecutório;

manifestam, ainda, a necessidade psíquica em estabelecer vínculos confiáveis (Ângela mostra a aliança que usa), que gerem sentimentos de segurança e amparo.

*Psicóloga: Realmente, **quantos sentimentos podemos pensar no nosso grupo...***

*Laura: Alegria, **insegurança.***

*Débora: **Insegurança de falar...***

Silêncio.

Débora atualiza, no aqui-agora do grupo, o sentimento de desconfiança expresso anteriormente diante dos vínculos, tornando o vínculo grupal perseguidor, no qual há “*insegurança de falar*”. Para Levisky (1998), a adolescência é um período de muitas projeções, no qual o adolescente atribui ao grupo os aspectos indesejáveis ou perturbadores de si mesmo, sendo isso uma consequência das inseguranças emergentes no ego.

Débora: Eles (os pais) falam que é por causa da distância, eles reclamam, se é muito perto, tem risco de acontecer alguma coisa e se tá longe não pode namorar.

*Ângela: Meu namorado não mora aqui, mora em (nome da cidade). **Meu pai não sabe, só minha mãe, meu pai não aceita, quando chego em casa tiro a aliança.***

*Débora: **Em casa é um sofrimento, às vezes minha mãe briga comigo, às vezes não, eu não entendo, às vezes ela está bem, às vezes não...***

*Laura: **Às vezes minha mãe fica criticando, de ouvir minhas músicas.***

*Débora: **É uma cobrança em cima sempre, às vezes quer que a gente viva a vida que é deles, o que eles não fizeram eu tenho que fazer, na profissão, no namoro.***

*Laura: **Meu padrasto mesmo é muito ciumento, proíbe que eu namore.***

Gradativamente, os participantes começam a expressar suas múltiplas experiências subjetivas diante de seus relacionamentos com os pais; utilizam-se do grupo para falar e discutir suas dificuldades familiares, próprias da faixa etária, que representam as imagos paternas e procuram uma compreensão do que acontece no relacionamento com seus pais. De acordo com Kaës (2003), atualmente, ocorre uma significativa mudança das estruturas familiares e fratura dos vínculos intergeracionais; mutação nas relações entre os sexos; uma transformação dos laços de sociabilidade e como efeito, novas patologias poderão ser provocadas pela falta nos processos de apoio, pelas perturbações de continuidade e das fronteiras de si mesmo, pelas carências das funções intermediárias e mediadoras.

Ainda de acordo com Kaës (1977), utilizando-se do conceito freudiano de representações psíquicas, afirmou que essas representações permitem ao indivíduo construir a imagem do grupo enquanto corpo materno e denominou essas representações como *Organizadores Psíquicos Grupais*. Ou seja, cada membro do grupo tem depositado em sua mente a representação que faz do objeto-grupo. Assim, os participantes do grupo utilizam destes organizadores para representarem um grupo e estabelecer as relações de objeto entre seus participantes e entre o próprio grupo, e o objetivo final destas relações é a satisfação pulsional dos seus membros. Dentre os organizadores psíquicos grupais, a partir das falas de nosso grupo, como “*minha mãe briga comigo*”, “*fica criticando*”, “*proíbe que namore*”, observamos o que Kaës (1977) denominou como os *complexos familiares*, isto é, o grupo mobiliza as representações

psíquicas das imagos paternas, criando uma mentalidade grupal de pais proibidores¹⁹.

*Débora: É o que minha mãe fala, que **namoro na adolescência atrapalha a mulher**, porque **vai engravidar**, e não é assim, é da cabeça de cada um, não quer dizer que porque eu vou namorar, eu vou engravidar, não é isso.*

*Ângela: **Também pode ser bom pra pessoa, né, namorar...***

*Débora: **O ruim é proibir, aí a gente namora escondido**, se dessem liberdade, entrasse em um acordo, ia ser melhor.*

Os pais, segundo os adolescentes, parecem demonstrar uma preocupação pelos filhos, porém, ao mesmo tempo em que esperam que os filhos cresçam e se desenvolvam de modo saudável, desejando, provavelmente, que estes encontrem parceiros amorosos e confiáveis, enviam a eles uma mensagem contraditória, proibindo e confundindo os adolescentes quando negam seu crescimento e sua sexualidade. Essa comunicação contraditória dos pais cria no adolescente um estado de confusão, favorecendo angústias persecutórias, gerando insegurança em relação ao sentimento de afeto dos pais para com eles. Para Bokanowski (2005), os modelos parentais distorcidos e não confiáveis, impede a pessoa de entrar em contato com suas pulsões libidinais e, assim, de construir um espaço psíquico para sonhá-las e transformá-las. Essa dificuldade de introjetar um objeto interno confiável e continente faz com que o adolescente seja tomado por elementos persecutórios que serão reintrojados, projetados ou atuados para o exterior

¹⁹ No organizador psíquico dos complexos familiares, o grupo é representado através das relações construídas dentro do grupo primário que é a família, ou seja, o grupo mobiliza o princípio da repetição das relações familiares, sua estrutura libidinal, as identificações, seus conflitos e angústias.

de maneira repetitiva e sofrida, comprometendo a formação da identidade e a constituição psíquica do indivíduo.

*Ângela: **Já que entrou no assunto de gravidez... eu já engraidei e perdi, quando tinha 14 anos. Daquele meu namorado, de um ano e quatro meses, daí, ele me largou.***

Ângela aborda o tema de sua gravidez e aborto, manifestando um assunto que, por suas repercussões, se constitui, atualmente, como um problema social e de saúde pública, pelo potencial risco e impacto que representa para as adolescentes e seus bebês²⁰.

Com essa fala da adolescente, notamos, mais uma vez, o fenômeno da ressonância no grupo²¹. Os participantes de nosso grupo demonstram entrar em contato com as próprias dificuldades emocionais. Segundo nossa compreensão, inicia-se um movimento construtivo e reflexivo, os participantes buscam, em grupo, pensar e compreender suas experiências e relacionamentos afetivos.

*Laura: **Sua mãe ficou sabendo?***

*Ângela: **Sim, meu pai não, mas minha mãe sim. Aí ele (o namorado) me largou, disse que era melhor, porque não ia assumir, eu até hoje não olho na cara dele, porque eu acho que ele foi homem de fazer (o filho) e não foi de assumir. E a mãe dele disse que era tudo mentira, que eu havia inventado a gravidez pra segurá-lo, e isto não era verdade.***

Silêncio.

*Psicóloga: **Imagino como pode ter sido sofrido...***

²⁰ Conforme estudos de Figueiredo, Bastos & Telle (2012) e dados oficiais (IBGE, 2008), a gravidez na adolescência, nos últimos anos, aumentou de 6,9% para 7,6%, entre mães de 15 a 17 anos. Situações ligadas à gravidez/parto representam a terceira causa de internação hospitalar pelo SUS entre meninas menores de 19 anos (DATASUS). Além disso, há um grande número de abortos entre o público abaixo de 19 anos, aos quais se atribui ¼ das mortes maternas do país (IPAS).

²¹ Conforme analisado na primeira e terceira sessões.

Ângela (emocionada): *Toda vez eu lembro, **olho toda vez pra uma criança e choro**, e agora **contei tudo pro meu namorado**, é diferente, agora confio nele. **Contei tudo pra ter confiança. Ele me apoia, ele está sempre ao meu lado com o problema do meu pai, ele sabe o que eu sofro, eu acabo buscando ajuda no cigarro e na bebida, tanto que está me apoiando pra eu parar de fumar. Hoje mesmo, cheguei chapada na escola. Eu não aguento de tanto que meu pai briga com minha mãe e comigo, ele destruiu a casa.** Quando encontrei meu namorado, ele disse que eu devia ter esperado pra desabafar com ele. Eu não me senti bem de ele me ver assim. Não queria ter bebido.*

Nesses fragmentos percebemos que o grupo fala do desamparo, da vivência de relações hostis e agressivas, e de quanto o mundo externo pode ser ameaçador. Os adolescentes esperam ser amparados pelo grupo e regridem ao primeiro organizador psíquico, conforme descrito por Kaës (1977). Assim, buscam ser e fazer corpo, buscam alívio contra o sentimento de exclusão, angústia e o desejo de recuperar o prazer, proporcionando cuidado e apoio psíquico, representado por uma envoltura protetora do grupo, a qual simboliza as possibilidades de lidarem com os sofrimentos vivenciados nos conflitos familiares.

Além disso, consideramos que para Ângela o cigarro e o álcool passam para um lugar de segurança e apoio, e alívio da angústia diante das brigas entre os pais e, no plano intrapsíquico, da própria luta interna para elaborar o luto pela perda dos pais da infância. Para Tanis (2009), o adolescente, diante das identificações estabelecidas na infância, se vê sob constante ameaça, tanto pelas mudanças físicas, como pelo confronto com os novos papéis familiares. Porém, a participante percebe que não está sozinha, sente que recebe amparo do namorado e, também, no aqui-agora, do grupo de adolescentes.

Observamos, ainda, que a figura dos pais está muito presente nas falas dos participantes, seja pela sua ausência de apoio e afeto, pela desilusão ou pelas novas experiências emocionais dos adolescentes com estes. Segundo Urribari (2004), para que seja capaz de investir em novos objetos, o adolescente tem que abandonar seus pais como objetos de desejo e elaborar o luto pela perda destes. Os processos de desidentificação comovem e produzem certo vazio e o ego se vê sem apoio, como os adolescentes de nosso grupo, que podem dirigi-los a situações destrutivas, como o uso de álcool e drogas.

Psicóloga: Você está dizendo que além da opinião de seu namorado, você também não se sentiu bem bebendo?

Ângela: Sim, mas não consegui superar ou parar.

Psicóloga: Como se no momento isso lhe fizesse bem?

*Ângela: Sim, além de beber, também **tentei me matar com onze anos de idade, porque desde quando eu nasci, meu pai nunca gostou de mim.** Não queria que eu tivesse nascido... Ele ficou dois meses sem beber e agora **ele voltou e destruiu a casa toda. Eu acho que não aguento mais.** Depois **peguei a faca e tentei cortar os pulsos**, mas não adiantou..., quando eu tinha dez anos **meu tio abusou de mim e meu pai fala que sou a culpada**, que se eu não tivesse ido lá isso não teria acontecido, e que **eu desuni a família. Meu pai queria que eu fosse menino**, nunca gostou de mim. Quando engravidei e perdi, de um modo foi até melhor, porque eu não tinha condição de cuidar de uma criança com a casa que eu tenho, porque meu pai falou que se eu engravidasse com menos de dezoito anos, **ele me matava e matava a criança também. Na hora que bebi, achei que ia me aliviar, mas depois passei muita vergonha na escola.** Meu namorado falou que se fosse outra pessoa, iria me largar, iria dizer: “Se vira, você tá bebendo porque você quer!” Mas ele ficou do meu lado, me aconselhou...*

Apontamos nesse trecho para a problemática limítrofe decorrente das inadequações dos cuidados maternos e paternos. Em função de um ambiente intrusivo e violento, quando Ângela relata que o pai destruiu a casa, nos remetemos à casa interna e à destruição do psiquismo. Diante dessas experiências, podem ocorrer prejuízos na construção de fronteiras psíquicas seguras e estáveis e, conseqüentemente, surgir uma angústia intensa e defesas persecutórias.

Conforme citado na apresentação deste estudo, sobre a preocupação com o número de suicídios entre os adolescentes, Ângela descreve seu intenso sofrimento e a busca desesperada pelo alívio emocional. Notamos também que, neste momento, considerando as fases hipotéticas do desenvolvimento grupal, propostas por Foulkes e Anthony (1967), o grupo parece entrar na segunda fase, passando a funcionar de modo mais ativo. Os adolescentes iniciam uma conversa lateral entre si:

Laura: E você acha que só bebeu porque quis?

Ângela: De certa forma sim, porque eu bebo e é uma ilusão, é pra esquecer... o que não é verdade, é uma velha desculpa...

*Laura: **Eu já pensei em me matar, várias vezes**, porque meu pai é uma pessoa que tem depressão e esquizofrenia, e ele ficava tentando bater na minha mãe... E **chegou uma hora que não aguentei**, cheguei a pegar alguns remédios e falava que ia cortar os pulsos. Minha mãe não deixou, e acabou separando dele e ficou melhor... e daí eu melhorei bastante. **Quando estava namorando, eu contava estas coisas a ele, coisas que ninguém sabe**, ele me aconselhava, até hoje, eu converso com ele. Mas desde pequena eu tenho essa lembrança triste, muita coisa...*

Outra consideração importante a fazer em relação a este trecho se refere à posição que Ângela ocupou no grupo. A adolescente parece ser a porta-palavra (Kaës, 2011) do grupo em relação à experiência de angústia, sofrimento e traição. Ressaltamos conceito do porta-palavra como uma função "representativa":

o porta-palavra porta a fala dos outros e os representa junto aos outros. Por seu intermédio se ligam as posições subjetivas de vários membros do grupo (...). Na trama do grupo, o porta-palavra situa-se nos pontos de ligação de três espaços: da fantasia, do discurso associativo e da estrutura intersubjetiva dos vínculos de grupo (Kaës, 2011, p. 161)

Encontramos uma correlação com o conceito de Kaës, na definição de ressonância de Foulkes e Anthony (1967, p. 121):

Um indivíduo identifica uma parte de si (...) refletida na interação dos outros membros do grupo. O indivíduo os vê reagirem da mesma maneira, como ele reage, ou de maneira diferente, contrastante com o seu comportamento. Desta forma, aprende a se conhecer através da ação que exercita sobre os outros e através da imagem que os outros fazem dele.

O sofrimento de Ângela produziu uma ressonância no grupo com a expressão de sentimentos de Laura que também passa a compartilhar suas dificuldades emocionais. Neste momento, parece ter ocorrido o fenômeno de efeito-espelho no grupo, o que se apresenta, geralmente, quando as pessoas se reúnem e atuam umas através das outras, consistindo, de acordo com Neri

(1999), uma proeminência da função da ressonância de metabolização dos estados de ânimo de outro participante.

Assinalei que estávamos próximos ao encerramento.

*Laura: **É, a gente desabafa, né!***

***Silêncio** de aproximadamente 45s.*

Nesse momento, em nosso grupo, a fala de Laura e a postura física dos demais participantes nos remetem a considerar que o silêncio representa uma sensação de relaxamento, compreensão e alívio.

*Psicóloga: Assim como a Ângela disse, que **o namorado a ajuda e ela não precisa usar o álcool, o grupo também é pra isso, o espaço é pra isso, para falar, pensar.***

*Ângela: **Muda o coração...***

Nesse final de sessão, pode-se observar um sentimento de alívio das angústias do grupo, o clima inicial de inibição foi sendo transformado em um espaço de relacionamento, para compartilhar experiências dolorosas e apoiarem-se mutuamente. Através das últimas duas falas das adolescentes, o grupo demonstrou encerrar o encontro com expressões de esperança e otimismo, pois diante das dificuldades, os participantes parecem demonstrar que possuem recursos emocionais próprios com os quais podem contar, representando, também, um indício de confiança no grupo e o alcance de uma coesão grupal.

Consideramos, a partir de nossa análise, que no início da sessão os fenômenos recorrentes que prevaleceram foram de negação como mecanismo

de defesa do grupo e resistência em entrar em contato com as emoções e com o sofrimento psíquico, com os sentimentos de impotência e desamparo.

Paulatinamente, no entanto, os adolescentes puderam se afastar de suas defesas e aproximar-se daquilo que os angustia, entraram em contato com as dificuldades emocionais que temem não serem capazes de suportar e ultrapassar. No decorrer do encontro, o grupo evoluiu nos momentos de interação, refletindo e funcionando, de acordo com Bion (1961), como um *grupo de trabalho*. Para Bion (1962), só se pode aprender algo sobre o mundo se formos capazes de "aprender com a experiência", ou seja, se formos capazes de experimentar o novo e lidar com as emoções que esse contato desencadeia. Os adolescentes estavam sendo convidados a viver uma nova experiência de grupo e o novo assusta, provoca desconforto e incômodo, pois ameaça romper a ordem já estabelecida, mas é a única forma de expansão da mente. O desenvolvimento emocional se dá a partir da possibilidade de se experimentar ideias novas e pontos de vista diferentes, abrandando as defesas psíquicas que impedem ao indivíduo de entrar em contato com seus sentimentos, promovendo assim maior autenticidade e flexibilidade (Fernandes, 2003).

Supomos que, nessa sessão, o grupo de adolescentes representou para seus participantes um filtro para as emoções e pensamentos, em um espaço e tempo comuns com determinados objetivos. Apontamos para o fenômeno grupal, no qual as experiências individuais e coletivas trazidas ao grupo podem ser pensadas, refletidas, questionadas e mesmo interpretadas pelo próprio grupo (Terzis, 1997). É dessa forma que o grupo possibilita a compreensão e ressignificação das vivências. Acreditamos também que a leitura do mito de

Heracles facilitou a sensibilização dos participantes a compreenderem certos fenômenos psíquicos do grupo.

Observamos, ainda, que os adolescentes expressaram suas vivências traumáticas: a violência familiar e sexual, desenraizamento e perda das referências socioculturais de origem. Nesses relatos, a experiência comum compartilhada dos adolescentes era o desamparo e a solidão, a falta de pertencimento e apoio, a ausência de figuras identitárias e protetoras. Mostram o quanto eles vêm de famílias desagregadas e o quanto na infância sofreram privações e rejeições.

A partir dessas vivências, compreendemos que os adolescentes do grupo, ao falarem sobre essas estruturas familiares internalizadas, estão mostrando, através das queixas sobre os pais, o quanto as imagos parentais²² são fracas e ausentes ou persecutórias. As figuras parentais são representadas simbolicamente como vazias, desqualificadas e irresponsáveis. Portanto, conforme Kaës (1976a), pensamos que, com o vazio e a dificuldade em expressar-se no grupo, os adolescentes reproduzem no aqui agora esta representação psíquica familiar²³.

O mito de Hércules representa as fraquezas humanas, erros, quedas, o gosto pela liberdade, a coragem, a impulsividade, os acessos de cólera, a loucura, as lutas e sofrimentos. Segundo nossa análise, compreendemos que o mito reativou algumas representações no psiquismo dos participantes relacionadas a sentimentos de traição, morte e angústia persecutória a partir

²² Imago é um protótipo inconsciente de personagens, que orienta de maneira eletiva o modo como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar (Laplanche e Pontalis, 1995, 234-235).

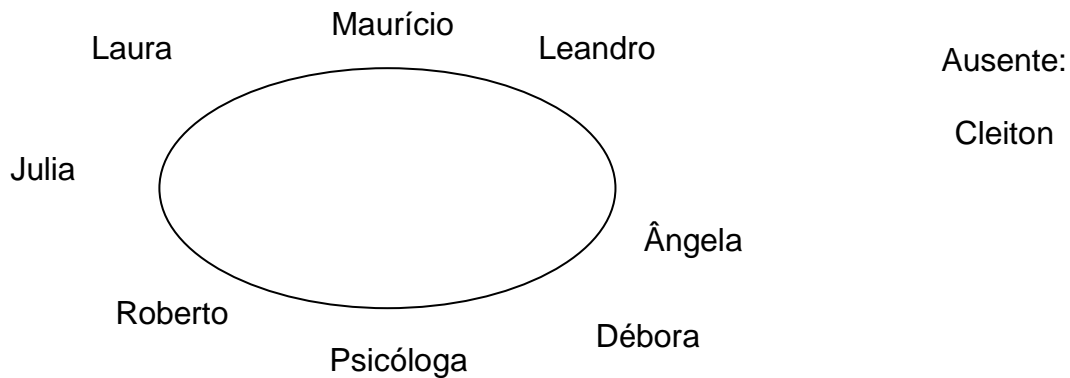
²³ Para Kaës (1976a), o grupo é representado através das relações constituídas dentro do grupo primário familiar, e mobiliza o princípio da repetição das relações de objeto primárias. Para o autor, a estrutura libidínica do grupo é baseada na identificação e seu processo está regido pelas angústias e conflitos vividos no grupo familiar.

das situações reais vivenciadas por estes como gravidez, abuso sexual, tentativa de suicídio e uso de álcool.

Segundo Diel (1976), os mitos mostram o espírito humano em seu trabalho evolutivo, tem a função de representar os conflitos humanos, bem como superá-los. Para Naves (1997), o mito possui uma função terapêutica ao representar os conflitos da alma humana e possibilita a compreensão e transformação da personalidade.

Em síntese, o herói Hércules buscou se purificar (se transformar) de seus pecados (erros, dificuldades) e vencer sua impulsividade, teve força para cumprir os doze trabalhos (tarefas) e foi elevado ao Olimpo. Os trabalhos de Hércules mostram o caminho do crescimento, da elevação e significam tanto a iniciação quanto a expiação dos pecados. Desse modo, também, o espaço grupal favoreceu tanto a evolução do grupo como um todo, como a evolução dos adolescentes, por isso, eles vêm ao grupo para se realizarem e se compreenderem, e para transformar (purificar) os impulsos internos em forças construtivas.

IV – OITAVA SESSÃO



*Todos entraram e se sentaram. Fechei a porta e percebi que os **olhares** de todos os adolescentes **se dirigiam a mim**. **Permaneceram em silêncio** por aproximadamente 45s.*

Os olhares e o silêncio, no início da sessão, parecem denotar uma forma de resistência motivada por fatores como a ansiedade e a expectativa de que a psicóloga assuma o comando e a iniciativa de iniciar a sessão e fornecer segurança para os adolescentes.

Neste momento, Maurício entrou dizendo oi.

*Ângela: **Agora está faltando só um!***

Como em sessões anteriores²⁴, novamente, nesse encontro, a ausência de um participante não passa despercebida, Ângela nota a falta de Cleiton (que compareceu somente no primeiro encontro).

²⁴ Terceira e quinta sessões.

Novamente um silêncio de aproximadamente 30s.

Julia comentou que retornará às aulas amanhã e que as férias acabaram muito rápido.

Ângela: As minhas voltam hoje, mas eu não vou!

Julia perguntou onde ela estudava, e Ângela respondeu dizendo que era em uma escola técnica.

Julia e Laura parecem ter se surpreendido.

Julia: Tentei passar na prova, mas não consegui, queria fazer Marketing.

Laura: E eu Enfermagem.

Comentaram sobre a elevada pontuação do Vestibulinho e que ninguém estava com saudades da escola.

Débora: É, mas temos que ir...

Laura: Há muitas coisas que não queremos, mas temos que fazer!

Os adolescentes trazem o assunto das férias escolares e o desejo de que elas não acabassem. As férias são vivenciadas como um período prazeroso, de sonho, no qual não se têm horários, compromissos, frustrações, mas que, segundo os adolescentes, acaba muito rápido. A realidade exige que se vá à escola, estude, se esforce, sendo sentido pelos adolescentes como algo que não agrada e traz frustração. Falam, também, sobre o processo de seleção e a reprovação de alguns no Vestibulinho.

Nesse momento, em parte do grupo, parece predominar o princípio do prazer em detrimento ao princípio de realidade (Freud, 1911). Para Anzieu (1993), a partir do ponto de vista da realidade psíquica do grupo, não há outro problema num grupo senão os da satisfação da pulsão e da natureza dos mecanismos preparados para atingi-la. Os adolescentes transferem a experiência emocional relacionada com a escola, para o aqui-agora do grupo, que também exige deles atenção e esforço para pensar suas próprias questões

emocionais. Diante da reprovação no Vestibulinho, pensamos que, o grupo também apresenta um teste de realidade aos adolescentes, sobre como irão vivenciar esse processo, e se serão capazes de conter os próprios impulsos.

Nesse momento, os adolescentes escolheram o mito de Dioniso. Antes de começarem a leitura, Julia disse que já conhecia a história do herói, e que “o nome dele significa alegria, beleza, amante da beleza”. Todos sorriram parecendo gostar de saber disso.

MITO DE DIONISO (BACO)

O deus grego Zeus apareceu a Sêmele, filha do rei de Tebas, como um príncipe poderoso. Mas a deusa Hera, sob a aparência da ama da jovem Sêmele disse-lhe que não devia confiar naquele que se dizia “grande príncipe” que podia ser muito bem um vagabundo. E deveria pedir ao pretendente que desse provas de seu poder. Logo que se encontrou com o amante, Sêmele suplicou que ele se mostrasse como era de fato, caso contrário deixaria de confiar nele. Zeus ficou apavorado, pois sabia que se manifestasse todo seu poder divino, provocaria uma catástrofe. Mas Sêmele tanto insistiu, tanto fez valer seus encantos, que Zeus acabou cedendo a se revelar. A luz foi tão violenta, o raio tão ardente, que o palácio pegou fogo e Sêmele fulminada, consumiu-se em chamas. Zeus só teve tempo de recolher a criança que estava nela, abriu sua própria coxa e colocou o bebê dentro dela, para aguardar o momento de nascer.

Após o nascimento, por ordem de Zeus, o deus Hermes recolheu o pequeno Dioniso e o levou para Nisa. Lá, ele foi acolhido por ninfas e educado em plena natureza. Desse episódio deriva o nome de Dioniso que significa “Zeus de Nisa”.

Sua educação livre e jovial deu frutos. Dioniso tornou-se um adolescente bonito, com grande habilidade para cantar e dançar, além de conhecedor da natureza, mas seu principal conquista foi a cultura da uva e a fabricação do vinho. Ele próprio passou pela experiência da embriaguez.

Algum tempo depois, acompanhado por seu fiel Sileno, por ninfas e sátiros, o deus foi recebido por Êneo, rei de Cálidon, que levou sua hospitalidade a ponto de lhe oferecer sua mulher, Alceia. Dos amores de Dioniso e Alceia nasceu

Dejanira , futura esposa de Hércules. Para agradecer a acolhida tão calorosa, Dioniso ofereceu a Eneia a primeira cepa de videira jamais vista por um mortal.

Na Frígia encontrou Cibele, a grande deusa da região, que o iniciou em seu culto, em que, com danças frenéticas, era celebrada a renovação da natureza. Após este aprendizado, Dioniso promoveu festas em que chegava ao delírio através da bebida, da música e da dança. De modo geral, o costume do cultivo da uva, da fabricação do vinho e do culto ao deus era bem acolhido, e foi se espalhando de uma cidade a outra, de um país a outro. Porém, o rei da Síria mandou arrancar as vinhas que Dioniso acabara de mandar plantar. Este não aceitou a decisão e fez com que o rei fosse morto pela população.

As festas deram lugar aos desfiles, em que Dioniso aparecia num carro puxado por tigres, levando tirsos, uma espécie de bastão em que se enrolava um ramo de videira e com uma pinha no topo em uma mão e uma taça de vinho na outra. Dioniso vestia uma túnica longa e uma pele de pantera e a testa coroada de hera.

Ele andava acompanhado pelas divindades secundárias, em meio a cantos, danças, em som de flautas e pandeiros. As ninfas que participaram desses rituais receberam o nome de bacantes, derivado do nome latino do deus, Baco.

Depois das Índias, Dioniso percorreu ainda o Egito e a Líbia, promovendo a videira e propagando seu culto.

Alguns, como Licurgo, rei da Trácia, e Penteu, rei de Tebas, rejeitaram Dioniso por ser charlatão e o prenderam. Quando era mal recebido, o deus se vingava de maneira terrível: enlouquecia as mulheres do lugar e, em seu delírio elas cometiam atos terríveis, chegando até a matar os próprios filhos.

Na vida adulta, Dioniso pensou que deveria tornar imortal sua mãe Sêmele. Para isso, deveria procurá-la no reino dos mortos. Hades autorizou Sêmele a voltar ao mundo dos vivos, Dioniso, então, pediu a Zeus que acolhesse sua mãe ao Olimpo. E assim, Sêmele tornou-se uma imortal, e seu filho permaneceu no Olimpo e foi reconhecido por todos como deus. Depois, Dioniso conheceu uma jovem encantadora que chorava. Era Ariadne que acabava de ser abandonada por Teseu, comovido pela beleza e pela tristeza dela, Dioniso levou-a para o Olimpo e se casou com ela diante dos deuses reunidos. Assim, Dioniso ficou conhecido também por sua bondade.

No entanto, despertou a fúria dos Titãs, que o despedaçaram sete vezes, e sete vezes ele renasceu. Finalmente, seu pai, Zeus, tomou seu coração e espalhou sua bondade pelo universo, impedindo que ele fosse novamente despedaçado. Sobre sua lapide havia uma inscrição revelando mais uma face de Dioniso que era pela

humildade e simplicidade que os homens se elevarão, jamais pela arrogância e pela prepotência.

Durante a leitura do trecho sobre o Olimpo alguém comentou sobre as Olimpíadas.

Julia disse que ouviu falar que o futebol era jogado com a cabeça de pessoas, que tinham que pagar alguma pena, bandidos, que cortavam a cabeça deles e usavam como bola.

Seguiram-se comentários sobre a fabricação do vinho. Todos comentaram sobre quando experimentaram vinho e outras bebidas, pela primeira vez.

Ângela: Na primeira vez que experimentei tinha seis anos de idade, foi meu pai quem me deu.

*Leandro: **Eu adoro o cheiro do vinho e quando tomo é melhor ainda.***

*Maurício: **Já bebi de tudo, conhaque...***

*Julia: **Eu já bebi vodka com coca e é bom.** Foi a única coisa que bebi.*

Psicóloga: E o que vocês sentem quando bebem?

*Ângela: **Depende, quando tomei a garrafa inteira de vodka me senti alterada,** mas quando bebo pouco não.*

*Laura: **Me sinto muito feliz, elétrica.***

*Ângela: **Pega fogo.***

Todos dão risadas. Laura cobre a cabeça e fica rindo. Ângela e Laura ficam com o rosto vermelho. Continuam rindo...

Psicóloga: O que passou?

Ângela: São os hormônios!

*Leandro: Uma vez quando bebi no Ano Novo, **fiquei animado, pulando com os meus amigos e acabamos caindo, pulava e caía! Tava muito feliz, bebi demais!***

Ângela: Os hormônios ficam a flor da pele, às vezes não temos coragem de fazer alguma coisa e o álcool dá.

*Laura: **É, e o calor...***

Todos dão muitas risadas.

*Ângela: **A bebida tira a vergonha, dá mais coragem...***

Para de falar, pergunto no que pensou, ninguém responde, continuam dando muitas risadas. Permanecem em silêncio.

Psicóloga: Quer dizer que a bebida tira a vergonha... e o que surge?

*Ângela: **A sem-vergonhice!***

Todos riem novamente.

Julia: E (surge) a coragem!

Leandro: Senão eu não ficava pulando...

No grupo, os adolescentes falam de sentimentos suscitados com o uso do álcool e das vivências sem limites, do “*calor*” e de sentirem-se “*sem vergonha*” e “*com coragem*”. Leandro fala que adora “*o cheiro do vinho*” e o sabor da bebida. Podemos compreender que, do ponto de vista transferencial, atualizam no aqui-agora do grupo, o tempo e o espaço primitivos, vivenciam a utopia e a ucronia (a ausência de referências espaciais e temporais, respectivamente), em uma época do desenvolvimento emocional em que o ser humano não sente vergonha. O desenvolvimento do bebê se dá através da comunicação sensorial (auditiva, visual, olfativa, gustativa e tátil), sendo favorecido pela forma com que a mãe o amamenta, o carrega e o escuta. Percebemos, assim que se cria no grupo o fenômeno de *ilusão grupal* que pode ser compreendida como o objetivo inconsciente de minimizar as angústias e as tensões despertadas pela própria situação de grupo.

O mito de Dioniso representa o ‘segundo nascimento’ do ser humano, a fase da adolescência, e simboliza, ainda, as forças obscuras do inconsciente, a liberação da inibição pela embriaguez, a perda da noção do tempo, a busca pelo prazer, a intemperança e a intensidade de viver, a transformação, o êxtase e o entusiasmo, a ruptura das repressões e a atuação maníaca, conforme manifestado nas últimas falas, essas são também características dos adolescentes que, a cada desejo que surge, buscam uma tentativa mágica de satisfazê-lo.

Outro aspecto relevante que merece nossa consideração é o uso de álcool entre os adolescentes. Baseado nos relatos dos adolescentes de nosso grupo, ratificamos dados encontrados em alguns estudos recentes (Trindade, 2007; Malta, 2011; Cofani, 2012)²⁵. Uma característica comum entre os adolescentes é de o álcool ser valorizado como fonte de prazer e de promoção da sociabilidade. Destacamos, aqui, a extensão do problema entre os adolescentes brasileiros, diante da facilidade com que os jovens têm acesso ao álcool em bares, festas, lojas e até em suas próprias casas, e com as idades de início precoces. Evidencia-se, com isso, a necessidade das políticas públicas que promovam espaços de acolhimento e considerem esse período da adolescência como de maior vulnerabilidade à exposição de riscos.

Seguem-se outros comentários sobre o mito.

Leandro: Também tem a parte que ele mata os filhos.

*Julia: **As mulheres que matavam os filhos ficavam loucas.** Como eles (os deuses) enlouqueciam as mulheres?*

*Leandro: Vai que elas bebiam também, né?! **Não sei se a bebida faz chegar a isso, a ponto de matar.***

*Laura: **Tira a pessoa de si!***

*Ângela: **Tiro isso pelo meu pai, quando bebe ele briga, bate, coloca toda a culpa na bebida, eu acho que não é tanto a bebida que faz isso com ele, é ele que quer fazer isso e não tem coragem de falar isso pra gente. O meu pai é alcoólatra.***

*Débora: **Eu bebi porque meu pai me dava...***

*Leandro: **Meu pai também! Meu pai quando bebe faz coisas e diz que não lembra de nada.** Eu nunca cheguei ao ponto de ficar bêbado como meu pai, mas pode ser que a bebida faça a gente esquecer alguma coisa.*

²⁵ A prevalência cada vez maior do consumo de álcool entre os jovens foi confirmada em estudo com 60.973 estudantes, de 14 e 15 anos, de escolas públicas e privadas das capitais brasileiras; os entrevistados informaram que: 71% já experimentaram bebida alcoólica; 27% fazem uso regular de álcool; e 94% das famílias têm preocupação que chegassem bêbados em casa (Malta, 2011).

Ângela: **Quando o meu pai bebe, e bebe mesmo, no dia seguinte se lembra de tudo.**

Leandro: *Com meu pai é diferente, ou meu pai não quer falar a verdade ou é diferente...*

Ângela: *Tipo assim, meu pai até inventava uma desculpa e a gente acabava concordando, só que minha mãe começou a gravar as brigas dele, e daí ela falava: “você se lembra disso?”, e aí ele começou a dizer que lembrava e não mentia mais pra gente. Porque ele lembra...*

Leandro: *Vou fazer isso com meu pai!*

Ângela: **Ele é alcoólatra?**

Leandro: **Ele é!** *Ele fala algumas coisas assim, sei lá. Xinga todo mundo que passa na frente dele, mas ele não mexe com ninguém.*

Ângela: **Ele fica agressivo?**

Leandro: *Não.*

Ângela: **Você tem sorte!** *(havia dito em outra sessão que o pai dela ficava agressivo quando bebia)*

Leandro: *É, mas eu aproveito e peço dinheiro pra ele, e ele me dá. Quando tá são ele me dá, mas bêbado dá mais ainda!*

Todos dão risadas. Os risos parecem tensos e ansiosos.

Ângela: **Ele fica agressivo, mas me dá dinheiro...**

Laura: **O meu pai também! Ele bebia por causa da doença dele... Aí, ele queria bater na minha mãe e eu entrava na frente, e aí ele não tinha coragem.**

Leandro: **Como? Entendi que ele atirava banana na sua mãe.**

Todos dão risadas.

Ao falarem dos relacionamentos com os pais alcoolistas, os adolescentes manifestam que possuem uma representação de objetos maus e persecutórios. Consideramos que o grupo projeta no mito de Dioniso as imagens paternas que brigam, adoecem e perdem o sentido da vida pela bebida. Segundo o mito, Dioniso fabricou e trouxe o vinho para alegrar o ser humano²⁶, portanto, é como se os adolescentes falassem de um anti-Dioniso.

²⁶ O termo *comemoração* significa ‘recordar o tempo em que se vivia com os deuses e eram imortais, como no paraíso, nos remetendo ao esquecimento das preocupações e a suspensão

A última fala de Leandro expressa uma tentativa de descontração e divertimento no grupo – um espaço para brincar. Os adolescentes precisam desse espaço como elaboração das situações de sofrimento e violência.

Psicóloga: Então, se estou entendendo, provavelmente não seja só pelo álcool que as coisas acontecem, me parece que vocês estão falando que não é só o álcool que produz algumas manifestações, apenas parece que fica mais fácil de aparecerem com o álcool?

*Julia: Não podem dizer (que é pelo álcool), não tem nada haver com isso, pois **foi ele que bebeu, se não quisesse, não colocava o álcool na boca!***

Todos concordam.

*Julia: **Mas acho que as pessoas bebem para serem felizes.***

*Laura: **Para se aliviarem!***

*Julia: **Para se desviarem de alguma coisa e de algum sofrimento...***

(...)

Nesses fragmentos, os adolescentes falam do uso de álcool como um mecanismo de defesa contra a infelicidade, sobrecarga ou sofrimento emocional, que nega a realidade, vivenciando-a sem dor, frustração ou desprazer. O mito de Dioniso mostra a atuação pelo prazer e impulsividade, características comuns nos adolescentes do grupo, que parecem fazer uso do álcool na ilusão de que esse o liberta, para aliviar suas ansiedades ou para proporcionar-lhes uma gratificação compensatória em situações de sofrimento e frustração intensos que vivenciam em seus ambientes familiares.

Como defesa para minimizar a angústia, o grupo cria um estado de ilusão grupal (Anzieu, 1966). Compreendemos que a ilusão grupal vem responder a um desejo de alívio, segurança e preservação da unidade egóica

da realidade, pois somente os mortais têm angústias, problemas e pressa para resolvê-los (Morgado, 2004).

ameaçada do grupo. Ao mesmo tempo, é uma defesa coletiva contra a angústia persecutória comum.

*Débora: Queria perguntar uma coisa... Quando Zeus tirou a criança que estava nele, **a criança não ia morrer?***

Todos concordam.

*Ângela: É porque não tem lógica, **porque a criança não morre! Minha mãe mesmo, não era pra ter nascido, quase morreu no nascimento!** O médico disse pra minha vó que **ela não ia vingar**. Mas nasceu de sete meses. Depois de um ano, minha vó voltou ao médico e disse: "olha o bebê que ia morrer!"*

*Laura: **Eu também nasci prematura. E nem chorei. Quase passou da hora... Senti falta de ar!***

Julia: Que nem minha tia, não podia ter filho, e ficou assim por muito tempo. E então pediu pra Deus pra que Ele desse uma filha. E de repente, ela engravidou e sua filha nasceu, tá com três meses.

*Assinalei que estávamos terminando o encontro. **O grupo pareceu não querer a interrupção, alguns segundos se passaram até que todos os adolescentes se levantaram e se despediram.***

As falas sobre a possibilidade de sofrer aborto ou quase morrer no nascimento nos remetem a representação de um meio e objetos maus. As relações objetais, para Klein (1932), são as ligações que o indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento, estabelece com as figuras parentais e a forma como estas delineiam a atividade da criança, e referem-se às relações emocionais entre sujeito e objeto amado que, através de um processo de identificação comum, contribuem para o desenvolvimento do ego. De acordo com a teoria kleiniana, ao longo do desenvolvimento, a mesma figura parental tem aspectos positivos e negativos que a criança terá de introjetar, mas deve sempre predominar a presença do objeto bom.

Para Kaës (1977), todo grupo se utiliza de Organizadores Psíquicos Grupais e dentre eles, as fantasias originárias fazem referência a um reviver das questões relacionadas à sexualidade, podendo se constituir em:

1 - Fantasias intrauterinas – assinala o desejo de regressar ao ventre materno para fugir da realidade exterior;

2 - Fantasias da cena primária - interpretações das relações sexuais entre os pais. Esta fantasia organiza a representação do grupo como coito interrompido, os membros do grupo podem representar, ao mesmo tempo e em uma mesma figura combinada, a mãe, o pai e os filhos – o grupo é uma família;

3 - Os fantasmas de sedução - trata-se da encenação de sinais sexuais desejados e temidos pelo sujeito; e

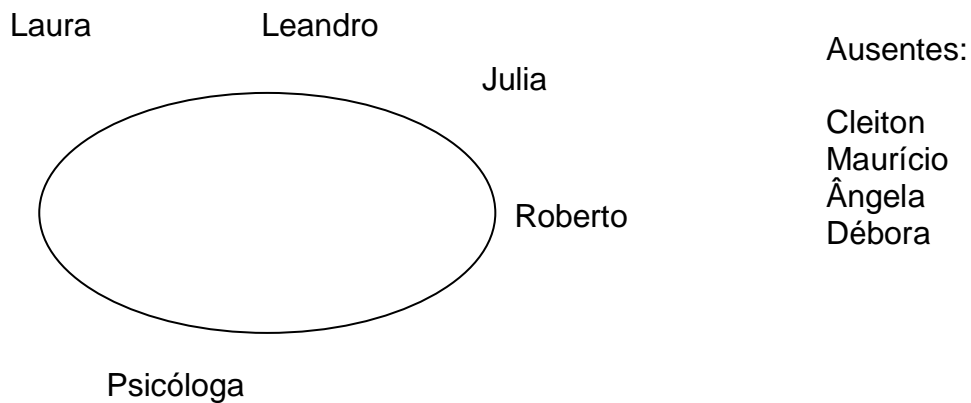
4 - Os fantasmas da castração - representação da angústia suscitada pela ameaça da perda do pênis, dando uma resposta ao enigma das diferenças do sexo. Consideramos que nesse encontro, o grupo de adolescentes manifestou uma organização na realidade psíquica do grupo, predominantemente, das fantasias originárias intrauterinas, diante do sofrimento emocional vivenciado em seus lares.

Em síntese, nesse encontro, percebemos que o inconsciente produziu no aqui-agora do grupo, certas fantasias e formações psíquicas como mecanismos de defesa, para minimizar angústias, medos e inseguranças presentes nesta idade. Houve uma experiência emocional que ressoou no grupo, pois os adolescentes passam pelas mesmas vivências e sofrimentos emocionais. Consideramos, também, que o mito de Dioniso reativou sentimentos de amizade e promoveu o intercâmbio no grupo de adolescentes,

pois, de acordo com a etimologia da palavra *Dioniso*, da união de dois radicais: *dias* ('deus') e *nisso* ou *nissa*, palavra oriunda de Nissi ('ilha'), encontramos o significado de 'deus-ilha', ou aquele que veio ensinar aos homens as maneiras para romper seu isolamento original, narcísico, e abrir os caminhos para o encontro do outro, ou seja, o mito de Dioniso representa a sociabilidade (Salis, 2003).

Os adolescentes exteriorizam e compartilham, em grupo, suas dificuldades e parecem demonstrar, ao final da sessão, um pedido de continuidade do espaço grupal e a necessidade de compartilhar suas experiências subjetivas que, uma vez partilhadas e discutidas, podem ser mais bem elaboradas.

V - DÉCIMA SESSÃO



Logo no início da sessão, Roberto colocou que não poderia mais continuar comparecendo ao grupo devido ao gasto com transporte. Os demais ouviram com atenção, mas nada disseram. Perguntei o que pensavam.

Leandro: Acho engraçado falar que não somos obrigados a vir aqui, é bom... Na escola sou obrigado a ir.

Todos dão risadas e concordam.

Roberto expôs sua saída do grupo devido ao gasto com transporte. Constatamos a situação de abandonos dos atendimentos ao longo de nossa experiência clínica e no estudo de Deakin e Nunes (2009), que afirma que o vínculo terapêutico pode ser ameaçado por fatores externos a terapia de crianças e adolescentes, como problemas financeiros, classe social, trabalho, etc. Entretanto, além do fator socioeconômico, podemos pensar a respeito de motivos internos do adolescente de nosso grupo. Fazendo um paralelo com o mito de Jasão (que foi lido pelos adolescentes, conforme descrito a seguir), os heróis dos Argonautas tinham uma tarefa para cumprir (obter o Velocino de outro), assim também, os adolescentes de nosso grupo iniciaram uma

expedição com um objetivo definido (falar livremente sobre as questões emocionais, podendo alcançar ‘tesouros internos’) e, com isso, precisam enfrentar dificuldades e conflitos emocionais. Nesse sentido, Roberto parece ‘abandonar o barco’ quando decide sua saída do grupo, age impulsivamente e parece não utilizar de sua capacidade de pensamento no grupo e buscar alternativas para sua continuidade.

Escolheram o mito de Jasão. Começaram a leitura.

MITO DE JASÃO

Muito menino ainda, Jasão sofreu as dores do isolamento, porque seu pai, herdeiro do trono, foi derrubado do poder por seu meio-irmão. Assim, Jasão foi educado pelo sábio com torso e cabeça humana e o corpo de cavalo, o centauro Quirion.

Ao terminar sua educação, na adolescência, o jovem príncipe resolveu reivindicar o trono junto ao tio. Apresentou-se ao rei e, sem vacilar, pediu que lhe entregasse o poder. O rei Pélias fingiu aceitar. No entanto, na esperança de se desvencilhar do sobrinho, propôs uma troca. Disse que lhe daria o trono do reino, desde que Jasão lhe trouxesse o Velocino de Ouro (a lã de ouro do carneiro alado Crisómalo).

Jasão aceitou e para sua missão mandou construir um grande navio, chamou-o de Argo. Convidou os heróis mais valentes da Grécia, que foram chamados de Argonautas, ou seja, os navegantes do Argo.

Depois da longa viagem, cheia de emboscadas e aventuras, Jasão e seus companheiros desembarcaram na Cólquida e tentaram conseguir o Velocino de Ouro. O rei impôs a Jasão uma série de provas, ele teria de domar dois touros selvagens que soltavam chamas pelas narinas, e depois lavrar um campo com o arado puxado por eles e semear dentes de dragão nesse campo. Só então o rei lhe entregaria o Velocino de Ouro.

Ao lado do rei encontrava-se sua filha Medéia, uma bela princesa. Apaixonada pelo jovem príncipe, Medéia o chamou de lado e lhe contou que aquelas provas eram uma armadilha, e prometeu ajudá-lo desde que ele se casasse com ela. Jasão aceitou

e Medéia que era feiticeira, graças a seus poderes, permitiu que Jasão vencesse os touros. Depois, após a sementeira dos dentes de dragão, ela o ajudou a se livrar dos abomináveis gigantes, que saíam da terra como espigas de trigo.

Terminado, Jasão foi receber o combinado, mas o rei, furioso, recusou-se a lhe dar o Velocino de Ouro.

Medéia ajudou-o novamente. Fez o dragão que guardava o Velocino adormecer. Jasão pegou o objeto e retornou ao navio com seus companheiros, levando Medéia.

Os heróis voltaram, então, a sua cidade, mas lá receberam uma terrível notícia: o rei Pélias, seu tio, havia matado o pai de Jasão e, embora tendo trazido o Velocino, o rei se recusou a lhe entregar o poder.

Algum tempo depois, Jasão e Medéia foram para Corinto e, ao longo de dez anos, viveram com calma e felicidade. Tiveram juntos vários filhos. No entanto, o rei de Corinto, sentindo-se envelhecer, quis encontrar para sua filha um esposo nobre que pudesse suceder-lhe. Pensou em Jasão, apesar de já casado com Medéia. O rei repudiou-a, alegando que era uma estrangeira e pelas leis gregas não era esposa verdadeira de Jasão.

O herói deixou-se convencer pelo rei, e também porque estava começando a se cansar de Medéia e sentia que ela o mantinha em seu poder.

Medéia não se conformou, sentiu-se traída e quis se vingar. Fingindo reconciliar-se com sua rival, ela deu-lhe um lindo vestido de noiva. Assim que a moça o vestiu, foi envolvida pelas chamas, que a queimaram viva e incendiaram o palácio inteiro.

Medéia, ainda louca de raiva e de ciúme, matou seus próprios filhos, menos um, que conseguiu escapar, e fugiu num carro puxado por dragões alados.

Desesperado, Jasão só tinha um desejo: voltar para sua pátria. Com alguns heróis da expedição dos Argonautas, ele, novamente, formou um exército e tomou o reino, tornando-se rei.

Voltou então para descansar em seu navio Argos e deitou-se no convés. O mastro principal se soltou e caiu sobre ele, esmagando-o.

Ao terminar a leitura, fez-se um silêncio prolongado até emergir uma voz do grupo:

*Laura: **Jasão foi traidor** e se deu mal, morreu esmagado... pagou a língua. Traiu a Medéia, e o rei Pélias, que pediu a missão.*

*Julia: **Medéia também mentiu.***

Laura: Achei trágico... matar os próprios filhos, muita loucura.

(...)

Silêncio.

Psicóloga: O que mais vocês pensam?

Laura: *É igual na história, né? Medéia faz uma armação pra conseguir ficar com o príncipe, **acho que pode ser igual a nossa vida, tem gente que faz armação, fala que tá grávida pra casar, pra segurar a pessoa, tem muita gente que faz isso.***

Todos concordam.

Julia: **Tem menina que mente pra...**

Para de falar, entreolham-se e dão risadas. Ficam em silêncio.

Psicóloga: O que foi?

Leandro: **Quando você apronta alguma coisa na sua casa, você mente para não ficar de castigo, não aparecer pra sua mãe ou pra seu pai...**

Laura (dando risadas): *E, por exemplo, para namorar...*

Todos dão risadas.

Laura: *Porque tem pai que não aceita, né? Igual, a minha mãe aceita, mas meu padrasto não aceita de jeito nenhum, capaz de pegar a vassoura e me colocar pra fora de casa...*

Julia: Ah, **eu evito mentir...**

Leandro: *É, eu também, evito no máximo.*

Laura: **É, a gente evita né, mas quando não dá...**

Roberto: *É...*

Todos dão risadas.

Psicóloga: E sobre o que vocês mentem?

Leandro: *Ah, acho que quando saio e esqueço de avisar minha mãe que vou voltar.*

Todos dão risadas novamente e concordam.

Roberto: **Daí, tem que contar parte da verdade.**

Laura: **E tem que mentir quando o pai não aceita o namoro.**

No fragmento acima, os adolescentes falam das mentiras e traições presentes no mito de Jasão e em suas próprias vidas. O adolescente, assim como Jasão, busca a autoafirmação e passa por uma fase da vida na qual necessita mostrar-se bom e valente, devido ao incremento do narcisismo. Diante do ego lábil está submetido a flutuações da angústia que não pode

canalizar ou elaborar, angústia que emerge das novas exigências internas e externas, há o predomínio dos mecanismos de defesa de natureza arcaica, como a idealização, a negação e a onipotência (Blos, 1998, González, 2009), conforme observamos em nosso grupo de adolescentes. No mito, o herói não alcançou o tesouro somente pelas próprias capacidades, seduziu e mentiu para Medéia, obtendo o Velocino de ouro por meios obscuros. Jasão e Medéia representam a fragilidade e a impetuosidade do adolescente, os sentimentos de ilusão e de paixão, vaidade, mentira, traição, sedução e perversidade, simbolizando a força destrutiva do inconsciente. Em nosso grupo, observamos que os adolescentes, em alguns momentos, demonstram dificuldade em tolerar as frustrações, desejam satisfazer suas vontades a todo custo, inclusive mentindo, ao mesmo tempo, também, por sentirem-se inseguros e desconfiarem de suas próprias capacidades (tesouros), evitam entrar em contato com a realidade.

Compreendemos, também, que os adolescentes vêm ao grupo para falar de suas 'verdades', para colocá-las no lugar das 'mentiras', para se aliviar da angústia e do sofrimento psíquico. Os participantes identificam-se com o herói Jasão, desejam se autoconhecer e se desenvolver, porém demonstram um sentimento de inferioridade e desconfiança. A hipótese que fazemos é a de que, no nível transferencial, quando os adolescentes falam sobre as 'mentiras', compreendemos como um fenômeno de resistência do grupo, eles também 'mentem' no aqui-agora da sessão, quando não falam sobre os temores, dificuldades, fantasias e desejos próprios da idade. Assim, sob o ponto de vista defensivo, o grupo nega a realidade, e sob o ponto de vista fantasmático, nas mentiras, o grupo cria um sentimento exagerado de ilusão.

Silêncio.

Psicóloga: Como vocês podem compreender essas dificuldades, nos vínculos?

*Laura: **Acho que os pais não percebem que crescemos.***

*Leandro: **Minha mãe ainda me chama de criança**, meu irmão também, mas depois (quando for adulto) será por mim mesmo...*

*Julia: **É, ter consciência.***

*Laura: **Tem que ter consciência pra fazer, pensar antes de fazer.***

Silêncio.

*Leandro: **Não é fácil assumir responsabilidade...***

Todos dão risadas.

*Laura: **Por isso eu minto, às vezes...***

*Leandro: **A escolha é nossa, né?***

(...)

Apontamos para outro fenômeno comum encontrado na adolescência e em nosso grupo: os adolescentes esperam que os pais percebam que eles cresceram, porém, não procuram demonstrar o desenvolvimento, pelo contrário, sentem-se imaturos e inseguros, regridem a posição de *dependência* e passam a mentir para os pais (Savietto & Cardoso, 2006).

Laura menciona que seus pais não percebem que ela cresceu e ocorre uma ressonância em parte do grupo. Sob o ponto de vista transferencial, no aqui-agora, trata-se mais uma vez de um estado psíquico de *dependência* do grupo, que demonstra silêncios frequentes e dificuldade em estabelecer um discurso, transferindo para a terapeuta uma expectativa de que esta o dirija, o oriente e promova o seu desenvolvimento emocional.

*Laura: **Pra conseguir alguma coisa, a gente tem que passar por dificuldades, passar por cada etapa.***

*Leandro: **Tem que ter perseverança.***

*Laura: **Força de vontade.***

Psicóloga: E vocês acham que podem pensar sobre isso em alguma fase da vida?

*Laura: Acho que na fase adulta, porque temos que passar por mais dificuldades pra conseguirmos as coisas, né? **Pra ter seu carro, sua casa, tem que trabalhar**, são várias etapas... mas na adolescência, também, é quando começa.*

*Leandro: É quando começa, porque você tem que **fazer seus cursos** pra quando chegar a fase adulta **você conseguir tudo que você deseja...***

(...)

O grupo manifesta o nível consciente de funcionamento psíquico, correlativo do princípio de realidade (Laplanche & Pontalis, 1982), afirmam que precisam “*trabalhar, fazer cursos, ter perseverança, força de vontade, cumprir cada etapa...*”. Os adolescentes possuem sonhos e desejos, porém ainda sentem-se dependentes emocionalmente, por isso, no nível inconsciente, procuram alcançar a realização dos desejos por meio da transgressão, nas mentiras. Estabelecendo um paralelo com o mito de Jasão, que não enfrentou honestamente seus obstáculos, os adolescentes do grupo também necessitam domar seus ‘dragões internos’, conter a impulsividade e desenvolver a capacidade de pensar suas próprias experiências emocionais (Bion, 1962).

*Leandro: **Às vezes, dá vontade de voltar a ser criança, às vezes, aperto a campanha dos vizinhos e saio correndo.***

*Laura: **Eu brinco, às vezes, na balança do parquinho perto de casa.***

*Roberto: **Tenho vontade de voltar a brincar de atacar manga, guerrinha de manga, era legal.***

Silêncio.

*Leandro: **Eu vou falar por mim, eu não tenho pressa de crescer não.***

*Julia: **Eu também não! Nossa, daqui a pouco já vou fazer dezoito!***

*Laura: **Ah, eu quero fazer logo sim, poder fazer as minhas coisas, queria que fosse logo...***

*Julia: **Eu sinto saudades, sinto falta...***

Roberto: ***Eu queria voltar também... pra infância.***

Leandro: ***Às vezes, fico lembrando o que eu fazia, falava, quando criança, e sinto vergonha, bobo, era meio bobo.***

Silêncio.

Nestes fragmentos, ao contrário do momento em que os adolescentes almejavam ser reconhecidos por não serem mais crianças, agora demonstram-se inseguros e angustiados diante das exigências da realidade, com uma sobrecarga na estrutura egóica, e expressam o desejo em “*voltar para a infância*”, fase a qual vivenciaram como tudo sendo permitido, buscando o princípio do prazer, evitando o desprazer: “*apertar a campainha dos vizinhos e sair correndo, brincar na balança do parquinho..., brincar de guerrinha de manga...*”.

De acordo com nossa análise, o grupo, neste momento, regride a uma fase primitiva do desenvolvimento, a qual pode ser compreendida, segundo Anzieu (1966), pelo conceito do *grupo como um sonho*. O autor descreve três aspectos do conceito, conforme observamos no grupo de adolescentes e em outros estudos atuais (Oliveira *et al*, 2011; Krug & Seminotti, 2012). O primeiro, o sonho como uma ilusão individual, que encontra no grupo o objeto libidinal possível para a realização dos desejos inconscientes que foram proibidos de serem realizados nas relações interpessoais, tanto na vida particular quanto na vida social. O segundo aspecto, destacado pelo autor é de que, no grupo ou no sonho, o aparelho psíquico sofre uma regressão: cronológica, tópica e formal²⁷. O terceiro aspecto é sobre o funcionamento do grupo como objeto transicional entre a realidade psíquica interna e a realidade externa, isto é, há uma

²⁷ Anzieu (1966) postula uma tripla regressão no grupo: cronológica - ameaça da perda da identidade do ego pelo confronto com os outros; tópica - grupo se torna substituto do primeiro objeto parcial de amor, o seio, perdido; e formal - volta a expressões arcaicas próximas ao processo primário.

projeção no espaço imaginário grupal do corpo fantasmático da mãe, com conseqüentes regressões, repetições e o retorno às origens. Compreendemos, também, como um sentimento de *ilusão grupal*, diante das angústias e dificuldades vivenciadas pelos adolescentes. Os adolescentes buscam no grupo realizar seus desejos, como no sonho, de conquistar seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

*Psicóloga: **Vocês não são mais crianças, mas ainda não são adultos...***

Leandro: Somos adolescentes...

Nota-se que neste momento é a psicóloga quem transgride o enquadre, oferecendo uma intervenção no nível lógico, característica de uma orientação. Nossa ansiedade na situação nos teria impelido a essa forma de intervir, acabando por nos desviar da oportunidade de investigar a experiência emocional da adolescência relatada pelo grupo. A hipótese que levantamos é que a nossa fala, neste momento, expressa o desejo de que os adolescentes aproveitassem o espaço do grupo, provavelmente devido a contratransferência, do nosso sentimento de frustração por causa da desistência de um adolescente (conforme exposto no início desta sessão).

Psicóloga: O grupo me passa a impressão de que vocês gostam de muitas coisas de crianças, mas que para outras coisas vocês querem ser adultos. São muitos sentimentos envolvidos...

Balançam a cabeça concordando.

*Após sinalizar que estávamos na hora de encerrar **Leandro disse que seria bom continuarmos conversando sobre isso na próxima semana, para os adolescentes que faltaram.** Os outros concordaram.*

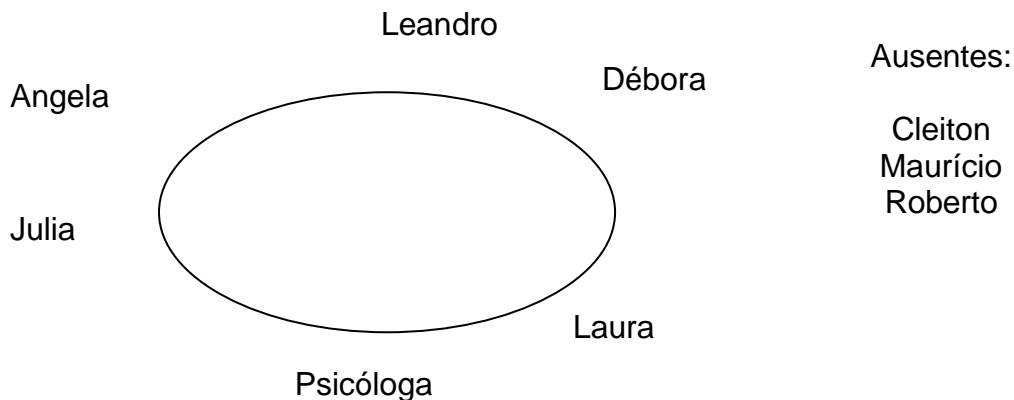
Perante a fala de Leandro pedindo pela continuidade da sessão, juntamente com os demais adolescentes no próximo encontro, compreendemos que demonstra o desejo de voltar ao grupo e a necessidade de receber apoio emocional, investindo libidinalmente o objeto-grupo. Encontramos uma compreensão para este fenômeno com a teorização de Bion (1961), na definição de suposto básico de acasalamento. O grupo termina a sessão com um sentimento de esperança de realização de seus objetivos. Estabelecendo um paralelo com o mito dos Argonautas, é como se o grupo esperasse continuar a expedição na próxima sessão, com a expectativa de que se não realizou a fantasia neste encontro, talvez possa conseguir satisfazer seus desejos futuramente.

Nessa sessão, o grupo parece ter sido idealizado como uma instancia psíquica de um ego ideal, que tem a função evitar o sentimento de frustração diante dos problemas emocionais dos participantes. Segundo nossa interpretação, o grupo regrediu, inicialmente, ao suposto básico de dependência (Bion, 1961), quando, por exemplo, espera o reconhecimento dos pais por seu crescimento e esperam que a psicóloga oriente o grupo. Em seguida, observamos que se produziu no grupo um estado psíquico de *luta-fuga*. Faltas e desistências de alguns adolescentes do grupo foram compreendidas como manifestações destas mesmas angústias. Não vir aos encontros pareceu-nos uma forma silenciosa de desconfiança e ataque ao grupo e à terapeuta, e ao mesmo tempo uma maneira de fuga, evitando o contato com as angústias e conflitos no grupo. Além disso, o fenômeno recorrente da resistência fez com que os adolescentes não produzissem, em

alguns momentos das sessões, as associações livres necessárias para a realização da tarefa, demonstrada, por exemplo, por meio dos constantes silêncios no grupo. Ao final, para minimizar a angústia persecutória, e atender a um desejo de segurança emocional, de preservação da unidade egóica ameaçada do grupo, cria-se outra fantasia, uma crença grupal inconsciente de que, quaisquer que fossem os problemas e necessidades do grupo, estes seriam resolvidos por algum acontecimento agradável no futuro.

Assim, compreendemos que o mito de Jasão reativou no inconsciente dos adolescentes do grupo, produzindo uma mentalidade grupal (de dependência, luta-fuga, ilusão). No mito, o Velocino de ouro representa a busca pelo tesouro da verdade, a evolução psíquica e as forças criativas do ser humano, conquistas estas que são desejadas, no aqui-agora, pelo grupo de jovens, que buscam o crescimento, a compreensão e independência, conforme expresso nas falas *“tem que trabalhar, são várias etapas...”*, *“porque você tem que fazer seus cursos (...) para conseguir tudo que você deseja”*.

VI - DÉCIMA SEGUNDA SESSÃO



Todos entraram e se sentaram.

*Julia: **Acabamos hoje?** (dirigindo-se a mim).*

Psicóloga: Sim.

*Julia: **Já? Passou rápido! Gostaria de continuar...***

*Laura: **Eu também.***

*Julia: **Tive que faltar à sessão passada porque estava trabalhando, mas agora não preciso mais.***

(...)

*Laura: **Eu queria continuar...***

Em seguida, fizeram a proposta de ler o mito de Narciso.

Neste fragmento inicial, as participantes expressam o desejo de continuar vindo ao grupo. Julia sente que “*passou rápido*” essa experiência e questiona se o grupo se encerra nesta sessão; levantamos a hipótese de que com a função de evitar a frustração diante do término do grupo.

A nosso ver, como a criança que chora quando se sente insegura, o grupo também se sente angustiado e inseguro diante da separação. Os adolescentes não reconhecem o tempo real, pois mesmo cientes desde o início

do processo de que teríamos doze encontros, levantam uma dúvida sobre sua continuidade. Devido aos sentimentos de insegurança, de perda e de angústia de separação, forma-se uma fantasia no grupo com a função de sensibilizar a terapeuta objetivando uma continuidade do grupo. Enfatizamos, aqui, que para fins de psicoterapia de grupo, se faz necessário o estabelecimento de um dispositivo aberto, com enquadre de longa duração e frequência de duas vezes por semana ou com uma sessão semanal de maior duração (1h30min) (Terzis, 1997). Ressaltamos, no entanto, que devido ao nosso objetivo de investigação, o presente trabalho teve um dispositivo de grupo fechado e de curta duração.

Vale destacar que Julia, uma das adolescentes que expressam o desejo pela continuidade, havia faltado à sessão anterior, fato que acreditamos ter contribuído para o sentimento de falta e de não ter sido nutrida suficientemente. Para Foulkes e Anthony (1957), o grupo é uma matriz que nutre²⁸. Segundo Terzis (2005),

a matriz é a trama comum a todos os membros, dela dependem o significado e a importância de tudo o que ocorre no grupo. A matriz representa o ambiente compartilhado (matriz de base) e é constituída no âmbito da situação grupal em contínua transformação (matriz dinâmica) e concerne ao indivíduo e se forma a partir da sua experiência de ter feito parte de um grupo familiar originário, do qual incorporou o seu completo universo de relações e significações. Assim, falar de "matriz" (é falar de mãe) significa aproximar o grupo da imagem do ovário, onde se encontram inúmeras células, e da imagem do terreno germinativo. A mãe é aquela que gera uma determinada pessoa. A matriz é o ambiente comum onde é

²⁸ A matriz de grupo é a teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo. É o terreno partilhado em conjunto que, em última instância, determina o sentido e a significação de todos os acontecimentos, e no qual se integram todas comunicações e interpretações, verbais e não-verbais (Foulkes & Anthony, 1957).

gerado um grupo ou uma multidão. A matriz (...) é também o elemento em comum que facilita a comunicação entre os membros de um grupo (...).

Essas falas também salientam o estabelecimento de um vínculo grupal ao longo dos encontros. Para Cortesão (1969), a matriz é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual pela integração do padrão analítico fomenta a evolução do processo grupanalítico. Segundo Castelar (1987), o grupo de adolescentes se estrutura enquanto tal e os participantes criam um sentimento de confiança, trocam experiências e estabelecem vínculos.

MITO DE NARCISO

Narciso era famoso pela sua beleza e orgulho. Era filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. Por acasão de seu nascimento, seus pais consultaram o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida, se nunca visse a própria face.

Muitas moças e ninfas apaixonaram-se por Narciso, quando ele chegou à idade adulta. Porém, o belo jovem não se interessava por nenhuma delas. Uma ninfa bela e graciosa tão jovem quanto Narciso, chamada Eco e que amava o rapaz em vão. A beleza de Narciso era tão incomparável que ele pensava que era semelhante a um deus, comparável à beleza de Dioniso e Apolo. Como resultado disso, Narciso rejeitou a afeição de Eco até que esta, desesperada, definhou, deixando apenas um sussurro débil e melancólico.

Para dar uma lição ao rapaz, a deusa Némesis condenou Narciso a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo nas águas da lagoa. Encantado pela sua própria beleza, Narciso deitou-se no banco do rio e definhou, olhando-se na água e se embelezando. As ninfas construíram-lhe uma pira, mas quando foram buscar o corpo, apenas encontraram uma flor no seu lugar: o narciso, e então daí o nome narciso à flor.

Ao final da leitura:

*Laura: **Nossa! As mulheres se apaixonavam por ele**, pela beleza dele (com expressão facial parecendo se sentir satisfeita e aliviada)*

Nesta fala, parece-nos que a história do mito traz um sentimento de alívio a adolescente, que se se identifica percebendo que não é somente ela quem se apaixona pelo outro, pois desde os tempos antigos, as mulheres se apaixonavam. Conforme nossa hipótese inicial, apresentada na introdução deste trabalho, o mito pode despertar reações emocionais, podendo provocar uma catarse: “Certas tensões internas (...) podem ser aliviadas; um material previamente inconsciente pode então entrar na consciência da pessoa e tornar-se acessível a uma elaboração consciente” (Bettelheim 1980, p.48).

*Julia: Gostei da parte em que **ele vira uma flor**.*

Segundo Terzis (1998), Narciso também é o nome de uma flor bonita e inútil, que morre após uma vida muito breve, é estéril e venenosa. Como o jovem Narciso que, carente das virtudes masculinas, é estéril, inútil e venenoso.

*Débora: Mas ele era **tão arrogante...***

Silêncio.

Psicóloga: Por que você acha isso?

*Débora: Porque **não se apaixonava por nenhuma (mulher) que gostava dele**.*

*Julia: Ele se **achava o bom, o bonzão**.*

Os adolescentes falam que Narciso é “*arrogante*”, se achava “o *bom*”, pois não se apaixona por nenhuma mulher. No aqui-agora, questionamos se o grupo se ‘apaixona’, se os adolescentes entram em contato com a ‘*compaixão*’²⁹, no sentido de se empatizarem uns com os outros.

*Ângela: Daí nenhuma das mulheres **prestavam** pra ele...*

(...)

Julia: Que horror! Se apaixonar por si mesmo! (risos)

*Laura (risos): Imagine, você gostar de uma pessoa e **ela beijar o espelho...***

Todos dão risadas.

Ângela atribui um sentimento de inferioridade às mulheres “*nenhuma presta*”, questionamos “E o grupo, também se sente assim?”. O mito de Narciso pretende mostrar, do ponto de vista econômico e dinâmico, como o grupo catexiza a si mesmo, investe em si próprio. Compreendemos que o fragmento sobre não ‘prestar ao outro’ remete-nos ao conceito de narcisismo primário. O termo narcisismo foi utilizado por Freud (1914) para denominar o processo de deslocamento do objeto amoroso para o próprio indivíduo. O período de narcisismo primário foi descrito como um período normal de auto investimento da libido vivido pelo bebê. Com o tempo e o intercâmbio estabelecido com o ambiente e as pessoas, esta libido se bipartiria dando origem ao que Freud passou a chamar de libido objetal. Segundo Freud (1914), narcisismo é fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal. O termo narcisismo além da conotação patológica, apresenta um aspecto sadio, de vida, de normalidade, pois o investimento narcísico permanece no ser humano

²⁹ Termo que deriva do latim ‘*compassio*’, “piedade, capacidade de sentir o que outro sente”, de ‘*compati*’, “sentir piedade”, de ‘*com*’, “junto”, mais ‘*pati*’, “sofrer, aguentar”.

até para que ele possa amar a outro. Para Freud (1915), é necessário que o ego tenha libido investida em si para poder viver e procurar uma ligação genital, com um diferente, que proporcione prazer.

A fala de Laura sobre “*beijar o espelho*” nos remete a permanecer fora do grupo, ou seja, em si e para si mesmo, para o espelho. Podemos relacionar o mito de Narciso com a teoria da mãe como o primeiro espelho de si-mesmo (Winnicott, 1967). No caso de Narciso, a questão recai sobre ver-se a si-mesmo, o que hoje em dia tem grande proximidade com o individualismo e o não reconhecimento do outro, como podemos observar nessa sessão em nosso grupo de adolescente. Para Winnicott, (1967), o relacionamento com o outro é que gera a identidade pessoal.

Psicóloga: Parece realmente estranho pensar nisso, mas imaginem que em uma relação é necessário...

Ângela: Dar valor a si mesmo?

*Laura: É, **não vale a pena chorar por homem.***

Silêncio.

*Laura: **Até que está certo ele (Narciso)...***

Julia: Ah, mas ele não gostava delas, não chorava porque não gostava.

Ângela: Ah, mas de nenhuma?

Silêncio.

Neste fragmento, observamos um sentimento de decepção “*não vale a pena chorar*” e a fala anterior de Angela (“*nenhuma das mulheres prestavam*”) nos faz pensar, que possivelmente, se trata de partes cindidas do grupo, que não sente que ‘presta’ para alguma coisa ou não se sente escutado, valorizado, amado. Diante das privações e frustrações que vivenciaram na vida, conforme expressado pelos adolescentes ao longo das sessões, compreendemos que,

transferencialmente, também vivenciam esses sentimentos no aqui-agora do grupo, por causa da interrupção deste. É como se houvesse um 'Narciso ferido' e mal cuidado dentro do grupo.

Psicóloga: E o que mais vocês podem pensar?

*Débora: **A ninfa era a Eco**, porque é o lugar que ela morreu, quando a gente fala e faz o barulho (do eco)..., isso teve origem com ela.*

*Laura: Acho que pra um namoro, a pessoa tem que gostar da outra... tenho uma colega que namora há dois anos, **ela não gosta do menino, mas tem que ficar com ele por causa da mãe**, que gosta dele.*

Silêncio.

Levantamos a hipótese de que, como Eco, não se sentiu ouvida por Narciso no mito, como é o último encontro, assim como a ninfa, o grupo transfere o mesmo sentimento da perda de não ter mais quem o escute e o compreenda. Laura menciona o caso de uma amiga que tem o namorado escolhido por sua mãe, compreendemos no aqui-agora, como uma dificuldade de o grupo saber escolher, saber quais são seus desejos e escolhas, o que sentem e pensam. Podemos pensar ainda em um sentimento ambivalente presente no grupo, ao mesmo tempo em que os adolescentes demonstram a necessidade de amparo e escuta, desejam fazer escolhas próprias e independentes. Falam do sentimento do abandono, no aqui-agora, mas manifestam que não querem permanecer em vínculos que não escolheram.

(...)

*Julia: **E esse narcótico? Tem a ver com Narcóticos Anônimos?***

Silêncio.

*Julia: **É igual a gente aqui, a pessoa vai lá (no Narcóticos Anônimos) e ninguém (de fora do grupo) sabe.***

Todos dão risadas.

Ângela: O meu pai ia nisso, no AA (Alcoólicos Anônimos), mas saiu, não adiantou nada pra ele.

Comentaram sobre o uso de drogas e álcool, porque as pessoas buscam e como se sentem, sobre uma personagem jovem de uma novela que era dependente química.

Julia: Por que será, né? Que as pessoas precisam disso?

Laura: Deve ser porque na hora parece bom (a droga). Não pensa, mas depois se arrepende, quer parar, né, mas não consegue...

*Julia: **Mas não tem relacionamento com ninguém?** Como o pai dela (dirigindo a Ângela). **Não tem?***

*Laura: **Ah, até tem né, mas...***

*Ângela: **Humilha, bate.***

*Laura: E depois se arrepende do que perdeu, **só depois que perdeu, vê que a família era mais importante** que a bebida.*

*Ângela: Mas meu pai ainda não viu isso, acho que até agora ele não percebeu que **perdeu a família**, porque eu vou lá na casa dele, faço a comida, arrumo a casa, eu pareço uma empregada pra ele, e **ele nem liga!***

Silêncio.

*Ângela: **Minha mãe resolveu e saímos (de casa)**, vai pra um mês, **está sendo bem melhor, porque agora eu posso fazer lição, ter meu canto**, antes ele ficava falando, mas tenho esperança dele mudar...*

Nesses fragmentos, o grupo retoma o assunto da dependência do álcool e drogas, abordado em sessões anteriores³⁰, observamos que nessa sessão, os adolescentes também expressam o sofrimento emocional e frustrações que vivenciam em seus ambientes familiares. Sob o ponto de vista transferencial, o mito de Narciso e o término das sessões, reativaram processos psíquicos inconscientes no grupo, que se mostra dependente, estático e estéril, manifestado pela dificuldade dos adolescentes em desenvolverem um

³⁰ Conforme análises da quinta e sétima sessão.

processo associativo grupal. A palavra grega “Nárkissos” quem vem do grego “nárkes”, significa “entorpecimento, torpor”. Essa é a base etimológica da palavra ‘narcótico’. A fala de Julia questionando sobre a ausência de relacionamento afetivo do pai de Ângela, nos faz questionar sobre o relacionamento intragrupal. Diante da iminente separação do grupo, a sessão é desenvolvida com vários momentos de silêncio ao longo da sessão, parecendo que os adolescentes também evitam se relacionar, se defendem, evitam entrar em contato e investir nos relacionamentos, como Narciso.

Julia: Igual uma amiga minha que fuma, a cada cinco segundos, está com um cigarro na boca, fala que acalma tipo um refúgio.

Silêncio.

Psicóloga: E vocês? Como é isso para o grupo?

*Débora: **Eu escrevo quando estou nervosa.***

*Ângela: **Eu fumava também, agora parei, como chocolate.***

*Laura: **Eu, quando fico nervosa, como alguma coisa, ou começo esmurrar a parede, ou começo a xingar minha mãe por trás (risos), sem ela ver, tenho sempre que arrumar alguma coisa pra fazer... É legal, não preciso pedir desculpas, minha mãe não vê nada. O problema é que meu nervoso... eu fiz exames, eles estão alterados, a tireoide, medi minha pressão e estava treze por oito e o médico falou que era por passar nervoso, eu passo muito nervoso.***

*Julia: **Eu quero comer, comer, comer...***

Risos ansiosos.

*Leandro: Uma vez eu fiz isso, **escrevia e desenhava, nossa, eu acho que ajudou, aliviava...***

*Débora: **Eu escrevo o que estou sentindo.***

*Laura: Uma vez quando era pequena, **estava nervosa com o meu pai, passando muito nervoso, entrei no banheiro, me tranquei, peguei uma tesoura e fiz assim, ó (mostrando que se cortou), desmaiei, sangrou... Depois minha mãe perguntou e eu falei que era só um arranhão, mas é que no momento, foi muito nervoso.***

*Julia: **Eu saio de casa! Falo pra minha mãe “ah, vou sair um pouco...”.***

(Risos)

Laura: **Eu**, quando fico com raiva da minha mãe assim... quando ela me dá dinheiro pra ir ao mercado comprar alguma coisa, **eu** pego um pouco, e fico na internet, tiro uns cinquenta centavos ou um real, e fico no Orkut.

Todos dão risadas.

Laura e Julia referem o sintoma de compulsão alimentar diante da instabilidade emocional (“*passo muito nervoso*”), como mecanismo de defesa da mente, ao evitar entrar em contato com a dor emocional, o ato de comer impulsivamente revela um processo primitivo: no mundo externo a ‘fome afetiva’ é manifestada pelo vazio físico; no aqui-agora, os adolescentes regridem e se expressam com o uso repetido do pronome ‘eu’, reforçando nossa hipótese de que o grupo se encontra em um momento narcísico, no qual a referência ao outro é pouco considerada. No aqui-agora do grupo, o ‘eu’ se apresenta no foco do discurso.

Destacamos também a preocupação com o número de suicídios entre os adolescentes, assim como Ângela relatou na quinta sessão, Laura também expressa sua dor emocional: “*estava passando muito nervoso, entrei no banheiro, me tranquei, peguei uma tesoura e fiz assim ó..., desmaiei, sangrou...*”. Baseado nas experiências emocionais dos participantes de nosso grupo, ratificamos dados encontrados em alguns estudos recentes sobre a autoagressão na adolescência (Savietto & Cardoso, 2006; Castilho, 2010, Drieu, 2011).

Sinalizei que estávamos na hora de encerrar.

Julia: **Você continua fazendo desta forma com outros adolescentes?**
(dirigindo a mim).

Psicóloga: Desta forma?

Julia: **É, com as histórias de Mitologia.**

Psicóloga: Para a pesquisa é suficiente somente doze encontros.

A nosso ver, a indagação de Julia denota um sentimento de desconfiança e levanta uma dúvida sobre a quem será dedicada essa experiência, após a separação do grupo, se será com outro grupo de adolescentes que a terapeuta continuará.

*Angela: **Eu gostei muito!***

*Leandro: Ah, **pra mim foi ótimo!***

*Laura: **Me ajudou um pouco.***

*Julia: **Nossa! me ajudou muito!***

Laura: Ver outras experiências, expressar um pouco...

*Julia: **É, parar pra pensar um pouco, amadurece...***

Laura: Tanto que a gente falou da nossa vida!

Julia: Achei muito legal comparar essas histórias de antes, da Grécia, com a nossa vida hoje.

*Laura: **Tanto que a gente contou sobre nossa vida... eu não conto pra ninguém mais!***

*Agradei a todos. Todos sorriram e demoraram alguns segundos para se levantar e se despedir, **demonstrando certa dificuldade em encerrar o encontro.***

No término da sessão, como defesa para minimizar a angústia de separação, cria-se uma fantasia de ilusão no grupo, os adolescentes expressam que a experiência os “ajudou muito”, “foi ótimo”, “pra pensar um pouco”, “amadurece” e que no grupo se sentiram bem, falaram sobre suas vidas e que não contam “pra ninguém mais”.

Nessa sessão, consideramos que o mito de Narciso se inscreve na fantasia inconsciente do grupo, o grupo parece 'chorar' por Narciso assim como 'chora' pelo narcisismo perdido, mas nunca renunciado. De acordo com Terzis (1998), na ambigüidade do ser humano, o narcisismo se apresenta enquanto fonte para a vida, inscrito no ser dependente que é o ser humano e que possibilita a intimidade com o olhar que, ao nos confrontar, nos reconhece. Também se apresenta como fonte para a morte, inscrito na angústia de aniquilamento, na recusa do olhar-confronto do outro que nos individualiza. Podemos estabelecer uma analogia de nosso grupo com o jovem Narciso, considerando que, nessa sessão, os adolescentes apresentam uma dificuldade em entrar em contato com as próprias emoções e conflitos, e com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo, apresentaremos os resultados relevantes do grupo de adolescentes, sobre seu funcionamento mental e as formulações psíquicas que se formaram no aqui-agora do grupo.

A análise do grupo pode ser realizada em dois níveis: o nível consciente, dos conteúdos manifestos; e o nível de uma atividade psíquica inconsciente, que se compreende através da interpretação, a partir do aporte teórico da psicanálise aplicada aos grupos. O foco de nossas conclusões desse estudo se deu não apenas no nível egóico, consciente ou manifesto pelo grupo, mas, principalmente, centralizamos nos fenômenos emocionais e fantasias inconscientes produzidas no grupo de adolescentes, entendendo que os fenômenos conscientes são consequência de formulações psíquicas inconscientes.

Os resultados mostram que em todas as sessões do grupo, os adolescentes se sensibilizaram aos fenômenos grupais, possibilitando a compreensão do processo e do funcionamento de formações psíquicas produzidas pelo inconsciente. Os adolescentes se realizaram através de identificações mútuas, projetando no aqui-agora do grupo outros grupos externos, como o grupo familiar. Muitos dos aspectos das formações grupais estabelecidas no aqui-agora foram construídos dentro de um referencial semelhante ao modelo primário, que é ou foi o ambiente familiar. Por formarem um grupo com seus pares, consideramos que houve neste espaço uma ruptura com esse modelo primário, no qual os adolescentes, por estarem numa situação de igualdade, buscam adquirir novos objetos de identidade.

Ao contrário dos ambientes externos, como família e escola, no grupo de adolescentes a utilização do dispositivo não-diretivo da associação livre, bem

como a *continência* da terapeuta, permitiram que os adolescentes manifestassem emoções, pensamentos e fantasias, facilitando o acesso aos conteúdos inconscientes. No entanto, observamos em alguns momentos, principalmente no início das sessões, que o grupo de adolescentes apresentou-se como um organismo imaturo, cuja fantasia coletiva implicava uma dependência de alimentação emocional e afetiva do grupo. Nesse estado de *dependência* a suposição básica era de que existiria um objeto, no caso o próprio grupo, ou a psicóloga, cuja função seria fornecer amparo, segurança e soluções para suas dificuldades. Esses supostos básicos no grupo são compreendidos como mecanismos de defesas que funcionam para aliviar as angústias do grupo.

Tão logo os adolescentes perceberam suas frustrações, ou seja, que não receberiam imediatamente de forma mágica a solução para seus problemas, nem do grupo ou da terapeuta, os sentimentos experimentados passaram a ter características de insatisfação e frustração. Consideramos que teve início no grupo uma mentalidade primitiva que pareceu obstruir a atividade do grupo, uma fantasia inconsciente grupal de não receber o que necessitava, representando o sentimento de que o grupo estaria reunido com a finalidade de lutar contra algo ou de fugir de alguma coisa.

O grupo vivenciou, por diversos momentos, angústias persecutórias, concebendo a existência de perseguidores externos. No grupo essas fantasias se manifestaram em forma de percepções de ataques vindos da família, pais, professores, namorados, do álcool e das drogas. Os pais foram referidos como agressivos, autoritários, frágeis e dependentes. Os adolescentes expressaram um intenso sofrimento psíquico frente a essas situações, relataram situações

de gravidez e aborto, depressão e tentativas de suicídio. Referiram dúvidas entre continuar tentando encontrar soluções (manter a luta) ou desistir da vida (efetivar a fuga). A possibilidade de não suportar conviver com os conflitos e a dificuldade em estabelecer vínculos confiáveis trouxeram ao grupo traços de angústias depressivas e uma circulação de fantasias de perda, de impossibilidades e de morte. Consideramos que no grupo de adolescentes, os sentimentos de frustração e as fantasias de ataque e fuga foram direcionados, principalmente, ao grupo familiar.

Entretanto, faltas, atrasos e desistência de alguns adolescentes ocorridas no processo do grupo foram compreendidas como manifestações destas mesmas angústias. Não vir aos encontros pareceu-nos uma forma silenciosa de desconfiança e ataque ao grupo e à terapeuta, e ao mesmo tempo uma maneira de fuga, evitando o contato com as angústias e conflitos no grupo. Além disso, o fenômeno recorrente da resistência fez com que os adolescentes não produzissem em alguns momentos das sessões as associações livres necessárias para a realização da tarefa, demonstrada, por exemplo, por meio dos constantes silêncios no grupo. Em diversos momentos, o grupo utilizou-se de mecanismos de defesa que atuam nessa direção, deixando de abordar as questões emocionais e conflitivas. Todavia, consideramos que devam ser realmente esperadas tais manifestações na medida em que o trabalho de desvelamento de questões inconscientes ocorre em face de uma contínua resistência, estando esse processo associado ao desprazer.

Foi possível também observar que o grupo produziu um estado emocional de esperança, uma crença grupal inconsciente de que, quaisquer

que fossem os problemas e necessidades do grupo, estes seriam resolvidos por algum acontecimento agradável no futuro, que seria o salvador do grupo. Esse fenômeno ocorreu, por exemplo, quando os adolescentes, em outros momentos do grupo, relataram que o consumo de álcool e drogas poderia fazê-los se sentir melhor, transferindo o objeto bom para o mundo externo. Assim, formou-se de maneira recorrente uma *ilusão grupal*, criando a sensação de que os participantes formam um ótimo grupo. Tal estado de ilusão veio atender a um desejo de segurança emocional, de preservação da unidade egóica ameaçada do grupo. Ao mesmo tempo, compreendemos como uma defesa coletiva contra a angústia persecutória comum. Deste ponto de vista, o grupo busca constituir-se um corpo, estabelecendo uma vivência coesa que assegure segurança e o alcance dos objetivos.

Assim, a presença desses supostos básicos (de dependência, luta-fuga e ilusão) se alternou no grupo de adolescentes, manifestando-se de maneira inconsciente. Consideramos que o desenvolvimento emocional, tanto grupal como individual, somente ocorre quando o aspecto evoluído entra em ressonância com o primitivo e o retira de seu isolamento. O grupo funcionou de forma oscilante: ora regredindo, ora evoluindo na realização da tarefa, quando houve maior interação entre seus participantes, que demonstraram seus sentimentos, fantasias, desejos, dificuldades, angústias e conflitos.

Quanto ao enquadre estabelecido no grupo de adolescentes, constatamos que foi favorável ao aparecimento de transferências e contratransferências, na medida em que o grupo remete ao ambiente familiar, facilitando o estabelecimento desses fenômenos. A transferência no grupo de adolescentes ocorreu sobre o grupo real, sendo que havia um grupo interno no

imaginário de cada adolescente, por meio do qual são transferidas fantasias, imagos e ansiedades sobre o grupo no aqui-agora. O grupo vivenciou, com maior recorrência, a transferência do grupo como uma totalidade em relação à figura materna; e uma extratransferência, em relação a um objeto exterior ao grupo, por exemplo, ao grupo familiar. Em relação à transferência ao grupo enquanto tal, este parece ter regredido ao *primeiro organizador psíquico*, que pressupõe a busca da força, por meio do grupo, representando o útero materno, onde há uma unidade com o corpo da mãe. As extratransferências também ocorreram, à proporção que os adolescentes expressaram, em várias sessões, os sentimentos e dificuldades com a família, professores, colegas, relações essas que parecem remontar a um passado vivenciado com a própria mãe, havendo projeções de objetos maus. Os adolescentes expressaram com maior destaque os sentimentos negativos, notados, sobretudo, nas falas sobre seus vínculos com os pais, por exemplo, como sendo empobrecidos, persecutórios e pouco afetivos.

Além disso, o grupo, como objeto, teve uma função de realização dos desejos dos participantes, um espaço no qual puderam expor seus sentimentos e se aliviar. O grupo foi investido positivamente pelos adolescentes, se organizando como uma *unidade-corpo*, e preencheu uma função elaborativa em relação às suas dificuldades e conflitos emocionais.

Portanto, concluímos, a partir das experiências desse estudo, que o grupo funcionou como protetor e reassegurador frente às suas angústias e temores, ao exercer as funções de continente frente aos anseios, ao desamparo e à impotência presentes na adolescência; se constituindo um dispositivo terapêutico para a promoção de autoconhecimento, proporcionando

acolhimento, compreensão e alívio emocional aos adolescentes. Criou-se um sentimento de pertinência e de fortalecimento, um espaço de continência e reflexão sobre as experiências subjetivas dos adolescentes, que passaram a buscar, em grupo, compreendê-las, tendo manifestado um desejo de continuidade. Os sentimentos, conflitos e dificuldades individuais dos adolescentes entraram em ressonância uns com os outros, o que tornou o grupo como uma imago comum. Cada adolescente do grupo identificou uma parte de si refletida na interação com os outros participantes do grupo, e assim, pode perceber os outros reagindo da mesma maneira como ele, ou de maneira diferente, causando um contraste e questionamento próprio. Desta forma, o adolescente se conhece através da ação que vivenciou sobre os outros e através das imagens que os outros fazem dele.

Ainda, pode ser concluído que o *grupo de diagnóstico*, mostrou-se uma técnica de avaliação, prevenção e intervenção em saúde mental, constituindo uma alternativa metodológica para o atendimento a adolescentes. Por isso, com essa experiência, salientamos a importância e a peculiaridade da modalidade de trabalho grupal, a qual não serve apenas para a investigação científica, mas também, como intervenção clínica na adolescência, devido ao seu benefício terapêutico.

Em relação à introdução da narrativa mítica no grupo, consideramos que foram bem aceitas pelos adolescentes, tendo a função de identificação destes com os heróis míticos, repletos de aventuras, fracassos, êxitos, paixões, perdas, traições, abandonos e lutas, reativando fantasias e conflitos nos seus psiquismos. Como exemplo, podemos citar as falas dos adolescentes que se

referiam à atualidade da narrativa mítica, relacionada a relacionamentos amorosos e relação pais-filhos.

Percebemos que formações psíquicas inconscientes foram projetadas no material mítico, desencadeando a associação livre no grupo, o processo transferencial e a intersubjetividade; serviu como um instrumento de sensibilização e reflexão, facilitando a expressão de seus sentimentos, fantasias e desejos, constituindo-se em uma nova concepção para a investigação e compreensão do funcionamento psíquico do grupo. Assim, acreditamos que a nossa experiência, com a introdução dos recursos míticos, pode servir de referência para o trabalho com adolescentes ou crianças no campo da saúde mental, educação e outras áreas afins, pois além dos benefícios terapêuticos encontrados no presente estudo, as narrativas míticas se constituem uma ferramenta econômica de intervenção.

Concluimos, ainda, que os adolescentes demonstraram prazer em ouvir as histórias míticas e suas imaginações puderam ser manifestadas, através dos personagens míticos. Os mitos, assim como os contos de fadas ou as lendas, por possuírem uma linguagem simples, facilitaram com que o grupo fizesse associações que nos permitiram a realização de análises dos conteúdos inconscientes apontados no decorrer deste estudo.

Finalmente, queremos enfatizar a importância do papel do psicólogo no atendimento a grupos, para que este profissional possa atuar tanto na intervenção clínica como na intervenção social preventiva desta população. Alertamos, entretanto, para a necessidade de uma formação teórica, técnica e pessoal do grupoterapeuta para que este esteja mais bem preparado para atuar diante das demandas do campo da saúde mental.

Consideramos, ainda, que este estudo oferece subsídios para a compreensão do adolescente àqueles que estão envolvidos com essa faixa etária em diversos contextos. Finalizando, afirmamos que essa experiência abre um caminho promissor para a realização de novos trabalhos científicos, com o respectivo método da psicanálise aplicada em situações de grupo, com fins terapêuticos ou de investigação.

REFERÊNCIAS

- Abduch, C. (1999) Grupos Operativos com Adolescentes. Cadernos *Juventude Saúde e Desenvolvimento*. V. 1. Brasília, Df.
- Abraham, K. (1909) *Dreams and myths. A study of race psychology*, New York: White.
- Altman, N. (2008) From Fathering Daughters To Doddering Father. In: *Psychoanalytic Inquiry: A Topical Journal For Mental Health Professionals*. Volume 28, Issue 1, Pages 92-105.
- Anastasopoulos, D. (2007) The Narcissism Of Depression Or The Depression Of Narcissism And Adolescence. In: *Journal Of Child Psychotherapy*. Volume 33, Issue 3, Pages 345-362.
- Anzieu, D. (1966). *O grupo e o Inconsciente: imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.
- Anzieu, D.; Kaës, R. (1989) *Crônica de un Grupo* (Trad. Hugo Azevedo). México: Ed. Gedisa.
- Anzieu, D.; Martin, J. I. (1971). *La dinámica de los grupos pequeños*. Buenos Aires: Ed. Kapelusz.
- Ariès, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*. 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Aryan, A. y Torres de Aryan D. (2007). Notas para la comprensión de la predisposición psicótica en la pubertad y la adolescencia. *Psicoanálisis: Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires*. 29 (nº2), 255-276.
- Auko, T. R. (2007). *Experiências com um grupo de crianças e mães em situação de violência intrafamiliar atendidas na brinquedoteca: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil.

- Barugel, N.; Mantykow De S.; B. (2001) La Acción Comunicativa En El Tratamiento De Adolescentes. *Psicoanálisis Apdeba*;23(2):313-328, Ago.
- Benetti, S.P. da C. *et al* (2007) Adolescência e Saúde Mental: Revisão De Artigos Brasileiros Publicados Em Periódicos Nacionais. *Cad. Saúde Pública*, Rio De Janeiro, V. 23, N. 6, Jun.
- Bettelheim, B. (1980). *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bion, W. R. (1961) *Experiências com Grupos: os fundamentos de psicoterapia de grupo* (Trad. de Oliveira, W.I.). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Bion W. R. (1962) *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Bleger, J. (1967) *Symbiose et ambiguïté*, trad franç Paris, PUF,1981.
- Bleger, J. (1984) *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artmed.
- Blos, P. (1998) *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. SP: Martins Fontes.
- Bokanoviski, T. (2005) As variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático e trauma. *Revista brasileira de psicanálise – trauma*, 39 (1): 27-38.
- Braga, C. M. L.(2009) *Comunicação e Isolamento: Uma Análise Clínica de Diários e Blogs de Adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Brasil. (1998) *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Imprensa Oficial, São Paulo.
- Cabreira, J. C.; Pontes, M.L.Silva; Tachibana, M.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007) Incompreensão, vazio e oposição pueril: o imaginário coletivo de

- adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. In: *Primeira Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia – PUCCAMP*, Campinas.
- Cahn, R. (1999) *O Adolescente na psicanálise: novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Caldwell, R.S. (1989) *The origin of the gods. A psychoanalytic study of Greek Theogonic myth*, New York: Oxford.
- Calligaris, C. (2000) *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Carvalho, A.M. Rodrigues, C. S.; Medrado, K. S. (2005) Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*; volume 10, número 3, páginas 377-384. Dezembro.
- Carvalho, C. C. V. (2009) *O aluno do curso técnico de enfermagem e o estágio hospitalar: experiências psicanalíticas de um grupo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Carvalho, J.P.E. (2008) *Experiências com um grupo de crianças através da música: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Castellar, C. (1987) Grupoterapia com Adolescentes. Em Py, L. A (Org.) *Grupo Sobre Grupos*. Rio De Janeiro: Rocco.
- Castilho, P.; Gouveia, J.P.; Bento, E. (2010) Auto-criticismo, vergonha interna e dissociação: a sua contribuição para a patoplastia do auto-dano em adolescentes. *Temp – Psychologica*, n.52, vol. 2.

- Cofani, A. (2012) *Juventude e consumo de álcool entre jovens de distintos grupos sociais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Cuidado em Saúde) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cortesão, E. L. (1969) *Grupanálise - Teoria e Técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, L. G. *et al.* (2005) Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, Dez.
- Cruzeiro, A. L.S. *et al.* (2008) Iniciação sexual entre adolescentes de Pelotas, Rio Grande do Sul. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 18, n. 2, ago.
- DATASUS. *Dados de Internação Hospitalar* [acessado em 2010]. Disponível em <http://www.datasus.gov.br>.
- Deakin, E. K.; Nunes, M. L. T. (2009). Abandono de psicoterapia com crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 31, 1-7.
- Decherf, G (1986) *Édipo em grupo: psicanálise e grupos de crianças*. Porto Alegre: Artmed. 1981.
- Diel, P. (1976) *O simbolismo na mitologia grega*. Attar editorial. São Paulo.
- Drieu, D.; Proia-Lelouey, N.; Zanello, F. (2011) Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, June.
- Erikson, E. H. (1976) *Identidade, juventude e crises*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Faria, A. L. (2003). *Crônica de um grupo de formação*. Tese de doutoramento não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil.

- Favilli, M. P. (2005) O agir criativo: o adolescente que se faz adulto. In *Simpósio Internacional do Adolescente*, v. 1, São Paulo.
- Fernandes, B. S. (2003) Psicoterapia de Grupo com Adolescente. In: Fernandes, W. J.; Svartman, B.; Fernandes, B. S. *Grupos e Configurações Vinculares*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Fernandes, W.J. (2003) O processo comunicativo vincular e a psicanálise dos vínculos. In: Fernandes W.J., Svartman B, Fernandes B.S., editores. *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferrari, A. B. (1996). *Adolescência. O segundo desafio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Figueiredo, R.; Bastos, S.; Telles, J. L. (2012) Profile of the free distribution of emergency contraception for adolescents in São Paulo's counties. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 22, n. 1.
- Fleitlich, B. W.; Goodman, R. (2002) Implantação e implementação de serviços de saúde mental comunitários para crianças e adolescentes. *Rev. bras. psiquiatr.*, São Paulo, v. 24, n. 1, mar.
- Foulkes, S.H.; Anthony, E. (1957). *Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica* (Trad. De R. Pontual). Rio de Janeiro: BUP, 1972.
- Freud, S. (1900) A interpretação dos sonhos (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol 4. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol 7. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.13. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.14. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1915) As pulsões e suas vicissitudes. *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.14. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1917) O Desenvolvimento da Libido e As Organizações Sexuais. *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol. 16, Rio De Janeiro, Imago, 1969.
- Freud, S. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1922). Dois verbetes de enciclopédia (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Freud, S. (1930). Mal-estar da Civilização (Trad. De J. Salomão). *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, Vol.21. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- Godóy, R.; Silva, R.; Jansen, K.; Quevedo, L. A. ; Moraes, I. G. S.; Pinheiro, R. (2008) Comportamentos agressivos na adolescência e a presença de transtornos mentais comuns - Um estudo de base populacional. In: *Anais do*

I Congresso IBRO/LARC de Neurociências da América Latina, Caribe e Península Ibérica, Búzios/RJ.

Gomes, K. V. (2010) *A Dependência Química em Mulheres: figurações de um sintoma partilhado*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil.

Gonzalez, S. F. de La V. (2009) El Lugar De Los Escritos Adolescentes En El Proceso Psicoterapéutico. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.* Madrid, V. 29, N. 1.

Grossman, E. (1998) A adolescência através dos tempos. *Adolesc. latinoam.*, jul./set., vol.1, no.2, p.68-74. ISSN 1414-7130.

Houaiss, A.; Villar, M. (2001) *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

IBGE. (2009). *Tabela 261*. Brasília. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/criancas_adolescentes/default.shtm. Acesso em: 23 jul. 2012.

IBGE. (2008) *Jovens Mães*. Brasília. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/saude/jovensmaes.html>. Acessado em novembro de 2010.

IPAS. (2005) *Jovens na Rede*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ipas.org.br>. Acessado em novembro de 2010.

Isolan, L. (2009) Aliança terapêutica na adolescência. *Revista Brasileira De Psicoterapia*. ISSN 1516-8530 Órgão Oficial Do Centro De Estudos Luís Guedes Volume 11 - Número 3 – Dezembro.

Jardim, A.P.; Oliveira, M.Z.; Gomes, W.B. (2005). Possibilidades e dificuldades na articulação entre pesquisa e psicoterapia com adolescentes. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18:215-224.

- Jordao, A. B. (2008) Vínculos Familiares na Adolescência: Nuances e Vicissitudes na Clínica Psicanalítica com Adolescentes. *Aletheia*, Canoas, N. 27, Jun.
- Kaës, R. (1976a). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- Kaës, R. (1976b). *Teorias Psicanalíticas de Grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- Kaës, R. (1977) *El aparato psíquico grupal: construcciones del grupo* (Trad. H.A. Cubierta, C. Rolando y Asociados). Barcelona: Guarnica.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer, *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica* (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco Editora.
- Kaës, R. (1999) La Parole, le Jeu et le Travail du Préconscient dans le Psychodrame Psychanalytique de Groupe IN : KAËS *et al. Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe*. Paris, Dunod. p.51-100.
- Kaës, R. (2003) O Intermediário na Abordagem Psicanalítica da Cultura. In: *Psicologia*, USP-IP, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (vol. 1, n.1, pp. 15-33).
- Kaës, R. (2005a) *La palabra y el vínculo: procesos asociativos en los grupos*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Kaës, R. (2005b) *Os espaços comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. S.P.: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Editora Loyola.
- Klein, M. (1932) *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- Krug, J. S.; Seminotti, N. (2012) A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças em idade pré-escolar. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, June.
- Laplanche, J. Pontalis, J.B. (1982). *Vocabulário de Psicanálise* (Tradução de Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Levisky, D. L. (1998) *Adolescência Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Levy, R. (2007) *A adolescência no Brasil, hoje*. Disponível em: <[http://www.sppa.org.br/boletim_eletronico/administracao/arquivos/Ruggero_Levy_A_adolescencia_no_Brasil_hoje.doc?id...>.](http://www.sppa.org.br/boletim_eletronico/administracao/arquivos/Ruggero_Levy_A_adolescencia_no_Brasil_hoje.doc?id...)
- Maciel, J. C.; Paula, T. C. S. (2009) Oficinas Educativas: Relato De Experiência Com Grupo De Adolescentes In: *Anais da VII Jornada Apoiar: Saúde Mental e Enquadres Grupais: A Pesquisa e a Clínica - USP*, São Paulo, 7 de Novembro. p. 204-213.
- Malta, D. C.; Mascarenhas, M. D. M.; Porto, D.L.; Duarte, E. A.; Sardinha, L. M.; Barreto, S. M.; Morais Neto, O.L. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. In: *Rev Bras Epidemiol.*; 14(1) Supl.: 136-46.
- Matheus, T. C. (2006) *Crise da Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Mathieu, P. (1967). Essai d' interprétation de quelques pages du revê celtique, *Interpretation*, 2:32-59.

- Mello F^o., J. (1986) Contribuição da Escola de Winnicott à psicoterapia de grupo. In: Osorio, L. C. *Grupoterapia com pacientes somáticos*. Artes Médicas Sul.
- Millonschik, C. S. (2004). De que ado(l)esce um adolescente? Em: R. Graña; Piva, A. (Orgs). *A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mitrani, J.L. (2007) Bodily centered protections in adolescence: an extension of the work of Frances Tustin. *Int J Psychoanal*;88(Pt 5):1153-69, Oct.
- Moretto, C.C. (2008) *Experiências de uma equipe interdisciplinar de saúde mental: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Moretto, C. C.; Terzis, A. (2009) Experiências com um grupo de adolescentes através dos mitos gregos. In: Tardivo, L. S. La P. C. (Org.). *Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica*. *Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica*. 1ed. São Paulo: IP/USP, v. 1, p. 180-191.
- Moretto, C.C. (2010) Trabalho em equipe: um estudo psicanalítico de grupo. In: Terzis, A. (org) *Psicanálise aplicada na América Latina: novos contextos grupais*, Campinas: Via Lettera.
- Moretto, C. C.; Terzis, A. (2011) Una experiencia *psychoanalytica* de grupo con adolescentes. In: *Anais do XIX Congreso Latinoamericano de FLAPAG - El Psicoanálisis Vincular de Latinoamérica*. Buenos Aires : FLAPAG, v. 1.
- Morgado, F.O. (2004) *Adolescência e Mitos: um estudo psicológico*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.

- Naves, M. B. (1997) Do mito à psicoterapia. In: Oliveira Jr., J. F. *Grupoterapia: teoria e prática* (org.). Ed. SPAG-Campinas, Campinas, SP.
- Neri, C. (1999). *Grupo: Manual de Psicanálise de Grupo*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Novick, J. (2004). A aliança terapêutica no trabalho com adolescentes. Em: Graña, R.; Piva, A. (Orgs). *A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.285-294). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, D. M. de; Fulgencio, L. P. (2010) Contribuições para o Estudo da Adolescência sob a Ótica de Winnicott para a educação. *Psicol. Rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, V. 16, N. 1, Abr.
- Oliveira, G. P. *et al.* (2011) Reflexões sobre o 'Grupo como um sonho' e a teoria winnicottiana. *Vínculo* vol.8 no.2 São Paulo dez.
- Organização Mundial de Saúde – OMS (2003)/ World Health Organization. *Caring for children and adolescents with mental disorders*. Setting WHO Directions. Geneva.
- Orlandi, M. A. B. (2011) *Modelo Teórico de René Kaës na Contextualização dos sintomas Depressivos na Latência*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Osório, L. C. (1992) *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. O. (1994) *Adolescer: estudos sobre a adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pachuk, C.; Friedler, R. (coord.) (1998) *Diccionario de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculare*. Buenos Aires: Ediciones del Candil.

- Pagés, C. (2011) Projeto Círculo de Leitura: A palavra como sustentáculo da identidade e da cidadania. In Levisky, D. L. *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção*. Casa do Psicólogo.
- Pichon-Rivière, E. (1988) *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pontalis, J.B (1963) Le Petit Groupe Comme Objet. *Les Temps Modernes*, 211: 1057-1069.
- Porta, L. K. (2006) *Experiências de um grupo de adolescentes com sobrepeso e obesidade: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Ramires, V. R. Röhnelt *et al.* (2009) Fatores de risco e problemas de saúde mental de crianças. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, ago.
- Saikali, C. J. *et al.* (2004) Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v. 31, n. 4.
- Salis, V. D. (2003) *Mitologia viva – aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. São Paulo: Ed. nova Alexandria.
- Savietto, B. B.; Cardoso, M. R. (2006) Adolescência: ato e atualidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 6, n. 1, mar.
- Schneider, A. C. N.; Ramires, V. R. R. (2007) Vínculo parental e rede de apoio social: relação com a sintomatologia depressiva na adolescência. *Aletheia*, Canoas, n. 26, dez.
- Souza, E. R.; Minayo, M. C. de S.; Malaquias, J. V. (2002) Suicide among young people in selected Brazilian State capitals. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, jun.

- Tanis, B. (2009) Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, v. 43, n. 3, set.
- Taplin, O. (1990). *Fogo grego*. Lisboa: RTC/Gradiva.
- Terzis, A. (1997) Dimensões teóricas e técnicas da grupanálise. In: Oliveira, JR., J.F. (org.). *Grupoterapia: teoria e prática*. Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo de Campinas, SPAG-CAMP.
- Terzis, A. Radomile, E. Brun, G. (1997) Compreendendo a adolescência. *IX Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo*. 2: 106:118. Canela, RS.
- Terzis, A. (1998) Psicanálise dos vínculos e narcisismo. In: Oliveira, JR., J.F. (ed.). *Grupo Revista Científica da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo de Campinas*. Campinas, SP. v.5 (1).
- Terzis, A. (2005) Grupo de atividades com crianças: processo de humanização. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 22, n. 3, Set.
- Terzis, A. (2008) Interpretação dos Sonhos e dos Mitos: Uma Compreensão Psicanalítica. In: *II Congresso de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares "Perspectivas Vinculares en Psicoanálisis Buenos Aires"*. Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología Y Psicoterapia de Grupo. V. 1. p. 123-127.
- Terzis, A.; Fulgencio, L. (2011) O grupo como um lugar para sonhar interlocução entre a perspectiva grupalista de Anzieu e as concepções de Winnicott sobre a teoria do brincar. *Anais do XIV simpósio CEFAS "vínculos na pós-modernidade e intervenções clínicas: grupos, casal, família e instituições"*, Campinas: CEFAS.

- Trindade, E.M.V. (2007) *Filhos de baco: adolescência e sofrimento psíquico associado ao alcoolismo paterno*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, UNB, Brasília.
- Uribari, R. (2004). Sobre o processo adolescente. Em: Graña, R.; Piva, A.(Orgs.). *A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.35-50). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Valle, L. M. S. Tardivo, L.C. (2009) O Adolescente com Conduta Antissocial e sua Família: Estudo Compreensivo e Consultas Terapêuticas. In: *Anais Da VII Jornada APOIAR: Saúde Mental e Enquadres Grupais: A Pesquisa e a Clínica* - São Paulo, 7, de Novembro.
- Vannucchi A. M, Stucchi. (2004). Entre a balada e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 38, n. 2, p. 271-84.
- Veja. (2010) *O Olimpo é pop*. São Paulo, Abril, ed. 2150, ano 43, n. 5, p. 108-109. 03/fev.
- Verzignasse, V. C. P. (2008) *O acting out em um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.
- Winnicott, D. W. (1961) Adolescência: Transpondo A Zona das Calmarias. In: *A Família E O Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Winnicott, D. W. (1967) O Conceito do Indivíduo Saudável. In: *Tudo Começa Em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1969) Morte e Assassinato No Processo Adolescente. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D.W. (1979) *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Zago, M. C. (2009) *O Jogo-Relacional de um Grupo de Pacientes Psicóticos em Atividade Física: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC – Campinas.

ANEXOS

ANEXO I

CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC- CAMPINAS



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Campinas, 05 de maio de 2011

Protocolo 0187/11

Prezada Senhora Cybele Carolina Moretto,

C/C: Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia

Parecer Projeto: PROJETO APROVADO

I – Identificação:

Título do Projeto: Crônicas de um Grupo de Adolescentes: uma experiência psicanalítica.

Pesquisador responsável: Cybele Carolina Moretto

Orientador: Antonios Terzis

Instituição onde se realizará: Núcleo Avançado Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência

Data de apresentação das reformulações solicitadas pelo CEP: 04.05.2011

II – Objetivo:

Descrever alguns processos psíquicos (intrapsíquicos e intersubjetivos) produzidos no aqui- agora de um grupo de adolescentes; compreender a estrutura e o funcionamento psíquico do grupo; verificar se a técnica grupal é eficaz para sensibilizar os participantes aos fenômenos do grupo e se possibilitará a busca de meios apropriados para compreender alguns dos problemas que ali se manifestarem.

III – Sumário:

No estudo será utilizado o método psicanalítico e seu aporte, sendo formado um grupo com oito adolescentes, de ambos os sexos, entre 14 e 16 anos, que realizam ou já realizaram atendimento na instituição.

IV – 2º Parecer do CEP:


Dessa forma, e considerando a Resolução no. 196/96 item VII.13.b, que *define as atribuições dos CEPs e classifica os pareceres emitidos aos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos*, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**.

Conforme a Resolução 196/96, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores" (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-PUC-Campinas o relatório final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

V - Data da Aprovação: 05/05/11

Sendo só o que nos cumpre informar, aproveitamos da oportunidade para renovar votos de estima e consideração.

Atenciosamente.


Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti
Presidente do C.E.P.S.H.P
PUC-Campinas

Rod. Dom Pedro I, Km 136 - Pq. das Universidades - Campinas – SP 13.086-900
Telefone: (0XX19) 3343-6777 - Fax: (0XX19) 3343-6777 e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

ANEXO II

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico” está sendo desenvolvida como requisito exigido para a obtenção do título de Doutor em Psicologia pela Psicóloga Cybele Carolina Moretto junto ao programa de pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Tem como objetivo investigar e descrever algumas formações psíquicas produzidas no aqui-agora de um grupo de adolescentes, compreendendo se o grupo se constitui um dispositivo terapêutico aos participantes. Para isso, o grupo se reunirá uma vez por semana, durante doze sessões, com a duração de noventa minutos cada, sempre no mesmo horário.

A pesquisa não oferece riscos aos participantes, que serão convidados a participar, podendo se recusar ou solicitar a retirada de seu consentimento a qualquer momento ao longo do processo de efetivação da pesquisa, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Será necessária a gravação dos encontros grupais e garantimos que será mantido o sigilo quanto aos dados de identificação dos participantes, havendo também a garantia de que os resultados serão utilizados tão somente para fins científicos.

Coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos no endereço eletrônico cybele.moretto@ig.com.br ou no telefone (15) 9709-1160, bem como o telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3343-6777 ou pelo email comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Cybele Carolina Moretto

CRP 06/69161

Ciente do texto acima, autorizo a psicóloga Cybele Carolina Moretto, doutoranda em Psicologia da PUC-Campinas a realizar a pesquisa com os adolescentes atendidos pelo “Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – CAPSia”.

_____, de _____ de _____

Nome completo: _____

Cargo: _____

Assinatura: _____

ANEXO III

TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO DE DADOS DE PRONTUÁRIOS

A pesquisadora do estudo intitulado “Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico” se compromete a preservar a privacidade dos pacientes cujos dados serão coletados em prontuários bases de dados do “Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – CAPSia”. Concorda, e assume a responsabilidade, de que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução da presente pesquisa. Compromete-se, ainda, a fazer divulgação das informações coletadas somente de forma anônima.

_____, de _____ de _____

Cybele Carolina Moretto
CRP 06/69161

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (aos adolescentes e seus pais)

Esta pesquisa intitulada “Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico” está sendo desenvolvida como requisito exigido para a obtenção do título de Doutor em Psicologia pela Psicóloga Cybele Carolina Moretto, CRP 06/69161, junto ao programa de pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas.

Tem como objetivo investigar e descrever algumas formações psíquicas produzidas no aqui-agora de um grupo de adolescentes, compreendendo se o grupo se constitui em dispositivo terapêutico aos participantes. Para isso, o grupo se reunirá uma vez por semana, durante doze sessões, com a duração de noventa minutos cada, sempre no mesmo horário.

A pesquisa não oferece riscos aos participantes, que serão convidados a participar, podendo se recusar ou solicitar a retirada de seu consentimento a qualquer momento ao longo do processo, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Este trabalho pretende oferecer uma escuta e compreensão emocional aos adolescentes, além de fornecer subsídios às pessoas que lidam com a adolescência. Será necessária a gravação dos encontros grupais e garantimos que será mantido o sigilo quanto aos dados de identificação dos participantes, havendo também a garantia de que os resultados serão utilizados tão somente para fins científicos.

Informo que o participante receberá uma cópia deste termo, na íntegra, e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos no endereço eletrônico cybele.moretto@iq.com.br ou no telefone (15) 9709-1160, bem como o telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3343-6777 ou pelo email comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Eu, _____, R.G.
_____, pai, mãe ou responsável por
_____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, autorizo a participação de meu filho(a) na pesquisa de Doutorado, pela PUC-Campinas, da psicóloga Cybele Carolina Moretto. Autorizo também, respeitadas as condições de sigilo e privacidade, a gravação e utilização do material transcrito, para fins estritamente científicos. Estou ciente de que sua participação é voluntária e que meu filho (a) poderá, em qualquer momento do

processo, se retirar da pesquisa, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Declaro ter recebido informações suficientes sobre os objetivos e métodos da pesquisa, tendo sido esclarecido (a) em relação às minhas dúvidas. Declaro, ainda, que recebi uma cópia desse termo de consentimento na íntegra e por mim assinado.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura dos pais ou responsável _____

Assinatura do(a) adolescente _____

Assinatura da pesquisadora _____